



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ IFCE
CAMPUS FORTALEZA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

EDGAR VICENTE QUINTANILHA DA ROCHA

DANDO CERTO

Uma discussão acerca dos limites do humor

FORTALEZA

2024

EDGAR VICENTE QUINTANILHA DA ROCHA

DANDO CERTO

Uma discussão acerca dos limites do humor

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Artes.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Lira Ximenes

FORTALEZA

2024

EDGAR VICENTE QUINTANILHA DA ROCHA

DANDO CERTO

Uma discussão acerca dos limites do humor

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Artes. Área de concentração: Artes.

Aprovado (a) em: / / .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Lira Ximenes – IFCE - (Orientador)

Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza – UFU - (Examinador Externo)

Prof. Dr. Gilson Brandão Costa – UFC/IFCE (Examinador interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais, Fátima e Idelfonso, que são meu alicerce e sempre me motivaram a seguir firme em cada etapa desta jornada na comédia.

Minha gratidão também à minha irmã, Géssica, pelo carinho e apoio constantes, e ao Vitor Cunha, que esteve presente em momentos fundamentais, me dando força e motivação para seguir em frente.

Um agradecimento especial à cidade de Fortaleza. Com todo o seu calor e intensidade, Fortaleza me ofereceu um palco de desafios e descobertas. Ela me fez repensar a comédia, sofrer e buscar crescer. Essa cidade me tirou da zona de conforto e me convidou a explorar mais profundamente a essência do humor, tanto na teoria quanto na prática.

Agradeço também a todos os comediantes da cena de humor do Ceará, que se tornaram verdadeiros amigos e mestres, de quem tanto aprendi e continuo aprendendo.

E, claro, meus colegas do grupo Queijo Comédia e Cachaça: Arthur Ottoni, Bruno Berg, Gabriel Freitas, Paloma Santos e Ranieri Lima. Foi ao lado deles que dei meus primeiros passos na comédia, e foi com eles que passei a amar profundamente a arte de fazer rir.

Agradeço, por fim, a todos que, em algum momento, compraram um ingresso, se sentaram em uma cadeira e riram – ou até mesmo não – em alguma apresentação minha. Cada uma dessas pessoas faz parte dessa jornada de crescimento, e a elas dedico meu mais sincero muito obrigado.

RESUMO

Esta dissertação explora os limites do humor e a responsabilidade ética do comediante, utilizando a autoetnografia como metodologia para analisar e descrever, a partir da experiência pessoal do autor, os desafios e reflexões na comédia *stand-up* ao longo de 16 anos de trajetória. A pesquisa investiga a relação entre a liberdade de expressão e o compromisso ético do comediante, empregando as apresentações do espetáculo "Dando Certo" como um laboratório prático para testar teorias e avaliar o impacto das piadas sobre diferentes públicos. A partir das experiências vivenciadas e das reflexões geradas, analisa-se como o contexto social e as expectativas do público influenciam a recepção do humor, revelando a necessidade de uma autocrítica constante e de adaptação por parte do comediante. O trabalho reafirma o compromisso com um humor consciente, que considera as consequências das piadas e busca ir além do riso, valorizando a reflexão e a responsabilidade na prática cômica.

Palavras-chave: Comédia *stand-up*. Comédia. Liberdade de Expressão. Limites do humor.

ABSTRACT

This dissertation explores the boundaries of humor and the ethical responsibility of comedians and uses autoethnography as a methodology to analyze and describe, through personal experience, challenges, and reflections regarding *stand-up comedy* throughout the author's 16-year-long career. The research investigates the relationship between freedom of speech and the comedian's ethical commitment, using the performances of the show "Dando Certo" as a laboratory to evaluate theories and assess the impact of jokes on different audiences. Based on the experiences and reflections generated, the study analyzes how social context and audience expectations influence the reception of humor, revealing the need for constant self-criticism and adaptation by comedians. The *work* reaffirms a commitment to conscious humor, which considers the consequences of jokes, seeks to go beyond laughter, and values reflection and responsibility in comedic practice.

Keywords: *Stand-up comedy*. *Comedy*. Freedom of speech. Boundaries of humor.

Lista de Figuras

Figura 1 - Foto do show do Queijo Comédia e Cachaça no Bar Canapé, em 2009. Da esquerda para a direita: Edgar Quintanilha, Arthur Ottoni, Gabriel Freitas, Paloma Santos, Bruno Berg, Geraldo Magela (humorista convidado da noite) e Manuela Camisasca (produtora do grupo na época).....	33
Figura 2 - Foto do show do Comédia em Pé no UCI Cinemas – Iguatemi em Fortaleza, no dia 16 de agosto de 2008. Da esquerda para a direita: Paulo Carvalho, Fábio Porchat, LC Galetto, Márcio Ribeiro (convidado da noite) e Cláudio Torres Gonzaga.....	36
Figura 3 – Flyer da apresentação de estreia do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 06 de maio de 2023.....	62
Figura 4 - Sequência dos textos e piadas que apresentei no espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 06 de maio de 2023.....	65
Figura 5 - Flyer da apresentação do espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 1º de julho de 2023	67
Figura 6 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Recife/PE no dia 02 de julho de 2023	68
Figura 7 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no dia 06 de julho de 2023	70
Figura 8 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo Comedy Club no dia 23 de julho de 2023.....	73
Figura 9 - Flyer da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 30 de setembro de 2023.....	75
Figura 10 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 30 de setembro de 2023.....	76
Figura 11 - Foto após o show com admiradora. Espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 16 de dezembro de 2023.....	77
Figura 12 - Momento em que interagi com a prótese ocular. Espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 16 de dezembro de 2023.....	78
Figura 13 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Recife/PE no dia 17 de dezembro de 2023.....	81
Figura 14 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo Comedy Club no dia 05 de janeiro de 2024.....	83

Figura 15 – Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo Comedy Club no dia 12 de julho de 2024.....	84
Figura 16 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 18 de maio de 2024	86
Figura 17 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo na Casa da Comédia Carioca no Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 2024	88
Figura 18 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo no Acústico Comedy em São Paulo no dia 26 de julho de 2024	89

Lista de Siglas e Abreviaturas

AACD – Associação de Assistência à Criança com Deficiência

ABRADE-RJ – Associação Brasileira de Direito Eleitoral – Rio de Janeiro

BH – Belo Horizonte

CE – Ceará

CQC – Custe o que Custar

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPJ – Instituto Nacional de Pesquisas Jurídicas

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e Outras

MC – Mestre de Cerimônia

MG – Minas Gerais

MTV – *Music Television*

PE – Pernambuco

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul

RN – Rio Grande do Norte

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

STF – Supremo Tribunal Federal

TV – televisão

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. A COMÉDIA E EU	31
2.1 <i>Origem e Popularização do Stand-up: Dos Palcos Americanos ao Cenário Brasileiro</i>	31
2.2 <i>Meu Início no Stand-up e o Queijo Comédia e Cachaça.....</i>	33
2.3 <i>A estrutura de uma piada.....</i>	37
2.4 <i>Provocação e Ética: O Dilema do Humorista</i>	40
2.5 <i>Reflexões Sobre a Responsabilidade no Humor</i>	44
2.6 <i>Humor e Liberdade de Expressão: Limites e Consequências</i>	47
3. DANDO CERTO – O SURGIMENTO DE UM ESPETÁCULO	55
3.1 <i>Dando Certo: A Conexão Entre Experiência e Novas Criações.....</i>	55
3.2 <i>O Desafio de Criar um Espetáculo Solo.....</i>	58
3.3 <i>A Estreia do “Dando Certo”</i>	61
3.4 <i>Explorando Novos Palcos.....</i>	65
3.5 <i>Entre o Improviso e os Limites do Humor</i>	74
3.6 <i>O Caminho do Comediante: Futuro do Espetáculo e da Carreira.....</i>	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5. REFERÊNCIAS.....	96
ANEXO A — TEXTO DO ESPETÁCULO “DANDO CERTO”.....	99

1. INTRODUÇÃO

Rir é uma expressão natural e inata que acompanha a vida humana desde o nascimento, sendo uma manifestação física profundamente entrelaçada à nossa existência. É por isso que o riso e a gargalhada se apresentam de maneira universal, atravessando culturas ao redor do mundo. Henri Bergson, importante filósofo francês do século XX, afirma em seu livro *O Riso: ensaio sobre o significado do cômico* que rir é fundamentalmente humano. Ele destaca a complexidade da consciência humana e nossa capacidade única de refletir sobre a própria existência. Para Bergson, o riso está ligado à inteligência e à capacidade de perceber a vida de uma maneira peculiar, surgindo quando há uma percepção de alguma forma de rigidez, mecanização ou inadequação nas situações da vida. A capacidade de perceber esses elementos e reagir com humor é, para ele, uma expressão da inteligência humana (BERGSON, 1983).

Ao conectar o riso à nossa capacidade singular de interpretar a vida, Bergson defende que os seres humanos não apenas vivenciam a realidade, mas também têm a capacidade de interpretar e entender essa realidade de maneira única e muitas vezes humorística.

No entanto, o poder do riso vai além. A comédia, em suas diversas formas, pode tanto aliviar quanto perpetuar opressões, especialmente quando se trata da representação de minorias sociais. Esse paradoxo, entre o riso que diverte e o riso que oprime, é o cerne das reflexões que guiam este trabalho.

Nos últimos anos, o *stand-up comedy* se consolidou como uma das formas mais populares de expressão humorística no Brasil. O gênero se caracteriza por ser um humor de "cara limpa", onde o comediante se apresenta sozinho, sem recorrer a personagens, figurinos ou maquiagens. O nome *stand-up*, que em inglês significa "em pé", faz referência à maneira como o comediante realiza suas apresentações: geralmente de pé, apenas com um microfone em mãos, dependendo de suas piadas e da interação direta com a plateia para provocar o riso. Piadas essas que não são anedotas e sim histórias engraçadas ou reflexões do cotidiano contadas em um texto humorístico autoral.

Minha jornada no *stand-up* começou em 2008, com a criação do Queijo Comédia e Cachaça, o primeiro grupo de comédia *stand-up* de Minas Gerais. Além de mim, o grupo foi formado por outros cinco comediantes: Bruno Berg, Gabriel Freitas, Paloma Santos, Arthur Ottoni e Ranieri Lima. O Queijo Comédia e Cachaça se destacou por suas noites de apresentações fixas, que permaneceram em atividade por oito anos em bares de Belo Horizonte.

O grupo também expandiu sua atuação para o rádio, com o programa Café Comédia, e seus integrantes ganharam visibilidade em diversos programas de TV, consolidando-se como referência na cena humorística mineira.

Quando o Queijo Comédia e Cachaça foi criado, eu tinha apenas dezesseis anos, e o *stand-up comedy* ainda era um conceito relativamente novo no Brasil, sem nenhum representante desse estilo em Belo Horizonte. As oportunidades para aspirantes a comediante eram escassas, o que nos motivou a buscar nossos próprios espaços de apresentação. Aos poucos, criamos as condições necessárias para que a comédia *stand-up* se estabelecesse na capital mineira.

O grupo se apresentava semanalmente em Belo Horizonte, no bar Canapé, sempre às terças-feiras. O local tinha capacidade para cerca de cem pessoas, e esse era aproximadamente o número de espectadores que comparecia já nas primeiras apresentações. Impulsionado pela crescente popularidade do *stand-up* no país, o Queijo Comédia e Cachaça rapidamente conquistou sucesso de público.

Juntos organizávamos shows em bares e teatros o que era uma experiência verdadeiramente desafiadora. Não era apenas uma questão de contar piadas, mas também de observar o mundo ao nosso redor, encontrar situações cotidianas engraçadas e transformá-las em material para nossos shows. Tínhamos que enfrentar o medo do palco, aprender a lidar com diferentes públicos, produzir os próprios shows e escrever textos autorais.

[...] a autoria do texto representa para o comediante *stand-up* a valorização de seu trabalho, cuja criação textual deve estar pautada em “ideias” próprias, que expressem seu “ponto de vista” sobre as situações que serão apresentadas em formato cômico. A liberdade temática e discursiva que o gênero propõe assenta-se em referenciais próprios, em que o comediante é criador e performer de seu próprio texto (SECHINATO, 2015).

Como comediante, vejo no *stand-up* uma oportunidade única de expressar minha essência de forma humorística. Nesse estilo, tenho a liberdade de trazer para o palco minhas vivências pessoais e transformá-las em piadas, explorando temas que são genuinamente meus. A autoria no *stand-up* é essencial, pois dá ao comediante a liberdade de criar e transmitir suas próprias ideias, permitindo uma expressão genuína e singular em cada apresentação.

Assim, ao subir no palco pela primeira vez, tive a oportunidade de levar para o público as experiências do meu cotidiano de uma maneira única e autêntica, explorando temas que refletiam minha visão de mundo e minha perspectiva como comediante *stand-up*.

Estreei no *stand-up* em 23 de julho de 2008, apresentando minhas piadas autorais por dez minutos para um público completamente desconhecido. Naquele momento, compartilhei minhas opiniões e minha "visão de mundo", mas, em algumas ocasiões, preferi explorar outros pontos de vista para abordar e criar humor sobre determinados temas. Nem sempre o comediante reflete diretamente suas opiniões pessoais em suas piadas; o humor, muitas vezes, é utilizado para explorar uma variedade de temas sem necessariamente expressar a opinião direta do comediante.

Os temas para aquela estreia eram o que se pode esperar de um adolescente: virgindade, observações sobre a vida escolar e outros assuntos do universo juvenil. Isso também foi feito pelos demais integrantes, que subiam ao palco para apresentar seus textos autorais sobre vários outros assuntos. Cada um de nós trazia um estilo único de comédia, o que tornava as apresentações diversificadas, com pontos de vista diferentes.

Nesse primeiro momento, estávamos todos tateando e aprendendo durante o processo. Eram poucas as referências nacionais e as internacionais eram de difícil acesso. Ter começado no *stand-up* desde o início do seu movimento, me fez aprender a fazer comédia, principalmente, por meio da prática.

Ao longo dos anos, o Queijo Comédia e Cachaça conquistou seu espaço no cenário da comédia. O grupo foi, por muito tempo, referência da comédia *stand-up* em Minas Gerais.

Isso fez com que eu tivesse a oportunidade de, já nos primeiros anos da minha carreira de comediante, dar passos significativos. Em 2010, fui convidado a apresentar um programa de rádio ao lado dos colegas do grupo. No ano seguinte, participei do primeiro concurso de *stand-up* da TV brasileira, no qual cheguei à final, e em 2012, integrei a 2ª Maratona do Humor, um quadro televisivo que combinava provas de *stand-up comedy* e improvisação teatral entre grupos de comediantes e improvisadores. Ambas as oportunidades ocorreram no programa Tudo é Possível, da Rede Record, apresentado pela Ana Hickmann.

Com esse histórico na comédia, que se iniciou ainda na minha adolescência, posso dizer que vivo a comédia *stand-up* há muitos anos. Fui aprendendo a me adaptar, aperfeiçoar meu *timing*¹ e a trabalhar o tom certo para me conectar com a plateia. Cometi muitos erros, ajustei

¹O *timing* ou tempo de comédia, como muitas vezes é referido, se trata do uso de elementos como ritmo, tempo e pausas a fim de intensificar os elementos cômicos em uma performance de comédia. Trata-se da habilidade de discernir o momento ideal para fazer uma piada – bem como o momento oportuno para se abster de fazê-la.

minhas piadas, experimentei, renovei os textos e encontrei minha própria voz no palco, a minha persona². E esta caminhada permanece, pois o amadurecimento como comediante é um processo contínuo, um esforço constante por evolução e aprimoramento. Além disso, uma busca por reconhecer a plateia e identificar o que faz aquelas pessoas rirem, dado que a comédia não é atemporal e o que é engraçado hoje, pode não continuar sendo no futuro.

Hoje a comédia *stand-up* é parte essencial de quem sou e assim deve ser. Na minha opinião, o comediante precisa ser, em seus textos e apresentações, honesto com a sua própria realidade, para assim passar credibilidade para o público.

A comédia *stand-up* é uma arte muito expositiva, o que, ao longo da minha carreira me causou certa insegurança devido, principalmente, à exteriorização de assuntos muito pessoais. Não é fácil se “desnudar” para uma plateia, sendo ela formada por desconhecidos, que vão rir de suas histórias mais íntimas, ou de suas observações mais pessoais acerca do cotidiano. Mas, ao mesmo tempo, essa experiência proporciona uma enorme sensação de “poder”.

Fazer *stand-up* é estar em evidência num palco, com um microfone na mão, tendo a sua voz – e a sua opinião – como a mais retumbante daquele espaço, isto assegurado pelos recursos que te sustentam (microfone, palco, foco de luz e outros).

O comediante sozinho comanda uma plateia – ou é isso que ele espera. Reconheço que isso pode ser perigoso se lhe falta preparo, experiência e, principalmente, bom senso. Este último já me faltou por muitas vezes ao longo desses anos de carreira. Talvez pela pouca idade, eu possuía uma coragem – ou falta de noção – que hoje não mais possuo com a mesma intensidade. Provavelmente, a maturidade seja a causa desta mudança. Lembro-me que meus colegas de grupo, no momento de me chamarem ao palco muitas vezes me apresentavam ao público como “aquele que não possui filtro social”. Exagerava na acidez das piadas. Mesmo temendo a exposição intensa, meu humor era bastante sarcástico e irônico. Isto acontecia inclusive nas interações com a plateia, o que já me colocou em situações delicadas.

Porém, em um momento da minha jornada como comediante, estagnei. Não tinha mais vontade de continuar abordando os assuntos que estavam presentes em meus textos. No entanto,

²Persona é uma atitude emocional específica, presente em todo o show do comediante (CARTER, 1989). É uma energia extra cotidiana que o comediante escolhe levar para o palco para apresentar suas piadas sob aquela influência. Falarei mais sobre persona posteriormente.

não conseguia escrever novas piadas, pois sentia que não estava preparado para expor detalhes da minha vida que influenciariam em meus textos e em minhas apresentações.

Isto fez com que, em 2017, eu desistisse da comédia *stand-up*. Já fazia shows há oito anos, mas comecei a sentir um desconforto muito grande, tanto com os temas que eu estava abordando, quanto com as piadas que vários colegas contavam nas noites de apresentação. Eu sentia que não estava mais me desnudando para o público.

Por medo da rejeição e inúmeros conflitos internos, eu acreditava que não deveria falar abertamente sobre minha sexualidade em minhas piadas. A coragem que eu tinha aos 16 anos já não era mais a mesma. Se abordar esse tema com amigos e familiares já era um desafio, levar essa questão ao palco e tentar gerar riso a partir dela era algo que ainda me deixava profundamente desconfortável.

Além disso, muitas piadas no meu texto eram preconceituosas e meu senso crítico não me deixava à vontade para falar sobre determinados assuntos da maneira que eu estava falando. Ainda que o público estivesse rindo, eu já não estava mais feliz contando aquelas piadas. Ademais era comum ver colegas subindo ao palco e fazendo textos com piadas completamente machistas, homofóbicas, gordofóbicas e outros tantos preconceitos.

Bergson dá ao riso uma função social e o coloca como antagônico à bondade ao dizer que “o riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vinga-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade” (BERGSON, 1983, p. 92).

Essa ideia fundamenta-se na percepção de que o riso muitas vezes ocorre em resposta a algo percebido como inadequado, estranho ou fora do comum. Mas se o riso é um “castigo”, que não teria seu objetivo alcançado se nele trouxesse empatia, seria a comédia um lugar puramente de ataques, e, assim sendo, perpetuação de preconceitos e estereótipos? Essas eram algumas indagações que me inquietavam durante este período em que eu estava passando por uma fase de compreensão da minha homossexualidade, tema que é amplamente usado na comédia como chacota para gerar o riso. Não queria fazer parte de apresentações em que o humor fosse usado para perpetuar estereótipos e opressões, especialmente porque eu mesmo me sentia oprimido.

Decidi então me afastar da comédia e, por um ano, estive fora dos palcos, o que hoje percebo como tendo sido a escolha mais acertada. Nesse período, refleti bastante e me questioneei se deveria voltar à comédia ou se seria mais sensato me manter afastado definitivamente. Por fim, decidi aguardar um tempo e quando voltei aos palcos tive coragem de me colocar como comediante homossexual para um público, em sua maioria, hétero. Meu retorno foi carregado de um desejo de escrever piadas para compartilhar quem eu sou, não apenas como comediante, mas também como uma pessoa que não quer contribuir para um ambiente que promove preconceitos.

Existem diversas maneiras de fazer comédia e aliar informação com bom humor foi a que eu encontrei para me reconectar com a comédia, neste momento específico do meu percurso de comediante, para retornar a ter prazer pela escrita cômica.

Não há uma fórmula precisa para se criar humor. Um ato cômico não precisa, necessariamente, carregar consigo um ponto de reflexão para se tornar interessante. A comédia em sua forma pura, aquela que visa simplesmente proporcionar entretenimento, possui seu próprio valor. O riso pela simples busca da diversão é, por si só, uma expressão valiosa do humor.

Heródoto, importante historiador grego da antiguidade e considerado pelo filósofo Cícero como o "pai da História", fez uma importante observação sobre as comédias gregas. Para isso, ele narra a história do rei egípcio Amassis:

[...] Amassis, todo dia, depois dos assuntos sérios, ‘passava à mesa, onde caçoava de seus convivas e só pensava em divertir-se e em fazer brincadeiras engenhosas e indecentes.’ Seus amigos o repreenderam: ‘não sabes manter a honra de tua posição e a aviltas.’. Ao que ele respondeu com uma comparação que, em seguida, foi retomada pelos moralistas: ‘Não sabeis que só se estica um arco quando há necessidade e que, depois que foi usado, precisa ser afrouxado? Se nós o mantivermos sempre tenso, ele arrebentará e não podemos mais utilizá-lo quando for necessário. Ocorre o mesmo com o homem: se ele permanecer sempre voltando para as coisas sérias, sem relaxar e sem se entregar aos prazeres, tornar-se-á, sem perceber, louco ou estúpido (HERÓDOTO, 2020; MINOIS, 2003).

Essa metáfora representa de forma figurativa a necessidade humana de descontrair e, em determinados momentos, permitir-se esquecer as responsabilidades e questões mais sérias da vida para relaxar. Nesse contexto, destaca-se a relevância da comédia como forma essencial de entretenimento. Ao proporcionar momentos de leveza e riso, a comédia pode atuar como uma válvula de escape saudável, oferecendo um respiro em meio às tensões cotidianas.

No entanto, é importante notar que a comédia pode ter diferentes abordagens e objetivos além de simplesmente fazer rir, como comentar sobre a sociedade, satirizar comportamentos, transmitir mensagens e até mesmo explorar o lado absurdo da vida. Portanto, uma piada pode ter camadas mais profundas e significados mais amplos, se assim for do interesse do comediante e da plateia. Acredito na importância da comédia e sua força como linguagem, sendo ela uma ferramenta para levantar discursos tanto positivos quanto negativos.

Em entrevista para o canal GNT em junho de 2019, o comediante Fábio Porchat, ao ser interpelado sobre o objetivo da piada que é de descontração, mas que também auxilia na legitimação de certos discursos, disse que:

Era pior em 1970 [...] para negros, gays, mulheres. Em 1990 era “menos pior” que os anos 70, mas ainda pior que hoje. A gente está evoluindo enquanto sociedade. As piadas com negro, gay, mulher já diminuíram. Eu não ouço uma piada de loira burra acho que há 25 anos. Vai perdendo a graça e se perde a graça, o comediante não faz. A piada não vive. Ela não vinga. É isso que eu digo, o que a gente tem que tentar mudar é a mentalidade, é a política pública (PORCHAT, 2019).

Percebo que piadas que propagam a homofobia, transfobia, machismo e outros preconceitos estão gradualmente diminuindo nas apresentações de comédia e enfrentando uma crescente falta de aceitação por parte do público. Isso também reflete uma mudança no humor, onde o estilo preconceituoso está sendo cada vez mais relegado a noites específicas para este tipo de comédia. Já presenciei, inclusive, uma plateia que se queixou com o comediante após uma piada preconceituosa.

No entanto, piadas assim ainda ocorrem em algumas apresentações. É válido ponderar se a persistência desse tipo de humor se deve somente às escolhas do comediante ou também à aceitação do público.

Por um lado, acredito que os comediantes têm a responsabilidade ética de escolher seu material com cuidado, evitando perpetuar estereótipos ou promover discriminação. É assim que lido com os meus textos. No entanto, a demanda do público por determinados tipos de humor pode incentivar comediantes a explorar territórios questionáveis em busca do “riso fácil”. Essa é uma justificativa, a outra é que de fato existem comediantes que optam por apresentar algo provocativo.

Já que se a piada perde a graça, o comediante não a faz, como elucida Porchat, a dinâmica entre comediante e público pode criar um ciclo, onde o que é aceito e aplaudido influencia diretamente no que é oferecido em termos de conteúdo cômico.

Portanto, a persistência de piadas preconceituosas pode ser atribuída, em parte, a um sistema interativo, em que tanto os comediantes quanto o público desempenham papéis complementares.

Certamente, a ética do artista desempenha um papel crucial na seleção do material cômico a ser apresentado para o público, mas será que a barreira da aceitabilidade de uma piada se resume apenas à consciência individual do comediante? Até que ponto a responsabilidade sobre uma piada recai exclusivamente sobre a ética do comediante?

Compreendo a ética como o conjunto de princípios, valores e costumes que orientam as ações humanas, que se baseiam em valores morais e no respeito mútuo. Ser ético significa agir de acordo com as normas e padrões estabelecidos pela sociedade em que se vive, considerando o impacto de suas decisões sobre os outros e sobre o bem-estar coletivo. Esses princípios éticos variam conforme as diferentes culturas e contextos sociais, refletindo as noções locais do que é certo e errado. Em essência, a ética envolve a busca pela harmonia entre o indivíduo e sua comunidade, promovendo relações justas, responsáveis e respeitadas.

Segundo o filósofo Cassiano Cordi (CORDI, 2021), “ética é uma reflexão sistemática sobre o comportamento moral. Ela investiga, analisa e explica a moral de uma determinada sociedade”. Já a moral, segundo o historiador e educador Gilberto Cotrim (COTRIM, 2021), abrange um conjunto de diretrizes, princípios e costumes que direcionam e orientam as ações humanas fundamentadas nos valores característicos de uma determinada comunidade ou grupo social.

Assim, a ética no humor envolve a conscientização sobre o poder das palavras, por parte do comediante e o compromisso com a promoção de uma cultura com mais respeito. Ela requer uma abordagem cuidadosa por parte dos comediantes, reconhecendo a importância de equilibrar a liberdade de expressão com o respeito pelas diferenças e a dignidade humana.

A consciência ética do comediante é indiscutivelmente vital, mas ela deve ser o elemento determinante na decisão de contar ou não uma piada?

Ao considerar o aspecto ético, é essencial ponderar sobre os limites éticos impostos pelas leis brasileiras. O que é aceitável em termos de humor pode variar drasticamente de acordo com as leis que regem a liberdade de expressão e os limites postos pela sociedade. Nesse contexto, a ética do comediante se entrelaça com normas legais e sociais, formando uma rede complexa de considerações.

Até que ponto a ética individual do comediante é suficiente para barrar uma piada, considerando as influências externas das leis e das aceitabilidades sociais? Seria então a interseção entre ética pessoal do comediante, legislação brasileira e aceitações sociais que determinariam o chamado limite do humor?

Eu busco fazer um humor que não ataca minorias e nem reforça preconceitos e estereótipos, mas ainda cometo erros. Por vezes, sinto que ultrapasso o “limite”. Mas que limite é esse? Há, portanto, um limite?

Vivenciando o movimento da comédia *stand-up* desde 2008, tanto nos palcos, quanto nos camarins, percebo que discussões acerca dos limites sempre aparecem quando o assunto é comédia.

Muitos excessos cometidos por comediantes, no que se refere aos limites do humor, fizeram com que essa discussão se aprofundasse no Brasil. Em minha vida, esses questionamentos ganharam maior força no meu círculo profissional a partir de 2011, após a piada do comediante Rafinha Bastos, durante o programa CQC na TV Bandeirantes. Ele disse, em relação à cantora Wanessa Camargo, na época grávida, que “comeria ela e o bebê”. Além da piada, a situação se agravou com o fato do comediante se recusar a pedir desculpas pelo referido comentário, alegando que era apenas uma piada e defendendo a ideia de que uma piada é só uma piada.

Em entrevista ao programa De Frente com Gabi (BASTOS, 2012), ao ser interpelado pela apresentadora Marília Gabriela sobre o porquê de não ter pedido desculpas, mesmo que em forma de piada, Rafinha Bastos defendeu que isto abriria um “precedente terrível contra a [...] profissão”. Entretanto, diversos comediantes discordaram da postura de Rafinha Bastos nessa situação, evidenciando que a questão dos limites do humor não encontra consenso nem entre aqueles que atuam profissionalmente na comédia. O humorista Marco Luque, na época também integrante da bancada do programa CQC, ao lado de Rafinha Bastos, chegou, inclusive, a divulgar uma nota de repúdio à piada feita por Rafinha no programa da Band.

A questão de um comediante pedir desculpas envolve diferentes perspectivas dentro da profissão. Alguns argumentam que a liberdade de expressão e a busca por provocar o riso muitas vezes levam a piadas controversas, e pedir desculpas pode ser interpretado como censura ao humor. Por outro lado, há quem defenda que comediantes também têm a responsabilidade de

considerar o impacto de suas palavras, especialmente quando estas ultrapassam limites éticos ou ofendem grupos específicos.

A decisão de pedir desculpas varia de comediante para comediante, dependendo de sua abordagem pessoal, valores e ética profissional. Alguns comediantes reconhecem erros e se desculpam quando percebem que suas piadas podem ter causado danos significativos, enquanto outros podem se manter firmes em suas posições, alegando que sua intenção é simplesmente provocar o riso, mesmo que isso envolva temas controversos. A complexidade dessa questão reflete a diversidade de opiniões dentro da comunidade de comediantes e do público em geral.

Me recordo que, por fazer parte de um grupo de comédia que já possuía destaque na cena belo-horizontina, alguns veículos jornalísticos entrevistaram a mim e aos demais integrantes do Queijo, Comédia e Cachaça, a fim de saber nossa opinião a respeito do mencionado caso do comediante Rafinha Bastos, que havia tomado proporção nacional na época.

Foi nesta ocasião que, pela primeira vez, ainda sem nenhum preparo e nenhuma segurança sobre minha resposta, respondi a famigerada pergunta: qual é o limite do humor? Desde então já respondi a esta pergunta muitas vezes e, ainda não me sinto seguro da minha resposta. Certamente essa inquietação é a força motriz dessa pesquisa.

O comediante *stand-up* e apresentador de televisão, Danilo Gentili, elucida no documentário O Riso dos Outros (“O Riso dos Outros”, 2012) que “toda piada tem um alvo. O alvo pode ser um discurso, um objeto, uma etnia, um país ou pode ser uma pessoa com nome e rosto conhecidos”. Sendo assim, algo ou alguém sempre será colocado em evidência para que uma piada seja feita. Porém se toda piada tem um alvo, por que o alvo, muitas vezes, é o mesmo? Por que as ditas minorias, já sempre tão atacadas, costumam ser os principais alvos das piadas?

Se considerarmos que as piadas são produzidas não apenas como conteúdo de entretenimento, mas também como forma de posicionamento político, pode-se inferir que esses discursos podem colaborar para a manutenção de relações de poder.

[...] o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2007).

O uso de minorias como alvos de piada é o reflexo de dinâmicas sociais complexas e históricas. Piadas que envolvem minorias, muitas vezes, se baseiam em estereótipos e

preconceitos enraizados na sociedade. Com isso, acredito que o humor pode ser uma ferramenta para reforçar e manter essas relações de poder e hierarquia. Penso que piadas que atacam as pessoas tidas como minorias sociais podem ser, também, uma forma de afirmar o poder do grupo majoritário, marginalizando e desvalorizando aqueles que são percebidos como não pertencentes a este grupo.

Porém, muitos ainda riem dessas piadas. Essas dinâmicas de poder são muito presentes em programas de televisão, filmes, mídias sociais. O comediante, muitas vezes, perpetua certos discursos em busca de risadas e essa busca é o seu principal papel. Do outro lado, encontra-se o público que, possivelmente absorvido pela piada e encontrando diversão nela, pode negligenciar a análise crítica do fato de que a referida piada está permeada por preconceitos.

Muitos defendem que não poder usar determinados temas ou grupos sociais como alvo para piadas seria censura e, com isso, seria contrário à liberdade de expressão.

A liberdade de expressão é um direito fundamental em sociedades democráticas que garante a livre manifestação de ideias e opiniões. No entanto, esse princípio não é totalmente absoluto e gera debates sobre seus limites, especialmente quando colide com questões sensíveis como é a temática do respeito aos direitos de minorias.

Neste mesmo documentário, *O Riso dos Outros*, Jean Wyllys, ex-deputado federal, destaca que “a liberdade de expressão, como todas as liberdades, tem limites. A minha liberdade se encerra onde começa o direito do outro, o reconhecimento do outro”.

Em outras palavras, temos o direito de expressar nossas opiniões e ideias, mas esse direito não deve ser utilizado de maneira a violar os direitos fundamentais ou o reconhecimento dos outros. Isso implica que, em uma sociedade democrática, as pessoas devem respeitar os limites éticos e legais ao expressar suas opiniões, evitando causar danos injustificados aos outros. Mas e se essas ideias se apresentarem em forma de piada?

Se uma pessoa pronuncia ofensas racistas a um/a negro/a, ela possivelmente será malvista e poderá sofrer consequências judiciais. Agora, se alguém conta uma piada que envolve o estereótipo preconceituoso e racista que implique que um negro é ladrão, provavelmente, esse discurso será visto como “apenas uma brincadeira” (OLIVEIRA, 2016).

Essas reflexões me trazem questionamentos como: uma piada é só uma piada? Ou uma maneira de se transmitir uma ideia, um conceito através de um discurso engraçado? Mesmo quando aquilo que está sendo dito não reflete, necessariamente, a opinião do comediante, pode-

se fazer piadas sobre qualquer assunto? Interferir na liberdade de criação de um comediante seria censura? Como agir quando aquilo que o comediante está apresentando em forma de piada se trata de preconceito ou, até mesmo, de um crime?

Para esta última pergunta, o jornalista Mario Sabino, ex-diretor de O Antagonista³, ressalta que o campo da liberdade de expressão está minado no Brasil, e o espaço reservado ao humor também se tornou perigoso. Ele enfatiza a importância de não criminalizar piadas, mesmo que sejam de mau gosto ou estúpidas. Ao invés disso, ele propõe aprender a parar de rir delas, em um processo democrático e mais eficaz. “Não criminalizemos piadas. Se são de mau gosto ou denotam estupidez, apenas aprendamos a não rir delas” (SABINO, 2023).

Sabino sugere que a sociedade deve exercer sua liberdade de escolha ao decidir não apoiar ou rir de piadas inadequadas, ao invés de as proibirem legalmente. Essa sugestão propõe cultivar um senso crítico e de responsabilidade ao lidar com conteúdo humorístico, sem impor a ele restrições legais.

Esta responsabilidade, no entanto, deve ser transmitida para a plateia? Djamila Ribeiro, mestre em filosofia, ativista e feminista, argumenta que:

Alguns humoristas, quando criticados, dizem estar sendo censurados. Há que se explicar para esses humoristas o que é censura. Primeiro, eles dizem e fazem coisas preconceituosas. Quem se sentiu ofendido, reclama. Onde está a censura nisso? Incomodam-se pelo fato de, cada vez mais, muitas pessoas denunciarem e gritarem ao ver suas identidades e subjetividades aviltadas; é como se dissessem “nem se pode mais ser racista, machista em paz”. Acreditam ter uma espécie de poder divino de falarem o que querem sem serem responsabilizados (RIBEIRO, 2014).

O cerne da argumentação de Djamila Ribeiro é que a liberdade de expressão não isenta alguém de ser questionado ou responsabilizado pelas coisas que diz ou faz. Quando pessoas se sentem ofendidas, elas têm o direito de reclamar. Djamila destaca que a crítica não é censura, mas uma resposta legítima de expressões que podem perpetuar estereótipos ou prejudicar determinados grupos.

Ribeiro argumenta que os humoristas podem ficar incomodados pelo fato de cada vez mais pessoas denunciarem e protestarem contra conteúdos que aviltam identidades e subjetividades e sugere que isso pode ser interpretado como uma reação à mudança social, onde comportamentos racistas, sexistas e preconceituosos estão sendo cada vez menos tolerados.

³ O Antagonista é um portal online jornalístico brasileiro

Djamila defende ainda que todos devem ser responsáveis pelas palavras que escolhem usar, especialmente quando estas têm o potencial de causar danos ou perpetuar estereótipos prejudiciais, mesmo que estas palavras sejam ditas em formato de piada.

Eu acredito que, estimular a plateia a não rir, seja colocar em foco apenas a liberdade de escolha individual, destacando a autonomia e a capacidade de cada pessoa para decidir o que considera aceitável ou inaceitável. No entanto, é importante reconhecer que escolhas individuais muitas vezes são influenciadas pelo contexto social, educação, cultura e experiências de vida.

Modificar reações arraigadas, como o hábito de rir de piadas preconceituosas, pode ser desafiador. As pessoas podem estar condicionadas por normas sociais e influências culturais. A mudança de comportamento exige reflexão, educação e conscientização. Acredito que a ênfase na liberdade de escolha individual, pode negligenciar o papel mais amplo das estruturas sociais e das influências culturais na formação de atitudes. Na minha opinião, mudanças significativas muitas vezes requerem esforços coletivos.

A proposta de Sabino de "aprender a não rir" de piadas que sejam de mau gosto ou estúpidas contém em si a importância da educação e sensibilização. Creio que a disponibilidade do comediante para receber reclamações cria espaço para o diálogo construtivo. Isso pode levar a conversas mais amplas na sociedade sobre o impacto de uma piada.

Em suma, acredito que quando as pessoas expressam suas reclamações ao se sentirem ofendidas, isso valida não apenas suas dores e opressões, como também contribui para a conscientização e educação de outras pessoas.

Acredito que seja necessário que, para além da liberdade para criação, também exista responsabilidade do comediante na criação de suas piadas e disponibilidade para ouvir perguntas e respostas que possam surgir depois de suas piadas. Respostas estas que podem ser inclusive judiciais e não podem ser tratadas como mimimi.

A expressão mimimi de conotação pejorativa é usada para descrever uma pessoa que reclama muito ou para se referir a uma queixa, uma reclamação considerada injustificada ou exagerada. Aparece costumeiramente em respostas a estas pessoas que resolvem expressar sua insatisfação diante de uma piada.

A pessoa “mimizenta” seria aquela que não se apraz com piadas ácidas, que colocam as minorias como alvo, ou com o humor politicamente incorreto. Muitos adeptos desse humor, criticam o politicamente correto alegando tolher a sua liberdade de expressão.

Compreendo o humor politicamente incorreto como aquele que aborda temas considerados sensíveis ou controversos, muitas vezes de maneira que desrespeita ou desafia normas sociais e culturais sobre o que é aceitável ou apropriado. O pesquisador Mateus Pranzetti Paul Gruda, em seu livro *O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo* defende que este humor seria aquele que “transgrediria todo e qualquer limite imposto pelas relações e convenções sociais, provocando desconfortos e disputas em torno dos significados que esta modalidade de humor ataca e/ou propõe ao corpo social” (GRUDA, 2015).

Esse tipo de humor tende a brincar com estereótipos, preconceitos e situações delicadas, muitas vezes fazendo piadas que podem ser vistas como ofensivas por alguns grupos ou indivíduos. Portanto, eu acredito ser necessário reconhecer que a crítica ao politicamente incorreto não é apenas um embate sobre a liberdade de expressão; trata-se também de uma reflexão sobre o impacto social do humor.

Nesse contexto, o direito de se ofender com uma piada e reclamar não é meramente uma questão de “mimimi”, mas uma reação legítima à perpetuação de narrativas que histórica e socialmente oprimem e causam danos.

A resistência ao politicamente correto, muitas vezes se manifesta porque alguns comediantes desejam ultrapassar certos limites sociais e culturais, sem serem responsabilizados pelas consequências. Em muitos casos, a defesa do humor politicamente incorreto reflete uma tentativa de preservar a liberdade de dizer o que se quiser, inclusive sobre temas sensíveis ou controversos. No entanto, essa postura é cada vez mais questionada, pois já não há espaço para piadas que reforcem preconceitos ou que ofendam minorias sociais sob o disfarce da comédia.

Há críticos que defendem que o humor deveria ser mais do que apenas o “riso pelo riso”, servindo como espaço para reflexões sociais e críticas. Essa visão busca funcionalizar o riso, transformando-o em uma ferramenta de questionamento e mudança. Entretanto, teóricos como Henrique Bezerra de Souza, Professor do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutor em Teatro pela UDESC, apontam que “a recorrência em tentar atribuir ‘sentidos superiores’ ao gênero cômico pode ser interpretada como uma forma de apontar justificativas para sua existência” (SOUZA, 2013). Essa necessidade revela um esforço

contínuo para justificar o valor do gênero cômico, o que ainda denota uma visão de que ele seria uma forma de arte menor.

Essa desvalorização da comédia ocorre, em parte, por uma comparação inadequada com outros gêneros. Souza destaca que "o cômico deve ser estudado, antes de mais nada, por si e enquanto tal. Suas especificidades em muito diferem dos outros gêneros, assim como os outros gêneros em muito diferem dele" (SOUZA, 2013). A comédia, portanto, precisa ser analisada com suas próprias particularidades, sem a obrigação de justificar seu valor através de uma função reflexiva.

Ainda assim, Mikhail Bakhtin, teórico literário russo que contribuiu significativamente para a compreensão do riso e do carnaval na cultura, reconhece que o riso pode exercer um papel funcional na sociedade. Ele observa que

[...] na literatura se atribui ao riso um lugar entre os gêneros menores, que descrevem a vida de indivíduos isolados ou dos extratos mais baixos da sociedade; o riso é ou um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo útil que a sociedade usa para os seres inferiores e corrompidos (BAKHTIN, 2021).

Ao apontar que o riso pode funcionar como "uma espécie de castigo útil", Mikhail Bakhtin se alinha com a ideia de que o riso pode ser utilizado pela sociedade como uma forma de punição, especialmente destinada aos "seres inferiores e corrompidos". Muito além de uma expressão de diversão, o riso pode ser utilizado para reforçar normas sociais, ridicularizando comportamentos considerados inadequados.

De forma semelhante, o filósofo inglês Thomas Hobbes, aponta que o riso surge de uma percepção de superioridade do ser humano impregnada da arrogância íntima de que “esse equívoco eu não cometo”. Segundo Hobbes, o riso é

a honra súbita [...] suscitada por uma concepção súbita de alguma superioridade em nós, em comparação com a fraqueza dos outros, ou com uma fraqueza nossa anterior, porque os homens riem das tolices passadas deles mesmos quando elas lhes vêm subitamente à lembrança, e não trazem consigo alguma desonra presente (HOBBS, 1998).

Thomas Hobbes defende que o riso atua como um reflexo da superioridade humana, uma vez que as pessoas, dão risada, caçoam ou alfinetam as desgraças alheias, como se estivessem isentas de qualquer tipo de erro igualmente risível.

Esses teóricos revelam que o riso, embora muitas vezes visto apenas como entretenimento, pode exercer uma função poderosa nas dinâmicas sociais, seja para reafirmar normas, criticar desvios ou expressar superioridade.

Desde as mais antigas reflexões filosóficas, alguns filósofos já se mostraram contra o riso, como é o caso de Platão.

Platão não se limitou a expulsar o riso da filosofia e a negar o direito de cidadania no seu Estado ideal aos poetas cujas obras podem nos levar a rir ou a chorar. Ele também expulsou do palco filosófico os comediantes e artistas do entretenimento. Pessoas que provocam o riso não tem lugar quando homens sérios filosofam sobre problemas sérios. Durante os simpósios platônicos e os debates, apenas atrapalhariam e fariam um papel ridículo (GEIER, 2021).

A formulação teórica mais antiga acerca do riso está presente em um segmento da obra *Filebo* de Platão. No pensamento de Platão, emerge uma concepção negativo do riso. Segundo ele, o riso representa um prazer enganoso, associado à multidão de indivíduos destituídos de discernimento. O prazer cândido e a única maneira de compreender a verdade residem na Filosofia (SILVA, 2010).

Seguindo os caminhos de Platão, Aristóteles adverte sobre a necessidade de empregar o riso com moderação. A comédia era o tema do segundo livro da *Poética*, de Aristóteles, livro este que acabou por se perder em algum momento da Antiguidade ou no início da Idade Média. Embora o tema tenha sido brevemente mencionado no Livro I, da *Poética*.

Apesar desta postura contrária ao riso como a de Platão, outra importante figura como o pai da psicanálise, Sigmund Freud, destaca que o humor possui “qualquer coisa de grandeza e elevação” (FREUD, 2008), dizendo inclusive que “o humor é um dom precioso e raro” (FREUD, 2008).

Para Freud, além de seu papel reconhecido como antídoto contra ansiedades e angústias, o riso também está intrinsecamente ligado ao princípio do prazer. O riso permite ao ser humano experimentar uma sensação agradável, que é alcançada através da economia de um desgaste afetivo, resultando em satisfação. Enquanto o indivíduo triste tende a se enfraquecer devido às suas aflições, o riso age como um poupador de energia, permitindo que se acumule vitalidade para enfrentar o sofrimento (SILVA, 2010).

Segundo Freud, rir alivia o sofrimento, porém, dependendo do assunto da piada, percebemos, ao observar comportamentos na sociedade, que a risada pode manter e até aumentar o sofrimento do alvo daquela piada. Enquanto de um lado alguém ri, do outro lado, identidades e subjetividades das pessoas são aviltadas e isso pode provocar sofrimento.

A partir de reflexões, pretendo com esta jornada de pesquisa, compreender o papel do comediante como formador de opinião. Entender se o processo de criação de um texto de comédia pode ser cômico e, ainda assim, não perpetuar preconceitos e estereótipos. E assimilar se piadas podem naturalizar comportamentos violentos contra as ditas minorias sociais.

O objetivo principal deste estudo é investigar os limites éticos da comédia *stand-up*, explorando como a liberdade de criação se equilibra com a responsabilidade social dos comediantes. A pesquisa visa entender como o processo de criação de piadas pode ser cômico e, ao mesmo tempo, não perpetuar estereótipos e preconceitos, especialmente no que diz respeito às minorias sociais.

Para responder a estas problematizações, utilizarei princípios da autoetnografia como forma de autorreflexão acerca das minhas experiências pessoais de vivências na comédia *stand-up*, conectando minhas vivências a significados, desenvolvendo análise e interpretação acerca delas e, assim, desdobrar reflexões e buscar entendimentos acerca das questões levantadas.

A autoetnografia, abordagem de pesquisa que, segundo Santos (SANTOS, 2017), “refere-se à maneira de construir um relato (‘escrever’), sobre um grupo de pertença (‘um povo’), a partir de ‘si mesmo’ (da ótica daquele que escreve)”, será adotada como estratégia metodológica, uma vez que me permitirá refletir sobre as minhas experiências pessoais no *stand-up comedy* desde o meu início na comédia.

Para isso, estruturarei este trabalho, além desta introdução, em mais duas outras partes. Na segunda parte, intitulada “A Comédia e Eu”, vou contextualizar a comédia, abordando sua origem e evolução histórica. Abordarei diversos pontos relacionados à comédia *stand-up*, tendo minha experiência e minhas vivências como base de análise.

Vou abordar meu início no *stand-up* em 2008, explorando minhas primeiras experiências nesse estilo de comédia e o processo de amadurecimento como comediante. Discutirei momentos marcantes, como minhas participações em concursos na TV, entre outros eventos significativos ao longo dessa trajetória.

Explicarei meu processo de criação de piadas e apresentações, analisando como ele se modificou ao longo dos anos de jornada na comédia. A construção de uma piada e a estrutura de uma apresentação no formato *stand-up* serão discutidas com base em autores como Judy Carter e Léo Lins.

Dissertarei a respeito do processo criativo do comediante, buscando compreender as etapas de criação de um comediante *stand-up*, tanto no que se refere à escrita, quanto à apresentação de uma piada.

Refletindo sobre minha própria jornada na comédia, explorarei o processo criativo do comediante e os desafios éticos relacionados aos limites do humor. Inclusive discorrendo sobre situações reais em que acredito ter passado dos limites em minhas apresentações enquanto comediante *stand-up*.

No terceiro capítulo, intitulado “Dando Certo - O Surgimento de um Espetáculo”, abordarei o processo de criação do meu solo de *stand-up comedy* intitulado "Dando Certo". Falarei sobre o processo de criação deste show, o qual consiste exclusivamente de piadas autorais. Este espetáculo estreou durante o período de desenvolvimento desta pesquisa e, por sua vez, é o resultado artístico desse mesmo processo de investigação.

Discorrerei sobre o porquê de determinados assuntos terem chamado minha atenção e me inspiraram a escrever piadas refletindo sobre eles. Ainda sobre o show, buscarei conectar o aprendizado obtido durante a jornada de pesquisa ao processo de criação de um show de comédia, com especial enfoque na reflexão sobre os limites do humor.

Por fim, concluirei esta discussão refletindo sobre as questões levantadas ao longo da pesquisa, com o objetivo de contribuir para o entendimento da complexa relação entre os limites do humor e a liberdade criativa do comediante *stand-up*. A relevância dessa discussão vai além do campo da comédia, pois diz respeito a questões fundamentais para a sociedade como um todo. Compreender essa dinâmica é essencial para o desenvolvimento de uma comédia mais consciente, que consiga equilibrar liberdade de criação com sensibilidade social.

2. A COMÉDIA E EU

2.1 Origem e Popularização do Stand-up: Dos Palcos Americanos ao Cenário Brasileiro

O *stand-up* surgiu nos Estados Unidos e tem raízes que remontam ao final do século XIX. A sua origem se dá através dos MCs (Mestres de Cerimônia), figuras que faziam rápidas intervenções entre um e outro número circense ou musical de um show (LINS, 2012). Estavam ali presentes oferecendo uma forma de entretenimento e com a função de reter a atenção do público e aquecer a plateia.

Na primeira metade do século XX, grandes figuras do rádio na época, [...] abriam seus shows fazendo piadas sobre coisas do dia a dia. Mas foi somente na década de 1950, que o *stand-up* mudou de piadas rápidas para monólogos, envolvendo observações políticas, sexuais... É aqui que o *stand-up comedy* realmente começa a tomar forma (LINS, 2012).

O formato moderno da comédia *stand-up* ganhou destaque nas décadas de 1950 e 1960. O movimento foi impulsionado por comediantes como Lenny Bruce⁴, que desafiou as convenções sociais e políticas da época com seu humor provocativo e observacional.

O nome *stand-up*, que em inglês significa em pé, se deriva do fato do comediante apresentar suas piadas, geralmente, em pé, portando apenas o microfone e dependendo principalmente de seu monólogo e interação com a plateia para atingir o riso do público

Este estilo de humor chega ao Brasil com trabalhos de comediantes como Chico Anysio⁵, Jô Soares⁶ e José Vasconcelos⁷, que já se utilizavam de elementos da linguagem *stand-up* em seus shows. O acreano José Vasconcelos, considerado o pioneiro no gênero no Brasil, lançou, em 1961, o show Eu Sou o Espetáculo, em que sozinho, sem personagem, comandava a plateia contando suas piadas. Chico Anysio chegou a ter um programa de TV chamado Você tem Tempo? entre julho e outubro de 1971, que era transmitido pela Rede Globo, entre o Jornal Nacional e a novela das oito, e apresentava um monólogo cômico, contado diante da câmera, olhando de frente para o telespectador (CASTRO, 2018).

⁴ Lenny Bruce foi um famoso comediante americano. Teve reconhecido sucesso entre os anos 1950 e 1960, vindo a falecer em 1966. Foi preso pela primeira vez em 1961 por obscenidade. Em 1964, após seus shows, foi preso novamente, também por obscenidade. Foi julgado e condenado em 1964. Em dezembro de 2003, 37 anos após sua morte, Lenny Bruce recebeu do governador de Nova York o perdão de sua condenação

⁵ Chico Anysio (1931–2012) foi um humorista e ator brasileiro, conhecido por criar inúmeros personagens e marcar a história da comédia na TV.

⁶ Jô Soares (1938–2022) foi um humorista, ator, escritor e apresentador brasileiro, conhecido por seus personagens e pelo talk show *Programa do Jô*.

⁷ José Vasconcelos (1926–2011) foi um humorista brasileiro, pioneiro do stand-up no país, conhecido por suas imitações e monólogos cômicos.

Porém no formato em que o gênero se popularizou e vem se mantendo nos últimos anos, podemos dizer que esse movimento teve seu início em 2005, através dos grupos Comédia em Pé⁸, na cidade do Rio de Janeiro e Clube da Comédia⁹, em São Paulo. Ambos influenciados, principalmente, pelo movimento internacional desse estilo de comédia.

O processo de popularização da comédia *stand-up* no Brasil foi impulsionado por comediantes pioneiros, como Rafinha Bastos, Danilo Gentili, Fábio Porchat, entre outros, trazendo uma abordagem mais direta e pessoal ao humor e com apresentações focadas em monólogos que abordam temas do cotidiano, humor observacional e interação com a plateia.

A televisão também desempenhou um papel importante na difusão do formato, com programas dedicados à comédia *stand-up* ou com a participação de comediantes do estilo em seu elenco. Dois programas fundamentais para essa difusão foram o CQC (Custe o que Custar), na TV Bandeirantes, que trazia um humor político e jornalístico e cujo elenco era integrado por comediantes como Danilo Gentili e Rafinha Bastos; e o Comédia MTV, programa da MTV que apresentava esquetes de humor e segmentos de *stand-up comedy*, e em que participavam vários comediantes, hoje amplamente conhecidos, como Marcelo Adnet e Dani Calabresa. Essa exposição na TV, não só ajudou a impulsionar as carreiras pessoais dos comediantes, como também a popularizar a comédia *stand-up* no Brasil.

O princípio da comédia *stand-up* no Brasil pode ser chamado de A Era dos Grupos. O processo de formação de um grupo era padrão em meio ao caos, indivíduos interessados em fazer as pessoas rirem se reuniam como moléculas ao redor de um átomo. Inúmeros grupos foram criados (LINS, 2021).

Esses grupos desempenharam um papel crucial na consolidação do gênero, proporcionando um espaço para comediantes experimentarem e refinarem seu material¹⁰. E foi nesse período de efervescência no surgimento de grupos pelo Brasil, que me iniciei em julho de 2008 na comédia *stand-up*.

⁸ Comédia em Pé foi um grupo de comédia stand-up criado por Fernando Ceylão, Paulo Carvalho e Cláudio Torres Gonzaga. Sua estreia foi em março de 2005 no Rio de Janeiro. Posteriormente passaram por este grupo nomes como Fábio Porchat, Fernando Caruso, Léo Lins e Murilo Couto

⁹ Clube da Comédia foi um grupo de stand-up comedy criado em 2005 pelos humoristas Marcelo Mansfield, Rafinha Bastos, Marcela Leal, Oscar Filho, Márcio Ribeiro e Henrique Pantarotto.

¹⁰ O termo "material" é utilizado para descrever o conjunto de piadas, observações, histórias e qualquer outro conteúdo preparado pelo comediante para ser apresentado durante sua performance. Em suma, o termo "material" representa o repertório de conteúdo humorístico que o comediante utiliza em suas apresentações.

2.2. Meu Início no Stand-up e o Queijo Comédia e Cachaça

O grupo Queijo Comédia e Cachaça surgiu após uma oficina de *stand-up*. Ranieri Lima, um dos integrantes e ministrante da oficina, havia a anunciado em um flyer com chamadas como: "Se você gosta de contar piadas, se as pessoas te acham engraçado, se você tem experiência em teatro, faça *stand-up comedy*". Como eu já fazia teatro e sempre gostei de comédia, resolvi me inscrever.

Durante a oficina, conheci aqueles que viriam a se tornar os fundadores do Queijo junto comigo: Arthur Ottoni, Bruno Berg, Gabriel Freitas e Paloma Santos. O curioso é que, na época, eu não sabia o que era este estilo de humor. Nunca tinha visto, nem ouvido falar. Comecei meus estudos sem saber do que se tratava, o que me motivava era apenas a paixão pela comédia.

Figura 1 - Foto do show do Queijo Comédia e Cachaça no Bar Canapé, em 2009. Da esquerda para a direita: Edgar Quintanilha, Arthur Ottoni, Gabriel Freitas, Paloma Santos, Bruno Berg, Geraldo Magela (humorista convidado da noite) e Manuela Camisasca (produtora do grupo na época).



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Em 2008, quando iniciei, a internet de banda larga ainda não tinha adquirido a ampla presença e a facilidade de acesso que possui hoje em dia. Apesar de já existir, meu acesso se dava pela internet discada, e isso me impossibilitava de assistir aos vídeos dos renomados comediantes pelo YouTube, algo que hoje é tão banal.

Essa limitação no acesso à banda larga impediu que eu consumisse livremente conteúdos de comédia no início da minha carreira, forçando-me a encontrar minha própria voz sem a influência excessiva de comediantes americanos ou dos brasileiros já estabelecidos.

Fui aprendendo a arte da comédia *stand-up* na prática. Cada apresentação servia como um verdadeiro laboratório de experimentação. Escrevia minhas piadas, testava minha entrega e observava a reação da plateia. Essa relação direta e constante com o público, uma vez que o grupo se apresentava semanalmente em Belo Horizonte, oferecia um feedback imediato e isto foi algo inestimável para o meu entendimento do que é este estilo de humor.

O retorno de uma plateia de comédia é imediato e óbvio. Se o público riu, a piada funcionou. Risadas tímidas ou espaçadas significam que é necessário alguns ajustes para aquela piada, como inverter a ordem de uma frase ou substituir uma palavra. Agora, se a plateia não reage, é preciso repensar o material. Em algumas ocasiões, após tentativas sem sucesso, o melhor a se fazer é retirar a piada do repertório.

Se uma piada não funciona, corta. Há diversas piadas que às vezes têm leve reação, o que fazer com elas? Em geral, corta. Mas a pergunta que muitas vezes me fiz ao deparar nessa situação é: “será que vale a pena arriscar fazer uma piada, que na melhor das hipóteses, vai me dar uma leve risada? Isto quando ela funciona” Acho que não. Há ocasiões em que a piada arranca boa reação na primeira vez e depois nunca mais funciona bem, O que fazer? Corta. Entretanto, pode ocorrer da piada não funcionar muito bem na primeira vez, mas ir bem nas próximas, por isso, é sempre bom dar mais uma chance à piada. Em geral, acho que 3 vezes está mais do que bom para ter uma boa noção de como a piada está saindo. Se você não for exigente com as suas piadas, quem vai ser? (LINS, 2012).

É necessário, como Lins elucida, avaliar constantemente o desempenho das piadas durante as apresentações e ser criterioso com o material que se mantém no repertório. Mesmo que uma piada tenha uma leve reação ou funcione de vez em quando, não vale a pena insistir nela, a menos que haja uma boa chance de aprimorá-la. A ideia é não se contentar com risadas medianas ou esporádicas, mas buscar um material que funcione de maneira potente.

No *stand-up*, percebi que dificilmente uma piada nasce pronta. Ela, em geral, precisa ser refinada, ajustada, testada em diferentes contextos. Percebi também que a conexão com o público é direta. Não há barreiras, não há intermediários, não pode haver a famosa quarta parede¹¹. Essa relação de proximidade exige que o comediante esteja em estado de presença e atento às reações e circunstâncias que podem surgir.

Outro fator importante neste momento inicial da minha jornada foram as trocas de dicas e ideias com meus colegas de grupo, que também estavam passando pelo mesmo processo e

¹¹ A quarta parede é um termo usado no teatro para descrever uma barreira imaginária que separa o público da encenação. Enquanto o cenário pode incluir paredes ao fundo e nas laterais, na parte frontal existe apenas essa parede imaginária, conhecida como quarta parede, que estabelece a divisão entre a cena e a plateia.

buscando suas melhorias. Estávamos no mesmo barco e essa interação constante criou uma dinâmica de aprendizado mútuo, onde todos compartilhavam seus *insights* e experiências. Tínhamos reuniões de criação semanais e durante esses encontros trocávamos piadas, oferecíamos sugestões uns aos outros e discutíamos formas de melhorar o material individual de cada um. Essa interação constante foi fundamental, tanto para o crescimento individual quanto para o fortalecimento coletivo do grupo, fato que ajudou a consolidar a cena local de *stand-up* em Belo Horizonte.

Com o tempo, a internet e plataformas de streaming, como o YouTube, tiveram um papel fundamental na disseminação da comédia *stand-up* no Brasil. O YouTube transformou a forma como o público acessava e consumia conteúdo humorístico, permitindo que comediantes ultrapassassem as barreiras locais e atingissem plateias nacionais. Além de servir como vitrine para comediantes individuais, a plataforma também foi essencial para destacar coletivos de comédia, criando oportunidades de crescimento para todos. Esse movimento, a meu ver, foi determinante para a popularização da comédia *stand-up* no Brasil.

Ao mesmo tempo, o *stand-up* ganhava força em várias regiões do país. O movimento, que começou por volta de 2005 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foi rapidamente se espalhando para outros estados com a democratização do acesso a conteúdo humorístico via YouTube. Em Minas Gerais, por exemplo, o *stand-up* teve início em julho de 2008, com a criação do grupo Queijo, Comédia e Cachaça, enquanto no Ceará, começou no mês seguinte, em agosto.

Ao longo do meu processo desta pesquisa de mestrado, pude entrevistar o comediante LC Galetto, que foi uma figura chave no início do *stand-up comedy* no Ceará. Durante a entrevista, Galetto compartilhou detalhes sobre como ele iniciou sua jornada no *stand-up*, revelando como o movimento começou a ganhar força no estado. Segundo ele:

Era agosto de 2008. Eu trabalhava no Diário do Nordeste, e aí surgiu uma pauta pra mim, pra eu fazer a notícia. O que era? Era uma turnê do Comédia em Pé, tá? O Comédia em Pé tava fazendo a turnê pelo Brasil pra divulgar o *stand-up comedy* como gênero de humor. Na época, 2008, isso era muito forte na internet (GALLETO, 2024).

Esta turnê do Comédia em Pé teve um papel crucial na disseminação do *stand-up comedy* pelo Brasil. Galetto relatou que, ao cobrir a turnê para o jornal, recebeu uma oportunidade inesperada:

Conversei com a produção do Comédia em Pé e eles pediram pra colocar no final da matéria que, se alguém quisesse começar o movimento de *stand-up comedy* no Ceará, era pra mandar um textinho de três minutos, pra fazer o quadro que eles chamavam de Mico Aberto (GALLETO, 2024).

O "Mico Aberto" era o quadro de open mic do Comédia em Pé. O open mic é uma noite de comédia onde comediantes iniciantes têm a oportunidade de subir ao palco e apresentar seus textos para o público, uma espécie de vitrine para novos talentos testarem suas habilidades em um ambiente real de show.

Foi a partir desse convite que Galetto deu seus primeiros passos como comediante *stand-up*. Curioso sobre o formato, ele decidiu enviar o texto de três minutos, mesmo sem grandes expectativas de ser selecionado. No entanto, para sua surpresa, sua participação foi aprovada pelo grupo, e ele foi convidado a se apresentar. “Fiz os três minutos lá, esse eu considero o dia zero do *stand-up comedy* no Ceará, 16 de agosto de 2008.” (GALLETO, 2024).

Figura 2 - Foto do show do Comédia em Pé no UCI Cinemas – Iguatemi em Fortaleza, no dia 16 de agosto de 2008. Da esquerda para a direita: Paulo Carvalho, Fábio Porchat, LC Galetto, Márcio Ribeiro (convidado da noite) e Cláudio Torres Gonzaga.



Fonte: Acervo pessoal LC Galetto

Esse evento se tornou um marco na história do *stand-up* local. A partir daquela noite, Galetto recebeu um e-mail de Moisés Loureiro, que estava na plateia do Comédia em Pé e queria se juntar ao movimento. A união dos dois, junto com Glayco Salles, resultou no início da comédia *stand-up* no Ceará.

Havia uma atmosfera fértil e propícia que ajudou a impulsionar e popularizar esse movimento em diversas partes do Brasil. O YouTube além de democratizar a comédia,

tornando-a acessível a qualquer pessoa com uma conexão à internet, também ajudou a criar uma comunidade nacional de comediantes.

Em resumo, o YouTube foi um trampolim para o *stand-up* no Brasil. Ele não só deu mais visibilidade para comediantes e grupos locais, que agora alcançam o público nacional, como também abriu as portas para novos talentos entrarem no cenário.

Paralelamente, enquanto aprendia na prática, comecei a perceber padrões e mecanismos essenciais na construção da comédia. Essa percepção me levou a reconhecer a importância de aprofundar meus conhecimentos sobre a estrutura das piadas e as melhores formas de apresentá-las ao público.

2.3. A estrutura de uma piada

Ao esmiuçar a estrutura de uma piada, podemos identificar dois momentos distintos. Uma piada se dá com a junção de um setup e um *punchline*. Em que o setup oferece os elementos necessários para tornar viável o impacto do "*punchline*". Já o punch, do inglês linha do soco, é o que gera o riso, arrematando a ideia que foi construída no setup. Uma piada necessariamente precisa desses dois elementos. Um cria a expectativa e o outro entrega a piada.

Evan S. Smith, em seu livro *Writing Television Sitcoms*, descreve essa estrutura:

[...] o modelo básico: setup e então *punchline*. Mais precisamente, um setup, ou linha reta, introduz o assunto da piada e atinge alguma complicação ou incongruência, produzindo tensão. O *punchline*, fornece uma reviravolta que resolve a piada de maneira inesperada, liberando essa tensão. [...] Enquanto *punchlines* sempre recebem as grandes manchetes, os setups são os verdadeiros heróis anônimos da guerra de piada (SMITH, 2009).

Um exemplo claro dessa estrutura no meu material é uma piada que fiz sobre o funk. A piada começa com uma observação que muitos já ouviram: "Tem gente que fala que o funk é um estilo musical de conteúdo erótico. Eu discordo. Pra mim, o funk não tem conteúdo."

Aqui, uso uma premissa simples para criar uma expectativa no público. Quando digo que discordo da ideia de que o funk é erótico, a plateia provavelmente espera que eu vá defender o gênero ou aprofundar a discussão. No entanto, a virada acontece logo em seguida, com o *punchline*: "Pra mim, o funk não tem conteúdo." Essa quebra de expectativa é o que provoca o riso. O público é conduzido a acreditar que vou seguir um caminho comum na crítica ao funk, mas em vez disso, lanço um comentário inesperado.

Como destaca Smith, o setup constrói a tensão e prepara o terreno, enquanto o *punchline* oferece a surpresa que gera o riso. A piada sobre o funk segue exatamente essa lógica.

O *punchline* pode ser uma frase, como no exemplo acima, mas também pode ser uma palavra, uma onomatopeia, um gesto ou até uma expressão facial. Um exemplo disso no meu repertório é quando pergunto para a plateia: "Quem aqui não sabia que eu sou gay?" Geralmente, uma ou outra pessoa levanta a mão, e então eu respondo: "Não sabia?", enquanto enfio o microfone na boca, em um gesto exagerado. Nesse caso, o *punchline* é o gesto, que provoca o riso pela sua combinação inesperada de timing e exagero. O público ri não apenas pela frase, mas pela surpresa visual.

Judy Carter, em seu livro *The Comedy Bible*, sugere que cada palavra em uma piada deve ser cuidadosamente escolhida, sem excessos, para manter a atenção e a reação do público. Setups longos tendem a cansar a plateia, e piadas mais curtas, com setups enxutos, geram respostas mais rápidas (CARTER, 1989).

O que a minha experiência de palco me ensinou é que quanto mais demorado o setup, sendo esta a proposta, mais forte deve ser o punch. Quanto mais tempo a preparação da sua piada requer, maior a expectativa gerada. Se o setup tomou muito tempo da plateia, o comediante deve entregar uma piada que tem potencial para gerar uma reação alta.

Na comédia *stand up* cada palavra é importante, por isso a necessidade de um setup contendo apenas o necessário. Não deve haver excessos, pois isso enfraqueceria uma piada. Tudo deve ser pensado e analisado para alcançar o impacto desejado. "Stand up é parecido com poesia *haiku*. Não existem palavras sobrando. Toda sílaba é elaborada, julgada e tem que estar na medida exata" (CARTER, 1989).

A mesma piada acima sobre o funk, por exemplo, perde força quando o setup é excessivamente longo:

Eu sei que tem muitas pessoas aqui que adoram funk. Tem gente que fala que o funk é um estilo musical de conteúdo erótico, por causa das suas músicas que são recheadas de palavrões e que na maioria das vezes falam de sexo de um jeito explícito. Eu não concordo. Pra mim o funk não tem conteúdo.

A mesma informação está lá, o mesmo *punchline*, porém agora num setup longo e recheado de informações desnecessárias. O tempo gasto no preparo da piada cria uma expectativa que não é correspondida pela entrega do *punchline*.

As regras associadas aos setups, também se equivalem quanto aos *punchlines*. Deve ser claro e enxuto. Além disso, conforme elucida Lins, “o *punch* precisa ter uma viagem, uma piração, uma distorção, uma loucura, chama do que você quiser, isto é, o comic twist ou distorção cômica” (LINS, 2012). Se o *punchline* é o ponto em que o raciocínio se conclui e o público entende a piada, a distorção cômica é o que conduz o raciocínio até esse desfecho. É do papel do comediante distorcer a realidade, explorar uma linha de pensamento diferente.

Na comédia *stand-up*, cada palavra importa. Quanto mais eficiente o *setup*, mais forte será o impacto do *punchline*. E quanto mais tempo a preparação de uma piada requer, maior deve ser a recompensa em risadas. Mas além da parte textual, há outra igualmente importante: a entrega.

A entrega de uma piada é crucial para o sucesso do material. Ela vai além do texto em si, envolvendo a maneira como o comediante apresenta a piada ao público – seu tom de voz, ritmo, expressões faciais e linguagem corporal. Muitas vezes, uma piada que é ótima no papel pode não funcionar se a entrega não for boa.

O tom de voz é uma ferramenta importante na entrega de uma piada. A maneira como algo é dito pode mudar completamente o impacto. Além disso, a variação na entonação também mantém o público atento, criando uma dinâmica que vai além do texto.

As expressões faciais e a linguagem corporal também desempenham um papel fundamental na entrega. São extensões do texto, comunicando com o público de forma visual e imediata. Criam camadas adicionais para a performance, pois podem amplificar o efeito da piada – um gesto repentino, uma mudança de postura ou um movimento mais exagerado podem intensificar a *punchline* e prender a atenção da plateia.

E é fundamental, que tanto o texto, quanto a entrega comunique com a persona do comediante. Judy Carter elucida que “a persona é quando um comediante adota uma atitude emocional específica durante todo o seu show, e todo o material se sustenta nessa característica.” (CARTER, 1989).

Essa definição dialoga com o que Chris Head (2018) defende, ao descrever a persona como a voz única, a perspectiva e a identidade que o comediante apresenta no palco. Embora essa persona seja baseada na personalidade real do humorista, não é exatamente igual ao que ele é fora do palco. Na verdade, é uma versão simplificada e exagerada de si mesmo para potencializar o humor.

A persona se torna uma espécie de "personagem" que orienta o tipo de humor que o comediante vai criar e a maneira como ele vai se comunicar com o público. Encontrar essa persona é fundamental para o comediante se conectar de maneira eficiente com o público, usando isto para dar mais peso e autenticidade às piadas e ao jeito de se apresentar.

2.4. Provocação e Ética: O Dilema do Humorista

Ao longo da minha trajetória como comediante, uma lição importante se tornou clara: nem todas as piadas funcionam para todos os públicos. Aquilo que faz um grupo rir pode, em outro, gerar desconforto ou até constrangimento. Com o tempo, percebi que a sensibilidade de cada plateia influencia diretamente a recepção do humor, e isso me levou a uma reflexão necessária sobre os limites éticos no fazer rir. Como traçar a linha entre a provocação legítima e a atenção às sensibilidades alheias?

O humor, por sua natureza, se alimenta da subversão e da provocação. Ele desafia convenções, distorce a realidade e frequentemente questiona normas sociais. No entanto, à medida que o público muda e as discussões sobre direitos e representações de grupos minoritários se tornam mais evidentes e presentes na sociedade, o comediante pode se ver em um dilema ético: como provocar e fazer rir sem perpetuar estereótipos, reforçar preconceitos ou atacar subjetividades?

No campo do humor, a provocação tem um papel fundamental. Ele frequentemente surge da quebra de expectativas, do jogo com o absurdo e da habilidade de confrontar temas delicados. A provocação é, em muitos casos, o que confere ao humor sua força. Ela desestabiliza o público, questiona o status quo e revela verdades, muitas vezes, incômodas. No entanto, essa mesma provocação pode se tornar uma ferramenta perigosa para atacar grupos, principalmente aqueles historicamente marginalizados.

A linha entre a provocação legítima e o ataque gratuito é, muitas vezes, tênue. É difícil diferenciar entre um humor que desafia normas sociais de forma inteligente (provocação legítima) e um que ofende ou prejudica desnecessariamente (ataque gratuito).

A provocação legítima é quando o humor, mesmo abordando temas sensíveis ou controversos, faz o público pensar, pois levanta questões importantes, desafia preconceitos ou revela verdades incômodas. É quando o comediante usa a provocação para estimular a reflexão

ou questionar o status quo¹², desafiando normas e estruturas, sugerindo que há algo a ser mudado ou melhorado.

Por outro lado, o ataque gratuito ocorre quando a piada apenas reforça estereótipos negativos ou agride diretamente um grupo ou indivíduo, sem gerar uma reflexão ou agregar algo ao público. Aqui, o riso vem à custa de rebaixar o outro, reforçando preconceitos ou, até mesmo, humilhando alguém apenas pela risada, sem um propósito além do choque ou da ofensa.

O riso pelo riso tem seu valor. O humor pode simplesmente entreter, provocar uma reação espontânea e proporcionar leveza. Nem toda piada precisa carregar uma mensagem ou uma crítica social. O riso, em sua forma mais pura, já é muito válido. No entanto, a ofensa pela ofensa não possui o mesmo mérito. Quando o humor se baseia apenas em reforçar estereótipos ou humilhar alguém, perde seu caráter lúdico e pode passar a ser, inclusive, um mecanismo de exclusão e opressão.

O ator, escritor e humorista Pedro Cardoso, em entrevista à revista Brasil de Fato, em 18 de setembro de 2023 defendeu que:

O humor é um desrespeito, mas a que? Ao poder e não às pessoas, essa pra mim é a diferença. O humor ele é sempre uma afronta às estruturas de poder. Eu posso fazer uma piada maravilhosa sobre uma estrutura de poder sindical, eu posso fazer uma piada maravilhosa sobre uma estrutura de poder doméstico, conjugal, paternal, mas eu não posso fazer uma piada ofensiva a um específico líder sindical, entendeu? Isso pra mim é a grande diferença. Quando eu personalizo o meu espetáculo, eu não estou mais falando do tema, estou falando de alguém. Aí eu estou obrigado a todos os respeitos que nós temos que ter uns pelos outros, mas nós não temos que ter respeito pelo poder. O poder pelo contrário, ele não merece o nosso respeito porque raramente o poder pertence a quem deveria (CARDOSO, 2023).

Cardoso levanta um ponto importante sobre a diferença entre fazer humor que afronta o poder e humor que ataca indivíduos ou grupos específicos. O humor, quando direcionado às estruturas de poder - como governos, instituições, convenções sociais - cumpre seu papel crítico, questionando e desafiando essas forças que, muitas vezes, precisam ser desconstruídas. Isso se conecta à provocação legítima, que pode ser necessária para expor injustiças, hipocrisias, preconceitos e desigualdades, agindo como uma ferramenta poderosa de crítica social e incentivando reflexões e mudanças.

¹² Expressão em latim que significa "estado atual das coisas" ou "a situação existente". Em geral, refere-se às normas, práticas, convenções e estruturas que estão estabelecidas em uma sociedade, organização ou contexto específico.

A importância desse tipo de humor crítico é amplamente reconhecida. Como observa o dramaturgo Dario Fo:

qualquer poder, teme, mais do que tudo, o riso, o sorriso, a troça, a gargalhada. Pois a risada denota senso crítico, fantasia, inteligência, distanciamento de todo e qualquer fanatismo. Na escala da evolução humana, temos, inicialmente, o *Homo faber*, em seguida o *Homo sapiens*, e finalmente, sem dúvida o *Homo ridens* (FO, 2009).

Essa visão reforça a ideia de que o riso pode ser não apenas uma expressão de leveza, mas um instrumento de resistência e crítica. Enquanto o humor questiona as estruturas de poder, ele desempenha um papel essencial ao manter o poder sob vigilância, impedindo que se naturalizem abusos e desigualdades. Contudo, como Cardoso destaca, essa provocação deve ser dirigida às estruturas e não às pessoas individualmente, pois ao fazer piadas sobre indivíduos específicos - seja um líder sindical, uma pessoa de um grupo minoritário, ou qualquer outro - o humor perde sua função crítica e passa a ser um ataque direto.

Essa linha é "tênue" porque, muitas vezes, uma piada pode parecer provocativa para alguns e ofensiva para outros, dependendo do contexto cultural, das experiências pessoais do público, das subjetividades de cada indivíduo e das intenções do comediante. E mesmo uma provocação legítima pode ofender.

Quando um comediante ataca ou satiriza uma instituição, como a Igreja Católica, por exemplo, há sempre o risco de atingir as sensibilidades de indivíduos que se identificam fortemente com essa instituição. Isso ocorre porque humor e crítica, por mais legítimos que sejam, muitas vezes lidam com crenças profundamente enraizadas.

Isso se comunica com um fato ocorrido na madrugada de 24 de dezembro de 2019, véspera de Natal, quando a sede do Porta dos Fundos¹³ foi alvo de um ataque com coquetéis molotov. O incidente ocorreu após o grupo ter lançado um especial de Natal na Netflix que causou grande controvérsia ao retratar Jesus como um homem gay e Deus como um personagem mentiroso.

Este especial do Porta dos Fundos provocou uma forte reação ao confrontar a figura de Jesus de forma inesperada, o que, para muitos, foi visto como desrespeito a uma fé sagrada.

¹³ Porta dos Fundos é uma produtora de vídeos de comédia. Fundada em 2012 por Antonio Tabet, Fábio Porchat, Gregorio Duvivier, João Vicente de Castro e Ian SBF destaca-se como um dos maiores canais do YouTube no Brasil, chegando a ganhar importantes prêmios como o Emmy Internacional de Comédia em 2019, pelo Especial de Natal feito para a Netflix

Gustavo Binembojm, advogado que representou a Netflix no Supremo Tribunal Federal (STF), que manteve a decisão de permitir a exibição do especial de Natal do Porta dos Fundos, afirmou que o vídeo é um "exercício legítimo" da liberdade de criação artística. Ele também negou que tenha havido qualquer violação à liberdade religiosa.

Não há no filme qualquer afirmação discriminatória contra quem quer que seja", argumentou. "Não há utilização de palavras ofensivas que incitem a prática de atos violentos. Se houve violência, foram os terroristas que lançaram bomba na sede da produtora Porta dos Fundos. Imaginar alguém homossexual ou adepto da homoafetividade num esquete de humor de natureza ficcional não pode ser considerado de forma alguma um discurso de ódio ou assemelhado (BINEMBOJM, 2020).

Na minha opinião, essa provocação pode sim ser vista como legítima, no sentido de que desafia uma estrutura de poder e aborda a rigidez das normas religiosas, principalmente quanto as mais diversas orientações sexuais.

Pedro Cardoso defende que o humor tem uma função crítica na sociedade, pois sua principal função é questionar o poder e denunciar estruturas opressivas. Para ele, piadas que incomodam geralmente expõem aqueles que detêm algum tipo de poder, como no caso do cristianismo ou de regimes políticos. Conforme Cardoso afirma:

a função do humor, na minha opinião, na sociedade, é ser um crítico ao poder. Toda piada no fundo é uma piada que denuncia uma estrutura de poder e uma estrutura opressiva, entendeu? Então, obviamente, que o humor incomoda os poderosos. Então, se o Porta dos Fundos faz uma piada sobre a sexualidade de Jesus Cristo, isso incomoda quem vê no cristianismo uma possibilidade de poder, um modo de exercer um poder. Se eu fizer uma piada sobre o Partido Comunista dentro de um país comunista, provavelmente aquele poder comunista vai querer censurar (CARDOSO, 2024).

Contudo, há o risco de atingir as subjetividades de indivíduos que associam profundamente sua identidade à religião. Isso cria um impacto ambíguo: o que pode ser visto como uma crítica social válida para alguns, pode ser interpretado como um ataque pessoal por outros.

O ataque à sede do Porta dos Fundos demonstra justamente que, mesmo quando o alvo principal não é um indivíduo, mas sim uma estrutura de poder, temas sensíveis como a religião, podem cruzar essa linha tênue entre a provocação crítica e a ofensa pessoal.

Portanto, a meu ver, embora a provocação seja legítima em sua intenção, a percepção de ofensa é praticamente inevitável ao se lidar com símbolos tão carregados de significado pessoal.

A situação do Porta dos Fundos exemplifica um ponto crucial: o humor tem o poder de desafiar convenções e provocar o debate, mas sempre haverá quem se sinta ofendido, especialmente em temas sensíveis.

O debate sobre o humor não é puramente sobre ofender ou não ofender, porque a ofensa é, em grande parte, subjetiva e pessoal, ou seja, está fora do controle direto do comediante. O que pode ser ofensivo para uma pessoa pode não ser para outra, e o humorista não consegue prever ou controlar todas essas reações. Isso coloca o comediante em uma posição onde o foco não pode ser apenas evitar a ofensa a todo custo.

Em vez disso, creio que o debate relevante no humor, seja sobre intenção e responsabilidade. A questão não é se a piada pode ou não ofender, mas sim qual é a intenção por trás da provocação e se o comediante está ciente das consequências daquilo que diz.

Uma provocação legítima tem uma razão maior e esse tipo de provocação pode, sim, causar desconforto ou até ofensa, mas o objetivo é o debate e o pensamento crítico. Já um ataque gratuito, ou uma piada que explora preconceitos sem um propósito construtivo, tem o objetivo apenas de rebaixar alguém ou reforçar estereótipos, sem agregar nada ao público.

Acredito que o comediante não tem como evitar completamente a ofensa, mas ele pode se responsabilizar pela intenção e pela direção da sua provocação. Portanto, a questão central não é evitar ofensas, mas sim garantir que o alvo da provocação não seja indivíduos, dentro de uma estrutura de ataque pessoal, ou minorias sociais já tão marginalizadas.

2.5. Reflexões Sobre a Responsabilidade no Humor

Quando vou escrever uma piada, reflito não só sobre as risadas que ela pode gerar, mas também sobre o impacto social que ela pode causar. No entanto, essa preocupação não esteve sempre presente na minha trajetória. Lembro-me de uma experiência marcante que hoje, com os pensamentos que tenho, me faz questionar como tive coragem de apresentar aquele material, e, mais ainda, como ele foi aprovado.

Em 2011, participei do concurso de *stand-up* no programa Tudo é Possível, da Ana Hickmann. Eu tinha apenas 19 anos e aquela era minha segunda apresentação, pois havia sido classificado na primeira etapa. Preparei um texto que já apresentava nos bares de BH e que, para minha surpresa, foi submetido ao diretor e ao departamento jurídico da emissora e, de forma igualmente surpreendente, foi aprovado sem restrições. Essa aprovação me deu

confiança, como se aquilo fosse um sinal de que o material estava "adequado" para o público presente e para os telespectadores.

Na gravação, apresentei o texto diante de uma plateia cheia que riu bastante, fato que me levou, inclusive, a passar de fase no concurso. Porém, ao olhar para trás, só consigo pensar: como eu tive coragem de fazer isso? E, mais ainda, como deixaram que eu o fizesse?

A apresentação, que está disponível no Youtube¹⁴, tem por volta de 5 minutos e o trecho crítico é o seguinte:

Eu gosto de passar o Carnaval em Salvador, uma coisa que eu gosto é de ver o apego que o baiano tem com a sua terra, o orgulho que ele tem das suas origens, das suas raízes. DNA de baiano não é em forma de espiral, é em forma de tererê. E o bom foi que eu peguei geral. Peguei gripe, amigdalite, sapinho, peguei tudo. Mas eu me diverti. É o que parece pelas fotos. Não me lembro de muita coisa. Eu estava doido dentro da roupa, gente. Eu já ia atrás do trio elétrico cantando: "Eu quero mais é beijar uma gorda." E beijei. Porque em Salvador você beija. Em Salvador você pode ser a pessoa mais feia do mundo. Você, pode ser a pessoa mais feia do universo. Em Salvador, você pode ser o Compadre Washington que você vai pegar alguém. E pra isso eu vou dar uma dica pra você, que é mal diagramado assim como eu. Selecione uma cantada boa e chegue na mais bêbada, porque também não é assim. Não pode ser uma cantada fácil, do tipo: "Me chama de empadinha e pega na minha azeitona." Não, não. Também não pode ser uma coisa muito elaborada: tipo "Gata, me chama de comprimento de onda e me dá uma lambda." Não, não. Tem que ser uma coisa tipo... "Gata, você é parente do Ronaldo, porque você é um fenômeno." Pegou, pegou, pegou. Agora, se a menina for mais metida e não estiver tão bêbada assim, e você falar "Gata, você é parente do Ronaldo" e ela der as costas e for embora, você grita: "Porque tu é gorda pra caramba."

Essa piada é problemática por diversas razões, uma delas pelo teor gordofóbico, que reforça estereótipos negativos sobre pessoas gordas. Ao associar corpos fora do padrão estético com algo depreciativo, reconheço que esta piada contribui para a marginalização de pessoas gordas e a ridicularização desses corpos. Esse tipo de discurso tem consequências reais na vida de uma pessoa, já que a gordofobia afeta diretamente a autoestima e a qualidade de vida dos sujeitos.

Além disso, a piada contém elementos sexistas, que não apenas desvalorizam as mulheres, mas também naturalizam comportamentos de assédio sexual, pauta tão forte atualmente. A ideia de que, para “ter sucesso” em abordar alguém, basta esperar que a pessoa

¹⁴ Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RqGUBrFIIPQ>

esteja bêbada, desconsidera o consentimento, tratando a embriaguez como uma oportunidade para conquistar uma pessoa sem levar em conta seu estado de vulnerabilidade. Esse tipo de piada, a meu ver, promove a ideia de que o desrespeito ao consentimento é algo aceitável ou, até mesmo, engraçado.

Essa piada foi escrita por mim e apresentada em 2011. Um momento da minha vida, que eu nem me apresentava como um homem gay nos palcos. Naquela época, temas como o respeito à mulher e o assédio sexual não eram discutidos com a mesma amplitude que vemos hoje. Os debates sobre consentimento e a conscientização sobre o assédio estavam longe de ocupar o espaço que têm atualmente. Foi só em 2017, por exemplo, que surgiu o Movimento Não é Não¹⁵, que tem como objetivo conscientizar e educar a sociedade sobre o respeito ao corpo e à vontade das mulheres. Com o surgimento desse e de outros movimentos, ficou claro que a falta de discussão sobre esses temas na época permitia que piadas como a minha passassem sem grandes questionamentos, algo que hoje, dificilmente seria tolerado.

Ao analisar a piada com a perspectiva que temos hoje, ela se mostra um exemplo de como o humor pode reforçar comportamentos e ideias nocivas. O problema não está apenas no teor ofensivo direto, mas também nas implicações que esse tipo de discurso tem para a sociedade como um todo. Ao rir dessas situações, contribuímos para a normalização de comportamentos violentos e desrespeitosos.

Hoje, após os grandiosos avanços que vieram com as pautas feministas, este texto se mostra claramente como um ataque. Porém, quando ele foi contado por mim em 2011, por mais que a percepção da maioria das pessoas ainda não fosse tão avançada nessas pautas sociais, ainda assim era um ataque. E o pior: em rede nacional.

Compreendo que meu papel como comediante vai além de gerar risadas; envolve também a responsabilidade de refletir sobre os impactos que minhas palavras podem causar. Jamais faria um texto assim hoje em dia. E creio, que no contexto atual, um material como esse não seria permitido na TV.

Contudo, piadas que reforçam preconceitos e naturalizam o assédio ainda são frequentes em bares e teatros, o que levanta a questão de até onde o humor pode ir e até que ponto a

¹⁵ O movimento começou durante o carnaval, com a distribuição de tatuagens temporárias com a frase "Não é Não" para reforçar a ideia de que o consentimento deve ser claro e explícito, e que qualquer abordagem sem ele é inaceitável. Ele se tornou um símbolo de resistência contra a cultura do assédio, que normaliza comportamentos invasivos e desrespeitosos, especialmente em contextos de festas e eventos, onde muitas pessoas estão mais vulneráveis

liberdade de expressão pode ser usada como justificativa para perpetuar discursos que ferem, ridicularizam e marginalizam.

2.6 *Humor e Liberdade de Expressão: Limites e Consequências*

As consequências para comediantes que insistem em fazer piadas ofensivas são cada vez mais visíveis e variadas. O que antes era dito em ambientes fechados, como bares ou teatros, e parecia permanecer limitado ao público presente, hoje já não encontra esse mesmo limite.

Com a expansão das redes sociais e a maior visibilidade das pautas de minorias sociais, o contexto mudou completamente. Antigamente, havia mais liberdade para se fazer certas piadas, sem o mesmo risco de repercussões ou críticas. Hoje, porém, vivemos em um mundo onde todos têm celulares e câmeras, e qualquer comentário pode ser gravado ou postado nas redes sociais em questão de segundos. O que antes ficava restrito a um pequeno grupo, agora pode viralizar em minutos, gerando repercussões imediatas e, muitas vezes, intensas.

Públicos marginalizados, que antes eram alvo constante de piadas, agora têm mais espaço para reagir e se posicionar, cobrando mais responsabilidade de quem faz uso do humor como ferramenta de comunicação.

Esse novo cenário de vigilância constante, como aponta Djamila Ribeiro (2014), reflete a crescente responsabilização dos discursos preconceituosos. Alguns humoristas, ao serem criticados, afirmam que estão sendo censurados, quando na verdade estão enfrentando as consequências de um público que, cada vez mais, denuncia atitudes racistas, machistas e discriminatórias.

Para esses humoristas, o incômodo vem do fato de não poderem mais expressar essas opiniões sem receber críticas ou serem responsabilizados. O comediante que não acompanha essa evolução corre o risco de ser severamente criticado por manter discursos ultrapassados. O que antes poderia passar despercebido ou ser aceito, hoje é amplamente discutido e contestado. As redes sociais ampliam as vozes daqueles que antes eram silenciados ou marginalizados, permitindo que críticas a piadas ofensivas ganhem visibilidade e, muitas vezes, rapidamente.

Acredito que o humorista que insiste em permanecer em uma bolha de pensamento antiga, ignorando as transformações da sociedade, pode ser visto como desatualizado ou preconceituoso e, com o tempo, isso pode levar a um afastamento de público.

Além disso, a insistência em fazer piadas desta natureza pode levar a consequências profissionais. Diversos comediantes, tanto no Brasil quanto no exterior, têm enfrentado o chamado "cancelamento" — uma forma de boicote, onde o artista perde contratos, parcerias e oportunidades por fazer piadas vistas como inadequadas por parte do público e das empresas. Plataformas de streaming, emissoras de TV e eventos estão cada vez mais seletivos, priorizando conteúdos que refletem os valores da diversidade e do respeito.

O humorista Leo Lins foi demitido do SBT em julho de 2022, após fazer uma piada envolvendo uma criança com hidrocefalia e o Teleton¹⁶, em um show de *stand-up*. Durante sua apresentação, ele fez uma piada sobre uma criança do interior do Ceará ter essa condição, associando o acúmulo de líquido na cabeça a um poço de água para a família e a seca no nordeste.

A piada gerou grande repercussão negativa. A AACD, que realiza o Teleton, publicou uma nota de repúdio, mencionando o artigo 88 da Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015, que prevê multa e prisão para quem "praticar, induzir ou incitar discriminação da pessoa por sua deficiência".

A consequência foi a demissão de Leo Lins do programa "The Noite com Danilo Gentili", onde trabalhava como roteirista e humorista. Dada a repercussão negativa e a pressão pública que se seguiu, o SBT tomou essa atitude para se dissociar das falas de Leo Lins.

Este caso exemplifica claramente uma das consequências profissionais mais sérias para quem faz piadas opressivas: o cancelamento profissional. Embora a liberdade de expressão seja um direito garantido, há também um custo social e consequências éticas para quem usa essa liberdade de forma irresponsável. O humor não está isento de críticas e pode, sim, resultar em consequências graves quando ultrapassa a linha da provocação legítima e entra no terreno do ataque e da discriminação.

Por outro lado, há um fenômeno interessante: ao fazer essas piadas, Lins acaba atraindo um público que se identifica com seu estilo politicamente incorreto ou que, ao menos, se sente curioso. Apesar dos frequentes cancelamentos nas redes sociais, seus shows continuam a lotar, demonstrando que, para alguns, o politicamente incorreto ainda tem apelo.

¹⁶ Maratona televisiva brasileira, com a presença de artistas e celebridades, anualmente exibida pelo SBT em prol da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD)

O próprio Leo Lins reconhece essa dicotomia. Como ele mesmo afirmou em entrevista ao portal Metrôpoles, em novembro de 2022: "O humor não tem limite, o ambiente, sim. [...] Criei meu público, ninguém se levanta para ir embora. As pessoas entendem que estão no ambiente" (DIAS, 2022). Isso demonstra que, apesar das críticas e da pressão pública que seus cancelamentos geram, há uma audiência que não só apoia, mas também consome seu trabalho. Para ele, esses cancelamentos acabam funcionando como uma forma de propaganda, ajudando a divulgar seus shows.

O fenômeno do cancelamento profissional nem sempre implica no fim da carreira ou no afastamento completo do público. Essa situação evidencia um paradoxo: enquanto parte da sociedade exige maior responsabilidade ética no humor, outra parcela busca justamente o oposto. Essa divisão reflete uma dinâmica em que o cancelamento afeta principalmente a imagem pública e as relações institucionais (com marcas, plataformas e emissoras), mas nem sempre afeta a conexão direta entre o comediante e seu público.

O cancelamento pode, inclusive, servir como um impulsionador para fortalecer a identidade de certos artistas diante de um nicho específico de público. Esses humoristas conseguem se manter ativos no mercado justamente porque seu público busca esse tipo de humor. Para essas pessoas, as críticas e o cancelamento são vistos como uma resistência ao que consideram uma "censura" ou uma tentativa de controle do discurso, o que acaba validando ainda mais o trabalho do humorista. Nesse contexto, Leo Lins se torna, para esses espectadores, uma espécie de símbolo de transgressão, alguém que desafia as convenções do "politicamente correto" e, por isso, é apoiado por aqueles que enxergam o cancelamento como um excesso da sociedade, ou um mimimi.

Há ainda as consequências legais. Piadas que promovem discursos de ódio ou que incitam a discriminação contra grupos marginalizados podem resultar em processos judiciais e, em alguns casos, até mesmo responsabilização penal. Em muitas situações, essas falas são enquadradas em legislações que protegem o direito à dignidade e à não discriminação, como leis que combatem, a homofobia, a misoginia, entre outros tipos de preconceito.

Um exemplo é a Lei 14.532/2023, que criminalizou o racismo praticado em atividades artísticas, considerando a injúria racial como agravante, e estabeleceu o aumento de pena para o chamado "racismo recreativo" – uma prática que inclui o uso de estereótipos raciais como forma de "humor" (FRANÇA JÚNIOR; SANTOS, 2023, p. 11).

Nesses casos, a justiça pode avaliar se o humorista ultrapassou os limites da liberdade de expressão, cometendo um crime de ódio ou violação dos direitos fundamentais de determinados grupos. O processo legal pode resultar em multas, indenizações, e até mesmo pena de prisão, dependendo da gravidade do caso e das circunstâncias envolvidas.

Contudo, percebo que, muitas vezes há uma ânsia pelo punitivismo, que consiste em uma tendência a buscar punições penais, como uma maneira de mostrar desaprovação. Esse punitivismo, embora seja compreensível diante de falas profundamente ofensivas ou discriminatórias, pode acabar complicando a discussão sobre os limites da liberdade de expressão e o equilíbrio que deve existir entre a responsabilidade social do humorista e o direito de fazer piadas.

O advogado André Marsiglia defende que:

O humor sendo arte, a piada é ficção. Desde que no humorista se manifeste a intenção artística – o animus jocandi, não há crime contra a honra possível de lhe ser imputado, não há dolo. O limite à arte pode ser dado pela plateia, pelo repúdio social, pela demissão do artista, pela eventual perda de patrocínios de marcas que não se queiram ver alinhadas com esse discurso, mas não pelo Direito (MARSIGLIA, 2022).

A análise de André Marsiglia traz uma visão importante sobre o papel do humor e seus limites. Ele defende que, desde que o comediante atue com intenção artística – o animus jocandi, ou seja, a intenção de fazer piada –, não se pode imputar ao humorista um crime contra a honra, já que não haveria dolo ou intenção de prejudicar diretamente.

Essa perspectiva ressalta que o humor deve ser tratado como uma forma de ficção, e, portanto, não deveria ser regulado pelo Direito ou por sanções jurídicas. Segundo Mirsiglia, os limites do humor devem ser estabelecidos pelo repúdio social, pelas críticas da audiência, pela demissão do artista ou pela perda de patrocínios, e não pela intervenção legal.

Embora Mirsiglia defenda essa liberdade, a responsabilidade social ainda pesa sobre o comediante, que deve equilibrar a criação artística com o impacto que suas piadas têm na sociedade, consciente de que será julgado por ela.

Bruno Cavalcante Leitão Santos, doutor em direito pela PUCRS e Francisco de Assis de França Junior, mestre em direito pela Universidade de Coimbra, defendem que

não há fórmula pronta para a responsabilização de comediantes que se excedam no seu ofício. Nesses casos será preciso ter em mente que o Direito Penal não é o único (nem deve ser o principal) à mão do Estado, já que o controle exercido pelas instâncias informais já pode ser extremamente eficaz

para descredibilizar determinadas formas de expressividade (SANTOS; FRANÇA JUNIOR, 2023).

Os controles exercidos pelas instâncias informais, segundo os autores, incluem diversos impactos na carreira do comediante, como a perda de espaços para se apresentar, seja em canais de televisão ou teatros, a retirada de apoio de contratantes e patrocinadores, preocupados com as críticas de seus públicos, além da desmonetização de canais virtuais mantidos pelo humorista. Além disso, há também a cobrança por reparação de danos por parte das supostas vítimas ou de grupos sociais afetados (SANTOS; FRANÇA JUNIOR, 2023).

Os autores também sugerem que a decisão da justiça deve levar em conta uma ideia fundamental: em uma democracia, não deve haver temas proibidos para o humor ou para qualquer tipo de discurso. “Odioso pode ser o conteúdo de algumas de suas falas, [...] devendo gerar responsabilização, mas censura prévia não apenas também é odiosa, como arriscada em ambientes democráticos.” (SANTOS; FRANÇA JUNIOR, 2023).

Já para Gisele Leite, mestre em Direito e Filosofia, pesquisadora-chefe do Instituto Nacional de Pesquisas Jurídicas (INPJ) e Presidente da Seccional da Associação Brasileira de Direito Eleitoral (ABRADE-RJ), “o humor que reforça o preconceito ou o elitismo não é humor... atropela a dignidade humana e, sem essa, não há como achar graça de nada” (2020, online). E conclui, “também não significa censura, o fato de se restringir a liberdade de expressão que fere a dignidade da pessoa humana, os valores morais e sociais, como a família, a maternidade, a criança e, enfim, a reserva moral da sociedade.” (LEITE, 2022).

A análise de Gisele Leite destaca uma distinção crucial no debate sobre os limites da liberdade de expressão. Para ela, restringir o discurso que ataca a dignidade humana e os valores morais não é uma forma de censura, mas sim uma necessidade para manter o respeito social e os princípios éticos que regem as relações humanas.

Essa visão sugere que a comédia não pode ultrapassar os limites daquilo que fere a dignidade de grupos ou indivíduos. Ao dizer que “não existem atividades humanas ou artísticas que sejam realmente ilimitadas” (SAMPALIO, 2023), ela reforça que a liberdade de criação no humor também precisa ser equilibrada com a responsabilidade ética. Dessa forma, o humorista não está isento de ser responsabilizado por discursos que ferem a dignidade, ainda que em nome da liberdade de expressão.

Já os autores França Junior e Santos defendem que a justiça deve avaliar, em cada caso, se o humor ultrapassou o limite ao ponto de reforçar injustiças contra grupos marginalizados

(justificando uma ação legal), ou se a ofensa é algo mais superficial, sem comprometer direitos importantes, permitindo ao comediante sua liberdade de expressão.

Caberá à justiça, quando provocada, identificar se há comprometimento das estruturas estatais que buscam reparação histórica pela marginalização imposta a determinados grupos sociais ou se há apenas um melindre, estando o comediante nos limites de sua liberdade de buscar o riso de seu público. A ponderação haverá de ser feita tendo como mote principal a lógica de que, em democracia, não deve existir tema proibido, mas existem limites no exercício desse direito (SANTOS; FRANÇA JUNIOR, 2023).

A reparação histórica diz respeito à compensação por injustiças sofridas por grupos marginalizados. Nesse contexto, o humorista pode ser acusado de ter ultrapassado os limites ao reforçar estereótipos ou ofender esses grupos, agravando sua marginalização.

Por outro lado, a justiça também deve levar em consideração tanto a intenção por trás da piada quanto o impacto real que ela provoca. Como comediante profissional, convivendo com vários outros comediantes no meu meio social, percebo que a ofensa nem sempre é causada por uma intenção maliciosa. No entanto, isso não diminui o fato de que certas falas podem, sim, perpetuar preconceitos e causar danos sociais, como aconteceu com a minha piada no programa da Ana Hickmann, em 2011. Portanto, acredito que a análise deva focar não apenas na intenção do humorista, mas também em como e por quem o humor está sendo percebido, além das consequências que esse discurso pode ter para os grupos afetados.

Os autores sugerem que, em uma democracia, não devem existir temas proibidos para o humor, mas isso não significa que não existam limites éticos. O exercício da liberdade de expressão no humor, na minha opinião, deve ser equilibrado com a responsabilidade de não reforçar estereótipos que possam prejudicar grupos vulneráveis ou marginalizados. A justiça deve avaliar, em cada caso, se o humor ultrapassa esses limites, causando impacto real na vida das pessoas, e se o comediante deve ser responsabilizado por isso.

Por fim, existe a consequência ética e moral no trabalho do humorista. O humor não atua isoladamente; ele reflete e influencia a maneira como as pessoas veem o mundo. Logo, acredito que, o papel do comediante não é apenas entreter, mas também moldar percepções sociais. Quando piadas reforçam preconceitos ou estereótipos, elas contribuem para normalizar essas ideias, legitimando visões negativas sobre certos grupos sociais.

A questão não é apenas sobre o riso momentâneo, ou “se vender” para a plateia contando aquela piada que tem um fundo homofóbico ou machista, mas que ainda gera risadas em determinados públicos. A questão é sobre as consequências mais amplas que o humor pode

gerar. Piadas que desumanizam ou marginalizam grupos minoritários podem fortalecer atitudes preconceituosas já presentes na sociedade, agravando a exclusão e o preconceito que esses grupos enfrentam no cotidiano.

Essa responsabilidade se torna ainda mais evidente quando pensamos no impacto direto na vida de pessoas reais. Quando piadas ridicularizam ou estigmatizam, elas ajudam a criar um ambiente onde atitudes discriminatórias, como o racismo, a homofobia, a gordofobia, ou o assédio, podem ser tratados como algo normal ou aceitável, retardando um processo de avanços morais na sociedade.

Um humor que marginaliza e perpetua esses comportamentos tóxicos, enfraquece o combate a essas práticas e as normaliza na sociedade. O comediante tem a responsabilidade de refletir sobre o impacto de suas piadas, pois um discurso pode, sim, influenciar a maneira como as pessoas tratam umas às outras e uma piada é um discurso.

Um dos caminhos mais importantes para o comediante é o teste constante de seu material aliado à autorreflexão. O palco funciona como um verdadeiro laboratório, onde cada piada pode e deve ser ajustada conforme a resposta do público. No entanto, a resposta vai além do simples riso ou silêncio; é preciso considerar o impacto emocional e social que o material pode gerar. O comediante deve estar sempre aberto ao feedback – não apenas o imediato, que vem através da risada, mas também aquele que pode vir de diferentes grupos sociais, muitas vezes expressado após a apresentação.

Acredito que a disposição para ajustar o material quando necessário é um fator que reflete responsabilidade e evolução profissional. Piadas que causam dor, reforçam estereótipos ou perpetuam discriminações precisam ser revistas com um olhar mais crítico. Muitas vezes, esse processo de revisão significa modificar uma abordagem ou até descartar completamente o material. Afinal, o humor tem um imenso poder de influenciar opiniões e moldar percepções, e com esse poder vem a necessidade de conscientização sobre o efeito das palavras.

O verdadeiro desafio do comediante é manter a essência da liberdade criativa, mas ao mesmo tempo equilibrar essa liberdade com a responsabilidade social. As piadas podem ser ousadas, provocativas e até desconfortáveis, mas não podem perder de vista o respeito à dignidade humana. Ao caminhar por essa linha tênue entre provocação e sensibilidade, o humorista consegue manter-se relevante, sem deixar de evoluir como artista e como cidadão.

O comediante que se compromete com o autodesenvolvimento e o refinamento contínuo de seu material contribui para um cenário humorístico mais inclusivo e consciente. O humor, afinal, deve ser um espaço de diálogo – provocador, sim, mas sempre consciente de suas repercussões e, acima de tudo, da sua responsabilidade.

3. DANDO CERTO – O SURGIMENTO DE UM ESPETÁCULO

3.1. *Dando Certo: A Conexão Entre Experiência e Novas Criações*

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, criei e apresentei meu solo de *stand-up comedy*, “Dando Certo”. O show surgiu de uma compilação de textos que escrevi ao longo dos meus anos de experiência no palco, além de novas criações feitas durante o mestrado. Alguns temas se destacaram e serviram de inspiração para novas piadas, especialmente relacionados à minha vivência como comediante gay. Quanto aos textos antigos que escolhi, priorizei aqueles que, além de funcionarem bem com o público, ainda faziam sentido para mim pessoalmente.

O desafio foi buscar uma harmonia entre as diferentes fases e estilos de minha produção como comediante ao longo desses anos, garantindo que a experiência do público fosse fluida. A questão era como manter a coesão entre materiais tão distintos, desenvolvidos em momentos diferentes da minha vida, sem perder a essência do meu humor atual. Essa tarefa não foi simples, pois cada fase da minha carreira teve diferentes influências, que precisaram ser costuradas de forma a não parecerem desconexas.

Assim, vejo o espetáculo “Dando Certo” como um marco significativo em minha trajetória profissional, pois representa a culminação de anos de experiência no palco. Simultaneamente, marca minha primeira apresentação solo, integrando também textos inéditos, o que denota uma nova fase em minha carreira na comédia *stand-up*.

O próprio nome do espetáculo, “Dando Certo”, além de carregar uma brincadeira com duplo sentido, reflete não apenas a natureza humorística do espetáculo, mas também um posicionamento positivo. Simboliza o meu sentimento de que evolui nos palcos e reafirma que, mesmo com as dificuldades ao longo desses anos, está tudo dando certo.

Coloquei minha vivência como homem gay em destaque, mas procurei evitar cair em chacotas ou estereótipos depreciativos. Piadas sobre gays ainda são comuns e, muitas vezes, baseadas em preconceitos. E, por mais que eu faça parte da comunidade LGBTQIA+, também já reproduzi esse tipo de humor. Isso não se deve apenas às minhas limitações ou ignorâncias, mas também à expectativa do público de que, por ser um comediante gay, eu vá reforçar esses clichês.

Lembro de uma noite de teste de piadas em Fortaleza, por exemplo, em que, ao interagir com o público, improvisei uma piada que acabou sendo problemática. O texto era o seguinte:

"Eu me mudei há pouco tempo para Fortaleza e, por aqui, ando muito mais com héteros do que com gays. E, por estar convivendo tanto com héteros, comecei a fazer 'programas de hétero'. Tipo assistir futebol no domingo. Eu nem tinha time, mas agora sou Fortaleza. Eh Leão do Pici! Adoro ser 'laion', porque tem todo um rugido: rawww (faço o rugido de forma exagerada). Aí já jogo a juba do leão (sacudo o cabelo). Sou muito 'laion', me sinto meio ThunderCat."

A piada arrancou muitas risadas e, como o show estava sendo gravado, resolvi postar o vídeo nas minhas redes sociais. Escolhi propositadamente um dia de jogo entre Fortaleza e Ceará, dois rivais históricos, para aumentar o engajamento. O vídeo viralizou, sendo inclusive repostado em perfis de torcidas organizadas.

Alguns amigos comediantes me alertaram sobre um problema: eu estava fazendo piada apenas com um time, e a solução seria incluir ambos os rivais. Na tentativa de corrigir, cometi o erro de adicionar o seguinte comentário: "Brincadeira gente, só quero esclarecer que eu não torço pro Ceará... também não sou tão gay assim!"

O futebol é um cenário onde, frequentemente, ofensas homofóbicas são usadas para depreciar torcedores ou times rivais. Exemplos comuns são o São Paulo Futebol Clube ser chamado de "time de Bambi" ou o Cruzeiro Esporte Clube ser associado ao apelido "time de Maria". Com a minha piada, que inicialmente criei apenas para gerar riso, percebo que também acabei reforçando esses estereótipos. Embora meu objetivo fosse apenas entreter, acabei contribuindo para a perpetuação de um humor que alimenta preconceitos enraizados no ambiente esportivo.

A piada é problemática por várias razões. Ela sugere que certas atividades, como assistir a futebol, são "coisas de hétero". Além disso, ao imitar o rugido do leão e sacudir a "juba", fiz uma caricatura que exagera comportamentos e maneirismos que a sociedade, muitas vezes, associa de forma equivocada ao mundo gay, reforçando um estereótipo. Com a modificação que fiz incluindo a nova piada, acabei introduzindo uma distinção implícita: ser "menos gay" estaria associado ao Fortaleza, enquanto ser "mais gay" ao Ceará, o que perpetua a visão limitada e preconceituosa de que existe uma forma certa de ser gay.

Essas nuances são complexas, pois, mesmo que a intenção seja apenas humorística, acabam reforçando estereótipos que contribuem para a marginalização ou a distorção das identidades LGBTQIA+. Ainda assim, o vídeo viralizou nas redes sociais.

Embora tenha alcançado grande visibilidade nas redes sociais e me trazido novos seguidores, percebi que a piada reforçava preconceitos, o que não condiz com minha visão de responsabilidade ética que os comediantes devem ter no palco. Mesmo tendo funcionado bem com o público, optei por não a incluir no texto do espetáculo "Dando Certo".

Essa decisão não foi fácil, pois, como mencionei anteriormente, há uma dinâmica entre o comediante e o público que influencia o que é oferecido no palco. O "riso fácil" pode ser tentador, e a aceitação do público por piadas provocativas muitas vezes incentiva comediantes a explorarem territórios moralmente questionáveis. No entanto, acredito que a ética deve sempre prevalecer na seleção do conteúdo a ser apresentado. Como comediante, acredito ser responsável pelo impacto das minhas piadas. O fato de uma piada provocar risadas na plateia ou se espalhar nas mídias, na minha opinião, não justifica o seu uso quando ela perpetua estereótipos depreciativos e preconceitos.

Assim, busquei, através do meu texto, normalizar e celebrar a vivência LGBTQIA+, criando um espaço onde essa identidade pudesse ser representada de forma positiva e valorizada, mas tendo o humor como o objetivo principal.

O *stand-up*, sendo uma forma de expressão majoritariamente autoral, nasce do olhar único de cada comediante sobre o mundo. Isso é especialmente relevante, considerando que este estilo de humor ainda é amplamente dominado por homens, em sua maioria heterossexuais. Como resultado, o humor que surge muitas vezes retrata o homem gay, assim como mulheres, negros e outras minorias, por meio de estereótipos, preconceitos e visões simplistas.

Com base no conceito apresentado pelo teórico e doutor em Ciências Sociais, Luis Mauro Sá Martino, em seu livro *Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*, estereótipos são definidos como: “imagens mentais criadas pelo indivíduo a partir da abstração de traços comuns em um evento previamente vivido. [...] Neste sentido, o estereótipo é um conhecimento imediato e superficial, ganhando em tempo o que perde em profundidade.” (MARTINO, 2021).

Já Zilá Bernd¹⁷, discorre, sobre a definição de estereótipos, que ele “parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo” (BERND, 1970).

¹⁷ Zilá Bernd, professora, orientadora e pesquisadora na área de Letras e mais especificamente no âmbito das relações culturais e literárias interamericanas (Brasil, Québec, Antilhas)

A filósofa húngara Agnes Heller (2008) acrescenta que “a vida cotidiana produz em sua dimensão social os preconceitos, e que a base antropológica dessa produção é a particularidade individual”, sugerindo que os preconceitos presentes em uma piada podem ter origem na própria consciência do indivíduo que a conta, já que “cada um é responsável pelos seus preconceitos” (HELLER, 2021).

Essas representações generalizadas podem levar à formação de preconceitos quando a representação toma o lugar do representado, influenciando a percepção social e individual. Assim sendo, acredito que a ausência de perspectivas diversificadas no palco pode perpetuar uma visão limitada e estigmatizada da vivência LGBTQIA+ (assim como das vivências negra, feminina e outras), subvalorizando a complexidade e a autenticidade dessas experiências.

Portanto, acredito ser de grande importância a presença de uma maior diversidade de perspectivas na comédia *stand-up*. Ao trazer para o palco vozes variadas, é possível enriquecer a cena humorística, proporcionando uma representação mais justa e completa das diferentes identidades e experiências humanas. Isso não apenas amplia a compreensão e a empatia do público, mas também desafia e expande os limites do próprio humor, tornando-o mais inclusivo e relevante.

Comparando com meu início em 2008, é evidente que a comédia tem evoluído e assumido novas formas. Hoje, vemos um cenário mais diverso, com comediantes trazendo diferentes vozes e discursos para o *stand-up*. Comediantes gays, como Júnior Chicó¹⁸ e Fernando Pedrosa¹⁹, estão ocupando o palco com seus solos, enquanto mulheres, como Bruna Louise²⁰, se destacam e percorrem o Brasil, consolidando-se como grandes nomes da comédia nacional. Além disso, comediantes negros, como João Pimenta²¹ e Yuri Marçal²², estão trazendo suas perspectivas únicas, enriquecendo o panorama do humor no país. Essa diversidade não só reflete mudanças na sociedade, mas também aponta para um futuro mais inclusivo e plural na comédia.

3.2. O Desafio de Criar um Espetáculo Solo

Durante anos, adiei a realização de um espetáculo solo, muitas vezes questionando se estava pronto para este momento. Será que consigo segurar a atenção de um público por uma

¹⁸ Link de apresentação de Junior Chicó: <https://www.youtube.com/watch?v=sGmcGYBnEOc>

¹⁹ Link de apresentação de Fernando Pedrosa: <https://www.youtube.com/watch?v=ZPf9uctNx-Y>

²⁰ Link de apresentação de Bruna Louise: https://www.youtube.com/watch?v=oCOcARWZ_p4

²¹ Link de apresentação de João Pimenta: https://www.youtube.com/watch?v=tboFsBep8_s

²² Link de apresentação de Yuri Marçal: <https://www.youtube.com/watch?v=ormxSOCU1pU>

hora seguida? Será que tenho material de qualidade para isso? E se eles não gostarem de mim? Essas eram algumas das perguntas que me ocorriam.

Em shows com vários comediantes, se um não está indo bem, o próximo pode entrar e renovar o interesse do público. Isso oferece uma maior segurança ao humorista, que pode até encurtar sua apresentação se necessário (por exemplo, se preparou 20 minutos, mas a plateia está “difícil” e não está reagindo, ele pode fazer apenas 10 minutos e sair). No entanto, em um espetáculo solo, toda a responsabilidade de manter o público engajado recai sobre o comediante. Cabe a ele, sozinho, garantir que a audiência permaneça interessada do início ao fim.

Além disso, o *stand-up comedy* se destaca de outras formas de expressão artística por sua forte natureza autoral. Em geral, todas as piadas e textos são criados, organizados e interpretados pelo próprio comediante. Lins (2009) observa que, embora o gênero seja majoritariamente autoral, há casos em que piadas são compradas e utilizadas por outros humoristas.

Embora no Brasil essa não seja uma prática conhecida, nos Estados Unidos, local onde a *stand-up* nasceu, há pessoas que vendem piadas. Literalmente vendem. Um cara escreve uma piada, um comediante gosta, paga por ela e a partir daquele momento os direitos (do ponto de vista ético-informal), pelo uso daquela piada, passam a ser do comediante (LINS, 2012).

Ainda que essa prática reconheça que, em certos casos, piadas podem ser comercializadas e utilizadas por outros profissionais, o *stand-up* valoriza a originalidade do artista. Dessa forma, a ordem das apresentações, a escolha dos temas e a construção das narrativas são, na maioria das vezes, desenvolvidas de forma individual, resultando em uma performance única que reflete a personalidade do comediante. Essa autonomia dá ao humorista controle total sobre seu material, permitindo que ele imprima sua própria identidade.

No entanto, essa característica também impõe um desafio significativo: a identificação pessoal com o conteúdo apresentado. Quando a reação da plateia é negativa, não gostar do que está sendo exibido no palco pode ser percebido como uma rejeição não apenas do material humorístico, mas também do próprio comediante.

Como todo o processo criativo é desenvolvido por uma única pessoa, a diferença entre a obra e o criador fica pequena, tornando as críticas e rejeições mais impactantes emocionalmente. O comediante precisa estar preparado para enfrentar a possibilidade de que a

reação da plateia possa ser interpretada como um julgamento direto de sua própria pessoa, e não apenas de sua produção artística.

A natureza despojada é própria do *stand-up comedy*, o que muitas vezes faz a audiência acreditar que o texto é improvisado naquele momento. Essa confusão é comum, especialmente para quem não está tão familiarizado com o gênero. Não é raro que o público pergunte se o material foi criado na hora. A naturalidade é um dos pontos mais valorizados no *stand-up*, pois cria uma conexão mais íntima com o público. No entanto, por trás desse estilo informal e conversacional, existe um trabalho metódico de escrita, ensaio e refinamento, que garante o ritmo e a eficácia das piadas.

No entanto, essa percepção de espontaneidade pode ter implicações significativas. Quando um comediante faz uma piada preconceituosa, a falta de uma distinção clara entre o personagem cômico e a pessoa real pode levar o público a acreditar que os sentimentos e opiniões expressos são autênticos e representam verdadeiramente o que o comediante sente e acredita. Em um estilo de humor em que o aspecto informal é tão importante, o risco de que a piada seja interpretada como um reflexo do caráter do comediante é muito grande.

Pedro Cardoso, importante ator brasileiro, em entrevista a apresentadora Cissa Guimarães no programa Sem Censura da TV Brasil, ao ser questionado sobre o *stand up comedy*, disse que “é o desaparecimento do personagem” e defendeu que considera isso grave, pois “é mais uma vez o cultivar a primeira pessoa excessiva”.

Uma coisa é eu fazer um preconceituoso, um personagem preconceituoso, que fala de maneira preconceituosa da sexualidade ou da ancestralidade, seja do que for. Eu tô fazendo um comentário cômico sobre o preconceito. Eu estou revelando os modos de organização do preconceito. Eu não estou debochando da pessoa que é vítima do preconceito. Entretanto, na primeira pessoa, eu Pedro, [...] me controlo para não falar as palavras que nós descobrimos que na língua portuguesa estão impregnadas do preconceito histórico que nos formou. Agora, se eu for fazer um personagem no teatro, não vou enfeitar meu personagem, não vou fazer um personagem politicamente correto, vou fazer um personagem com os defeitos que a cultura brasileira tem e que as pessoas têm (CARDOSO, 2024).

Pedro Cardoso continua a entrevista criticando o *stand-up comedy*, especialmente por ser um estilo em que o humorista se expressa na primeira pessoa, sem recorrer a personagens. Ele sugere que esse formato pode abrir espaço para comportamentos autoritários e preconceituosos no palco, já que o comediante não está representando outra pessoa. Ele acrescenta sobre o *stand-up*: “é preconceituoso porque é na primeira pessoa, não é personagem. Então, os assuntos ficam, na minha opinião, poluídos pela biografia do comediante.”

No entanto, o que o comediante de *stand-up* diz nem sempre reflete, de fato, suas crenças pessoais. Por exemplo, se em uma piada eu digo que "odeio motoqueiros" e começo meu material colocando-os como alvo, pode dar a entender que eu, Edgar, realmente tenho aversão a motoqueiros. No entanto, pessoalmente, eu não tenho nenhum problema com eles. Esse mal-entendido surge porque, no contexto do *stand-up*, o humorista parece estar falando diretamente de suas próprias experiências e opiniões, mesmo quando está apenas usando recursos cômicos, como a hipérbole ou a sátira, para provocar risos.

Essa percepção equivocada pode levar a julgamentos precipitados sobre o caráter do comediante, especialmente quando o material aborda temas sensíveis ou controversos. O *stand-up*, por ser uma forma de comunicação mais pessoal e direta, exige uma responsabilidade maior por parte do humorista. No entanto, acredito que essa responsabilidade também se estende a comediantes que interpretam personagens. Acredito que personagens podem servir para evitar a responsabilidade dos seus criadores, já que é muito confortável dizer absurdos e atribuí-los a um personagem. No entanto, devemos considerar também que um comediante stand up pode usar a primeira pessoa para confrontar diretamente suas falhas e preconceitos, enquanto um personagem pode mascarar as falhas e preconceitos do autor sob a camada da ficção.

Portanto, é essencial que o comediante esteja consciente do impacto de suas palavras e das possíveis interpretações que seu material pode gerar, independentemente do estilo que adote. Essa responsabilidade individual amplifica o medo do fracasso, especialmente em um solo, onde não há como dividir a atenção ou contar com um "plano B". A ideia de encarar o público sozinho torna o desafio ainda mais intimidador, e uma pergunta constante me assombrava: Será que eu consigo, por conta própria, encher uma casa de pessoas interessadas em me assistir?

3.3. A Estreia do “Dando Certo”

O espetáculo "Dando Certo" teve sua estreia no dia 06 de maio de 2023, no Gargalhada Sabor e Riso, um *comedy club* situado na cidade de Fortaleza, com capacidade para um público aproximado de 80 pessoas. E, para minha surpresa e alívio, a estreia foi marcada por ingressos esgotados.

Figura 3 – Flyer da apresentação de estreia do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 06 de maio de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Antes de subir ao palco, fui tomado pela ansiedade, pois embora tivesse memorizado minhas piadas e a ordem do texto, seria minha primeira vez apresentando um solo. Por via das dúvidas, preferi subir ao palco com uma “colinha” escrita e outra digitada no celular, caso eu esquecesse algo.

Convidei uma amiga comediante, Patrícia Nassy, para abrir o show e aquecer o público. A presença de um comediante de abertura ajuda a quebrar o gelo e a energizar a plateia, o que facilita a conexão imediata do público com o artista principal.

Cheguei ao *comedy club* quando boa parte da audiência já ali se encontrava. Passei pelas mesas e cumprimentei vários amigos e pessoas conhecidas que me desejaram sorte e, logo em seguida, subi ao palco para enfim iniciar o meu show.

Até aquele momento, não havia uma clara distinção entre artista e público. Se não fosse pela abertura feita pela comediante Patrícia Nassy, que após seu breve show anunciou: "Senhoras e senhores, com vocês, Edgar Quintanilha", a situação poderia ser comparada a simplesmente levantar-se da mesa de um bar e subir ao palco para contar piadas.

Quando subi ao palco, fui sincero e disse à plateia que aquela era minha estreia. O processo de organizar as piadas em um show não é aleatório; é necessário pensar em diversos aspectos para garantir que o espetáculo tenha coesão e impacto. Primeiramente, é fundamental

que o final do show seja forte, terminando em um ponto alto que deixe o público com vontade de mais. Esse ápice cria uma sensação de completude, mas ao mesmo tempo, mantém o público desejando uma continuação. No entanto, o início também precisa ser impactante, para capturar imediatamente a atenção da plateia e garantir que eles estejam engajados desde o início.

Outro aspecto importante é entender que a plateia respira. Como o comediante Leo Lins destaca: "Tem vezes que a plateia ri tanto que uma hora cansa. Sendo assim, durante uma parte da sua apresentação, a plateia não vai ter grandes reações, aceite isso e siga em frente. Após alguns minutos, pode ser que eles voltem a rir com mais intensidade" (LINS, 2012). Com isso em mente, é necessário saber dosar o ritmo da apresentação, permitindo que o público tenha momentos para recuperar o fôlego e, assim, possa reagir de forma mais intensa novamente.

Além de estruturar o início e o fim de maneira estratégica, outro ponto importante é criar links naturais entre as piadas. Mesmo que os temas sejam diferentes, é essencial fazer a transição de forma fluida, sem que a mudança de assunto seja abrupta ou cause uma quebra no ritmo. Evitar frases como "mudando de assunto" é fundamental, pois isso evidencia demais a troca de tema, interrompendo a dinâmica do show. O ideal é usar pequenas piadas de transição para que o público nem perceba a mudança.

Por exemplo, no meu show Dando Certo, uma das primeiras piadas que conto é sobre a Xuxa. Logo em seguida, o tema muda para chocolate e pessoas chocólatras. Em vez de fazer uma transição brusca, como "mudando de assunto, e chocolate, hein?", eu aproveito o gancho da música "Vou te mostrar que é de chocolate" da Xuxa para introduzir o próximo tema. Assim, finalizo um texto de maneira natural e já engato outro, mantendo o ritmo fluido e dinâmico. A transição funciona assim:

-Xuxa que, por sinal, tem músicas com duplo sentido, viu? Tem mensagem subliminar. Tem uma música da Xuxa que ela diz o seguinte: "Vamos brincar de índio, mas sem mocinho para me pegar". Quer dizer, sapatão. Tem uma que com certeza ela canta pensando numa frase que o Pelé devia falar para ela na cama quando eram casados: "Vou te mostrar que é de chocolate...". Vai lá, Xuxa, para você ver o tamanho. O tamanho do Toblerone. Eu amo chocolate. Temos chocólatras hoje aqui presentes?

Esta maneira me permite introduzir o tema do chocolate, levando a plateia naturalmente para o novo assunto, sem que sintam uma quebra. A partir daí, posso começar a interagir com

o público, perguntando quem é chocalatra, e fazendo brincadeiras a partir das respostas, mantendo o engajamento.

Criar essas conexões sutis entre os textos é fundamental para a fluidez do show. Por exemplo, em outro momento, quando termino meu texto sobre o axé e vou começar um outro texto sobre o funk, faço uma transição comparando os estilos. Essa comparação não só conecta os dois gêneros musicais, mas também mantém o ritmo do espetáculo, evitando que a mudança de tema seja brusca.

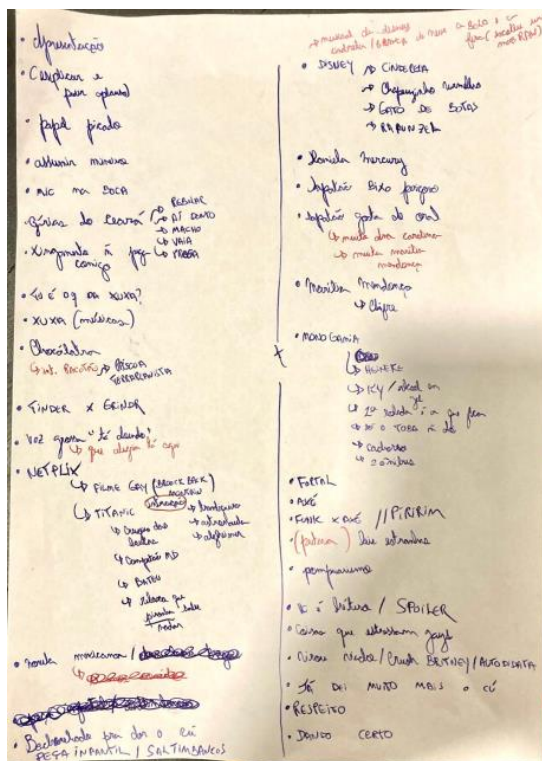
Vocês já repararam que o axé ficou é muito mais rico, filosófico, depois da chegada do funk. O que que é? “Bebeu água? Tá com sede? Olha, olha, olha a água mineral.”, perto de: “Vou pro baile sem cueca pro malandro balançar. Balança, balançar, balançar”. Pelo menos o axé usa uns eufemismos: “Agora pare, pegue no bumbum. Agora mexe, pegue no compasso.”. Já o funk manda a mensagem direto, sem medo de ser feliz: “Mulher cabeluda é coisa do passado. A moda agora é a mulher do cu raspado. Figaro fi, figaro fa... se tá cabeludo vai ter que raspar.” O que é isso? É jingle da Gillete?

Essa técnica de fazer links entre os temas também pode ser aplicada em outros contextos. No meu texto sobre o Grindr, um aplicativo de relacionamentos voltado para o público LGBTQIA+, por exemplo, poderia simplesmente mudar de assunto e falar sobre um date ruim que tive. No entanto, prefiro usar a transição: "Foi através do Grindr que eu tive o pior date da minha vida." Isso cria uma ponte natural entre os dois tópicos, garantindo que a mudança de tema seja suave e quase imperceptível para o público, mantendo o fluxo da apresentação.

Esse cuidado com a ordem das piadas, a construção de um início impactante, um final forte, e as transições naturais entre os temas são essenciais para manter a atenção e o interesse da plateia do início ao fim, sem que o ritmo se perca ao longo do espetáculo.

Ao longo de uma hora, contei minhas piadas para um público animado. Embora estivesse nervoso, isso não me impediu de seguir em frente. Em um momento, até deixei minha colinha cair atrás do palco, mas em vez de me desesperar, improvisei e brinquei com a situação, arrancando risadas. No final do show, fui aplaudido de pé.

Figura 4 - Sequência dos textos e piadas que apresentei no espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 06 de maio de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

A reação foi tão boa e eu me senti tão bem no palco, que terminei o show com o pensamento: por que demorei tanto tempo para tomar essa decisão de criar um solo? A criação desse espetáculo foi um passo crucial. Esse projeto não apenas me ajudou a aumentar minha confiança como comediante, mas também me permitiu transformar a minha insegurança em uma oportunidade de crescimento profissional e, também, pessoal. Encaro como um processo de superação e autoafirmação, em que enfrentei medos e incertezas para finalmente dar vida a um projeto que sempre esteve latente em minha trajetória.

3.4. Explorando Novos Palcos

Desde a estreia, o espetáculo já foi apresentado em diversas capitais. Até o dia 26 de julho de 2024 foram 13 apresentações²³, sendo 3 apresentações em Fortaleza, duas em Natal,

²³ As apresentações do espetáculo *Dando Certo* ocorreram na seguinte ordem:

1. 06/05/23 apresentação em Fortaleza no Gargalhada Sabor e Riso
2. 01/07/23 apresentação em Natal no Natal Comedy Club
3. 02/07/23 apresentação em Recife no Manguetown Comedy Club
4. 06/07/23 apresentação em Belo Horizonte no teatro de bolso do Sesc Palladium
5. 23/07/23 apresentação em Belo Horizonte no Copo Sujo Comedy Club
6. 30/09/23 apresentação em Fortaleza no Teatro Chico Anysio
7. 16/12/23 apresentação em Natal no Natal Comedy Club
8. 17/12/23 apresentação em Recife no O Marco zero Comedy Club

duas em Recife, quatro apresentações em Belo Horizonte, e uma apresentação no Rio de Janeiro e em São Paulo. Falarei sobre as primeiras apresentações do meu solo e como questões relacionadas aos limites do humor, receptividade do público e minha percepção enquanto artista moldaram o “Dando Certo”.

A segunda apresentação do meu espetáculo ocorreu em 1º de julho de 2023, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte e a terceira, no dia seguinte, em Recife, Pernambuco. Estes dois eventos, no mesmo final de semana, representaram um desafio ainda maior, pois, além da pouca experiência em um projeto tão novo, as apresentações seriam realizadas em cidades nas quais eu nunca havia me apresentado antes.

Fui convidado a levar meu show para Natal após um comediante de lá, Danilo Praxedes, ter assistido a uma das minhas apresentações em Fortaleza e demonstrado apreço pelo meu trabalho.

Optei por me apresentar em Natal porque meus números nas redes sociais estavam crescendo, especialmente com meus vídeos de humor, e sabia que havia um público local que já acompanhava meu trabalho. Além disso, a presença de um *comedy club* na cidade tornou a produção mais viável em comparação aos teatros, que costumam exigir uma logística mais complexa.

-
9. 05/01/24 apresentação em Belo Horizonte no Copo Sujo Comedy Club
 10. 18/05/24 apresentação em Fortaleza no Aí Dentu Comedy Club
 11. 12/07/24 apresentação em Belo Horizonte no Copo Sujo Comedy Club
 12. 19/07/24 apresentação no Rio de Janeiro na Casa da Comédia Carioca
 13. 26/07/24 apresentação em São Paulo no Acústico Comedy Club

Figura 5 - Flyer da apresentação do espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 1º de julho de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Em teatros, é necessário reservar pauta, pagar um valor fixo pela data ou porcentagens. Por outro lado, nos *comedy clubs*, o processo é mais simplificado: eles cedem o espaço já estruturado e adequado para a realização de shows de *stand-up*, a casa já possui uma tradição em receber espetáculos de humor, atraindo um público que gosta do estilo e busca dar risadas, e as negociações relativas a porcentagens são menos complicadas, apesar de nem sempre serem mais favoráveis.

Em relação a Recife, entrei em contato com o Manguetown *Comedy Club* e solicitei uma data como parte de uma turnê que planejei entre as duas capitais. O objetivo foi reduzir os custos da viagem, aproveitando a proximidade entre as cidades, e viabilizar as apresentações.

Figura 6 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Recife/PE no dia 02 de julho de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

As apresentações em Natal e Recife foram um sucesso, trazendo uma experiência muito gratificante para mim. Em ambos os eventos, a plateia respondeu de forma positiva, proporcionando muitas risadas e aplausos durante todo o espetáculo.

Em Natal, cerca de cem pessoas compareceram ao show, já em Recife, no *Mangueira Comedy Club*, um espaço menor com capacidade para 40 pessoas, os ingressos esgotaram, criando uma atmosfera intimista e envolvente. O show contou com um público que, em sua maioria, já acompanhava meu trabalho pelas redes sociais. Essa familiaridade facilitou a conexão com o público, tornando a apresentação especialmente marcante.

Essas experiências foram desafiadoras, mas gratificantes. Elas expandiram meu entendimento sobre as nuances logísticas e as demandas de produzir um espetáculo de *stand-up* em diferentes regiões. Foi surpreendente ver como algo que criei em casa, em meus momentos de criação tão particulares, conseguiu se comunicar com pessoas de lugares tão distantes. O medo existia, mas foi completamente abafado pela vibração da plateia, que me recebeu muito bem.

Em julho de 2023, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, realizei a quarta e a quinta apresentações do meu espetáculo "Dando Certo", cada uma com suas particularidades e desafios.

A quarta apresentação ocorreu no dia 6 daquele mês, e foi a primeira vez que apresentei meu show em um teatro. Este ambiente apresenta diferenças significativas, em comparação com um *comedy club*.

No teatro, a audiência está mais focada em você, sem as distrações comuns a um espaço de bar, como garçons circulando, idas das pessoas ao banheiro (muitas vezes passando em frente ao palco), além do pior: o público ingerindo bebidas alcoólicas, o que facilita muito a aparição de *heckler*.

Esse é o termo da comédia *stand-up* para se referir a alguém na plateia que interrompe ou atrapalha o show. O famoso chato. Essa pessoa geralmente faz isso ao falar alto, fazer comentários, ou tentar adivinhar final de piada durante a apresentação do comediante. Essas interrupções podem desestabilizar o comediante e distrair o público, criando um desafio adicional para manter o fluxo do show. Sobre *heckler*, Lins elucida que:

Se alguém fizer um comentário na plateia, a melhor coisa a ser feita é ignorar. Simplesmente ignore. Pode ser que o chato fale outra coisa depois. Ignore. Na segunda ou terceira vez ele vai desistir, pois o que essa pessoa quer é aparecer e ele não vai conseguir isso com você. Outra solução é revidar, faça isso se tiver segurança e capacidade. Se ainda estiver inseguro nos palcos, ignore. [...] Lembre-se que ao revidar, sua intenção é a de calar o chato. Se você ficar trocando insultos com ele, você perdeu (LINS, 2012).

No *stand-up*, o comediante precisa ter controle da situação e discernir o melhor momento para reagir ou simplesmente deixar passar. O equilíbrio entre o improvisado e o material preparado é fundamental, e o foco deve sempre estar em manter o ritmo do show. Caso o comediante se sinta confiante e seguro de sua capacidade de reação, pode optar por responder ao comentário. Mas deve, para isso, necessariamente ser mais engraçado do que o *heckler* e isso deve ser feito com a intenção de silenciar o perturbador e não para prolongar e gerar uma troca de insultos.

Não é que *hecklers* não apareçam em teatro, mas acredito que esse ambiente intensifica a conexão do comediante com a plateia, proporcionando uma experiência mais envolvente e direta. A interação com a plateia é sempre um desafio, embora eu, particularmente, goste disso. Cada momento é único, e a resposta imediata do público pode tanto elevar quanto testar a habilidade do humorista de se manter no controle da situação e de transformar qualquer interrupção em parte do espetáculo.

O show foi realizado no Teatro de Bolso do Sesc Palladium, em Belo Horizonte. Esta apresentação foi particularmente especial, pois estava na minha cidade natal. Foi como um

retorno às raízes. Em BH, foi onde comecei, onde realizei minhas primeiras experimentações no palco e os primeiros testes de piadas. Voltar à minha cidade com um espetáculo solo era uma sensação de crescimento profissional. Era a confirmação de que minha trajetória estava realmente dando certo. Uma oportunidade de reafirmar a mim mesmo o quanto amadureci profissionalmente ao longo desses anos.

Figura 7 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no dia 06 de julho de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Os ingressos se esgotaram com antecedência, e a casa estava cheia, com aproximadamente 80 pessoas, muitas das quais já me conheciam de outros projetos executados na cidade ao longo dos anos, como o grupo "Queijo, Comédia e Cachaça" e o programa de rádio "Café Comédia".

Iniciei minha carreira no auge da adolescência, uma fase crucial de descobertas e desenvolvimento pessoal. Por isso digo que a comédia *stand-up* faz parte fundamental da minha formação enquanto indivíduo. Por ser uma arte expositiva, ela me colocou em situações em que tive que me mostrar, e foi justamente através dessa abertura que comecei a me descobrir. A comédia se tornou uma forma de terapia para mim, com o palco funcionando como um divã. Através das apresentações, fui elaborando e entendendo muitas das minhas experiências e emoções.

Assim, vejo a comédia *stand-up* não apenas um trabalho, ela é parte integrante do meu desenvolvimento e entendimento como ser humano. Através da comédia, encontrei uma forma

de expressar minhas emoções, compartilhar minhas experiências e, mais importante, entender a mim mesmo. Cada piada, cada show, cada momento no palco contribuiu para a formação da pessoa que sou hoje.

Tem uma história, frequentemente atribuída ao comediante e ator Robin Williams²⁴, em que ele teria dito em tom de brincadeira, refletindo sobre sua experiência pessoal com a terapia e sua profissão de comediante, algo como: "Comecei a fazer terapia, mas não deu muito certo. Depois de um tempo, descobri que meu terapeuta estava por aí contando minhas piadas!".

É uma anedota e nem sei se o Robin Williams realmente disse isso alguma vez em sua vida, apesar da frase exemplificar bem o humor autodepreciativo característico do ator. Essa história mostra como a comédia pode servir tanto como uma válvula de escape, quanto como uma maneira de processar experiências pessoais.

O humor autodepreciativo surge da autoanálise do comediante, é a surpresa além do punch, surpresa pois a pessoa na plateia não esperava que o comediante fosse contar algo tão íntimo e vil, fazendo surgir uma característica, medo, fobia, que estavam nos confins do inconsciente dela. Nesse momento durante o show, a pessoa na plateia por meio de “imagens identificatórias” tem, digamos o ego ideal quebrado. Tornando o comediante um sadomasoquista e a pessoa na plateia uma masoquista, fazendo ela rir e sentir prazer dá própria dor. O comediante depois de muito falar de si. Faz a pessoa na plateia falar muito de si para si mesma. Tendo ela uma autoanálise, uma reflexão (GUELFE, 2022).

Kevin Guelfe, filósofo e comediante stand up brasileiro, compara o comediante a um "sadomasoquista", que explora sua própria dor para o prazer do público, enquanto o público é comparado a "masoquistas", que riem da dor do comediante e, indiretamente, da própria dor, sentindo prazer nisso. O humor autodepreciativo, além de gerar risos, para Guelfe, provoca uma autoanálise no público, levando-o a refletir sobre si mesmo.

Fato é que eu estava em Belo Horizonte, apresentando em teatro lotado e, tendo entre aquelas pessoas da plateia uma em especial: minha mãe, que sempre me disse: “para de falar mal de você mesmo nos seus shows”. Mães, sempre com aquele espírito protetor, querendo nos defender até das piadas que fazemos contra nós mesmos.

²⁴ Foi um ator e comediante americano. Começou sua carreira no stand-up em São Francisco e Los Angeles em meados da década de 1970. Ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante por Gênio Indomável em 1997. Faleceu em 2014.

A alegria de me apresentar em Belo Horizonte foi tanta que, aproveitando minha permanência na cidade durante as férias, organizei, de última hora, um show no Copo Sujo *Comedy Club*. No entanto, devido à disponibilidade limitada de datas e horários, marcamos o show para o dia 23 de julho, um domingo, às 17h.

Estava tomado de otimismo. Acreditava que a casa ficaria cheia, considerando que era um espaço pequeno, com capacidade para 50 pessoas, e que os ingressos da minha primeira apresentação em BH havia esgotado com antecedência.

No entanto, errei. Foi um resultado péssimo em relação a público. Não sei se pelo horário pouco convencional, ou pelo pouco tempo de divulgação, mas resultou em um público pequeno. Fiz o show para apenas cerca de quatorze pessoas presentes.

Foi a primeira vez que, com o meu solo, enfrentei um público tão pequeno. Já havia apresentado para poucas pessoas, mas em apresentações em noite de elenco, fazendo 15 minutos de show. Ficaria ali no palco, por mais de uma hora, com quatorze pessoas me assistindo. Sobre a experiência de fazer show para plateias pequenas, Lins (2009) esclarece que:

[...] em geral, a reação de todas as piadas é reduzida. Piadas que fazem plateias maiores ou mais animadas baterem palma e rirem loucamente, nesse tipo de público vai gerar uma boa risada. Piadas que geram boas risadas na plateia animada, aqui vai gerar uma leve risada, e piadas com leves risadas, aqui geram apenas um esboço de sorriso, uma reação sem som. Sendo assim, nesse tipo de público, algumas de suas piadas não vão te dar retorno auditivo, o público pode simplesmente abrir um sorriso ao ouvir certas piadas. Lembre-se de que isso não significa que a piada não foi boa. É apenas uma característica desse tipo de plateia. É válido lembrar mais uma vez que nem todas as plateias pequenas e espalhadas são assim, e nem todas as que estão cheias são animadas. A sempre exceção à regra (LINS, 2012).

Para conectar-me com a audiência, naquele caso, me recorri à interação. Tinha tão poucas pessoas que busquei interagir com todos. Brinquei que era terapia de grupo e que no final inclusive criaríamos um grupo no WhatsApp para manter contato.

Figura 8 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo Comedy Club no dia 23 de julho de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Apresentei meus textos naquela noite, mas dediquei bastante tempo para algo que sempre gostei de fazer. Fiz o que chamam de *crowd work*.

O *crowd work* ocorre não apenas quando um comediante interage com a plateia durante sua apresentação. É necessário que a interação seja uma constante e um dos pontos principais do seu show. É fundamental que realmente o comediante trabalhe com a multidão, se traduzirmos o termo de forma literal.

Essa interação envolve chamar pessoas específicas do público e fazer perguntas mais diretas e improvisar piadas com base em suas respostas. É um jeito de fazer comédia *stand-up* de alto risco, pois requer a capacidade de pensar rapidamente e dar uma resposta engraçada, mas também tem uma alta recompensa. O público, em geral, responde de maneira muito positiva a uma interação bem executada.

Um aspecto importante do *crowd work* é que, por ser improvisado, sempre existe a possibilidade de uma piada não dar certo ou de alguém da plateia não responder da maneira que o comediante espera. Por isso, é fundamental que o comediante consiga ler o público e, se uma interação não funcionar, esteja pronto para rapidamente passar para outra pessoa.

O *crowd work* também pode ser uma excelente maneira de se conectar com o público de forma mais pessoal. Ao chamar a atenção de membros específicos da plateia e interagir

diretamente com eles, os comediantes podem criar uma sensação de intimidade que pode ser difícil de atingir com os textos de *stand-up* previamente preparados e ensaiados, principalmente em plateias pequenas.

E foi essa conexão com o público que busquei nesta segunda apresentação do meu solo em Belo Horizonte. Tal experiência, me proporcionou algo que viria a se tornar um momento valioso do meu show. No meio de uma dessas interações, surgiu a ideia de conduzir uma “ola”²⁵, porém com duplo sentido.

No espetáculo, já havia um trecho em que eu abordava o ânus, tratando-o como uma palavra cheia de camadas e significados. Abordava em minhas piadas, a versatilidade dessa palavra na língua portuguesa, que é fascinante, pois ela adquire diferentes conotações dependendo do contexto. Citei diversas expressões em que o ânus aparece de forma inusitada, e, em seguida, levei o público a uma reflexão bem-humorada sobre o tão falado “fio-terra”.

No entanto, para essa apresentação específica, decidi ir além: ao final desse segmento, puxei, de maneira totalmente improvisada, uma “ola”, onde a plateia, ao invés de gritar a tradicional “OLAAA” enquanto levantava as mãos, acompanhava a brincadeira dizendo “CUUUU”.

Havia no público uma senhora idosa super participativa e eu não poderia deixar passar a oportunidade de colocá-la em evidência em uma brincadeira de duplo sentido, já que ela estava tão conectada ao show. Coloquei ela para iniciar a “ola”.

Foi um momento de grande engajamento que me surpreendeu. A energia da plateia mudou completamente depois disso, tornando-se muito mais participativa e envolvida. Encerrar um show que eu inicialmente acreditava que seria um fiasco, com uma sensação de verdadeira conexão com o público e risadas sinceras, foi extremamente gratificante. Saí do palco naquela noite satisfeito com meu desempenho e com a resposta calorosa da plateia.

3.5. Entre o Improviso e os Limites do Humor

A sexta apresentação do espetáculo “Dando Certo” ocorreu em Fortaleza, no dia 30 de setembro de 2023, no Teatro Chico Anysio, um espaço pequeno e acolhedor, com capacidade para 120 pessoas.

²⁵ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, trata-se de “Movimento que lembra o das ondas, realizado num estádio ou recinto esportivo por um grande conjunto de torcedores que, em sequência e por seções, se põem de pé com os braços levantados e depois se sentam com os braços recolhidos”

Figura 9 - Flyer da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 30 de setembro de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Mais uma vez, a preocupação em lotar o teatro e atrair público foi uma fonte de estresse. Escrever piadas, pensar na ordem de apresentação e na energia da entrega já é uma tarefa complicada por si só. No entanto, ter uma preocupação extra com a produção e a venda de ingressos influencia inevitavelmente a performance no palco.

A necessidade de garantir que todos os aspectos do show estejam em ordem, juntamente com a ansiedade em relação à venda de ingressos e à presença de público, pode atrapalhar a concentração. Ser um artista independente implica assumir essas outras múltiplas funções. A sobrecarga de responsabilidades é desafiadora, principalmente porque, apesar de tudo, precisamos estar inteiros no palco para o show.

No dia deste show, passei horas resolvendo questões de produção, desde a logística com apoiadores até a divulgação, preocupado constantemente com a presença do público. Percebo que esta divisão de foco afetou negativamente a minha preparação emocional.

Apesar da preocupação e do estresse, consegui atrair um bom público, em torno de 80 pessoas, o que me trouxe alívio, mas não me senti inteiro durante a apresentação. Não foi uma apresentação ruim, mas foi desgastante.

A experiência de gerenciar tanto a produção quanto a atuação é a realidade para a maioria dos artistas independentes. Esta necessidade de se desdobrar em várias funções, além de poder afetar a qualidade do desempenho, também pode impactar o bem-estar do artista.

Apesar das adversidades, a sexta apresentação do espetáculo "Dando Certo" foi positiva. A experiência reforçou para mim a importância de uma boa gestão de tempo e de tentar, na medida do possível, delegar responsabilidades para se concentrar plenamente na apresentação. No entanto, enquanto essa realidade ideal não é atingida, continua sendo um desafio equilibrar as funções de artista e produtor, algo que, apesar de desgastante, pode também proporcionar valiosos aprendizados e crescimento profissional.

Figura 10 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 30 de setembro de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

As sétima e oitava apresentações do espetáculo "Dando Certo" ocorreram novamente em formato de turnê, seguindo a estrutura que eu já havia testado anteriormente. No dia 16 de dezembro, apresentei-me no Natal *Comedy Club*, e no dia 17, no O Marco Zero *Clube* da Comédia, em Recife.

A apresentação em Natal novamente foi um sucesso de público com casa cheia, público disposto a rir e respondendo de forma positiva às minhas piadas. A experiência foi ainda melhor do que a primeira vez que me apresentei lá.

Saí do palco extremamente satisfeito, sentindo que havia conseguido me conectar com o público. Além disso, foi gratificante ver presentes no show pessoas que já me conheciam, acompanhavam e admiravam meu trabalho pelas redes sociais. Uma dessas pessoas inclusive me presenteou, ao final do show, com um bolo decorado com a inscrição "Tio Ed" e o desenho de um comediante, o que tornou a noite ainda mais especial.

Figura 11 - Foto após o show com admiradora. Espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 16 de dezembro de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Durante este show em Natal, algo inusitado ocorreu, envolvendo uma das pessoas da plateia, que me fez refletir sobre os limites do humor. Ao longo do show, interagi com um homem, que aqui chamarei de A., para preservar sua identidade. As interações foram sobre a sua profissão, o que gerou piadas, rendendo risadas.

No momento dos agradecimentos finais, um dos comediantes que abriram o meu show, Susu Pitbull, disse que conhecia A. e sugeriu de forma descontraída que eu pedisse para ele me “passar a visão”. Sem entender completamente o pedido, fiz o que foi sugerido e perguntei: “me passe a visão.” Para minha surpresa, A. levantou-se, caminhou até o palco e me entregou literalmente seu olho, uma prótese ocular. Foi um grande choque. Sem dúvida, uma das experiências mais inesperadas que já vivi em cena, seguida por uma explosão de risos na plateia.

Naquele momento, interagi com a situação, fazendo algumas piadas, porém, com medo, cautela e respeito. Ao passo que a plateia estava rindo fortemente e A. também, segui em mais interações e piadas sobre o ocorrido.

Este episódio me deixou reflexivo sobre os limites do humor, especialmente por tocar em um aspecto tão pessoal de alguém, como uma característica física que poderia ser um ponto sensível de A. Não foi ele quem espontaneamente trouxe o tema à tona, mas sim Susu, o comediante. Isso me gerou uma dúvida interna: eu tinha permissão para brincar com algo tão particular? Estaria A. realmente confortável com aquela situação?

Figura 12 - Momento em que interagi com a prótese ocular. Espetáculo Dando Certo em Natal/RN no dia 16 de dezembro de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Aparentemente, ele estava. Riu, interagiu e se manteve participativo durante toda a situação, assim como a plateia, que ria cada vez mais.

Essa experiência me fez refletir sobre como os limites do humor são muitas vezes moldados por um acordo tácito entre o comediante, o alvo da piada e a audiência. Parecia que eu tinha a permissão de A., mesmo lidando com algo que poderia facilmente ser considerado de mau gosto ou ofensivo. Assim como a energia do público me mostrava que eu tinha a permissão daquelas pessoas para fazer aquelas piadas. No final, fui até ele para pedir desculpas, caso tivesse ultrapassado algum limite. Ele não só disse que não precisava de desculpas como agradeceu e elogiou muito o show. Embora a situação tivesse um grande potencial para ser

problemática, a energia no momento foi leve e permissiva, fazendo com que todos rissem juntos e, aparentemente, sem constrangimentos.

A situação inusitada envolvendo A. e sua prótese ocular traz à tona uma reflexão sobre os limites do humor, que podem ser profundamente subjetivos e contextuais. O comediante cearense Titela, em sua entrevista ao jornal O Povo, afirmou: “o limite do humor pra mim é a graça, se for engraçado é humor, se ninguém riu, não é” (BARROS, 2024). Essa perspectiva, centrada na resposta do público como termômetro para o sucesso ou fracasso de uma piada, oferece uma maneira prática de avaliar o humor, mas ao mesmo tempo, simplifica uma questão complexa.

No episódio com A., a graça surgiu de um momento inesperado e profundamente pessoal, e, apesar do risco evidente de ultrapassar um limite, a resposta da plateia, que foi de risadas genuínas, validou aquela interação como humorística. No entanto, essa validação não elimina a necessidade de reflexão sobre o tipo de humor envolvido. Embora o público tenha rido e A. tenha demonstrado estar confortável, a situação poderia facilmente ter sido interpretada como extremamente invasiva ou de mau gosto, dependendo de nuances como a minha entrega das piadas e a receptividade de A.

O que a frase de Titela, e que já ouvi de outros comediantes, não captura completamente, na minha opinião, é a dimensão relacional do humor. Não se trata apenas de fazer a plateia rir, mas de compreender as dinâmicas de poder e sensibilidade envolvidas em cada interação. O comediante, ao entrar em um acordo implícito com o alvo da piada e com a plateia, precisa equilibrar a intenção humorística com o respeito à experiência individual. No caso de A., o fato dele ter entregado seu olho e participado da brincadeira sugere que havia um espaço seguro para o humor naquele contexto, reforçando que, além da graça, o humor bem-sucedido depende da conexão humana e da leitura sensível do ambiente.

O comediante Leo Lins, embora amplamente conhecido por seu humor ácido e politicamente incorreto, já abordou, em seu livro *Notas de um Comediante Stand-up*, a importância de sensibilidade ao lidar com certas situações e ver quem está na plateia:

Teve um show no Comédia em Pé, onde por três vezes após o público bater palma, uma pessoa continuava batendo. Ainda bem que nenhum dos comediantes tirou o sarro disso, pois depois ficamos sabendo que era um garoto deficiente mental. Imagine a cena, se um dos comediantes falasse: 'tem alguém meio devagar na plateia, depois que os outros batem palma, o retardado começa'. Nessa hora o casal se levanta com o filho e vai embora, e as pessoas veem que a criança é deficiente. Eu nunca passei por algo assim e

espero que você nunca passe, sinceramente acho que não dá pra continuar um show depois de uma gafe dessas (LINS, 2012).

Fica claro que uma piada naquele contexto poderia ter causado um constrangimento profundo, arruinando o clima do show. Esse alerta de Leo Lins, que hoje é famoso por explorar temas polêmicos e que já enfrentou críticas e processos devido ao teor de suas piadas, que frequentemente tocam em temas sensíveis, como minorias sociais, questões raciais e deficiências físicas, demonstra que mesmo os comediantes mais controversos reconhecem os limites tácitos que se desenham no humor.

O caso do show de Natal ilustra bem como essas fronteiras podem ser nebulosas. A questão da sensibilidade estava em jogo. Não se tratava apenas de manter a plateia entretida, mas também de garantir que A. estivesse confortável e que a piada não estivesse ultrapassando limites pessoais. Para mim, a comédia não é apenas sobre provocar risadas, ela envolve a compreensão das dinâmicas de poder e sensibilidade entre o comediante, a plateia e o alvo das piadas.

Em contraste, a apresentação no dia seguinte em Recife no O Marco Zero *Clube* da Comédia apresentou muitos desafios. O espaço, que era novo para mim, tinha capacidade para aproximadamente 100 pessoas, mas naquele dia apenas cerca de 20 compareceram.

A falta de uma produção local eficaz em garantir uma casa cheia foi um fator desmotivador. Não foi a frustração financeira que mais me afetou, mas sim a frustração artística de realizar um show em um espaço vazio.

A comédia, em todos os seus estilos, é uma linguagem que depende intensamente da energia e das reações do público, logo conseguir se conectar com uma plateia pequena é algo muito difícil.

Figura 13 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Recife/PE no dia 17 de dezembro de 2023



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Além disso, a plateia não estava fácil naquele dia, então decidi partir para as interações para atrair a atenção do público. Fazer *crowd work* não é fácil; se você não conseguir ser engraçado e aprofundar a interação, pode parecer apenas um monte de perguntas soltas. Alguns comediantes até tiram sarro de quem faz isso de maneira superficial, referindo-se a essas interações como "pesquisa do IBGE": Onde você mora? É casado? Tem carro?

Para que o *crowd work* seja eficaz, é necessário mais do que apenas fazer perguntas. O comediante deve ser capaz de improvisar e criar humor a partir das respostas do público, transformando informações banais em material cômico. Isso exige uma combinação de habilidades, incluindo raciocínio rápido, criatividade e uma boa leitura da plateia.

Além disso, um bom *crowd work* envolve construir uma narrativa e encontrar um fio condutor nas respostas do público, o que cria uma sensação de coesão e continuidade na apresentação. Os melhores comediantes que dominam essa técnica conseguem transformar interações aparentemente aleatórias em momentos memoráveis.

Foi então que, num insight, durante as interações lembrei de algo que havia feito completamente na improvisação anteriormente: a "ola". Este movimento, inicialmente improvisado em Belo Horizonte, se mostrou eficaz em reacender a energia da plateia e quis testá-lo novamente em Recife.

Naquele show, introduzi uma nova versão da "ola". Comecei como de costume, escolhendo alguém da plateia para iniciar e explicando a dinâmica, o que já gerava risadas. Porém, dessa vez, decidi que alguém seria responsável por fechar a ola, encerrando aquele momento. Selecionei uma das pessoas com quem mais interagi ao longo da apresentação, posicionei-o ao lado do palco e, quando a “onda” chegasse até ele, pedi que se levantasse e dissesse "aqui no meu". Foi tudo no improviso, tanto é que, pensando bem, essa frase nem faz muito sentido.

Ainda assim, a situação toda se manteve engraçada. Porém, a interação improvisada trouxe um elemento perigoso. Chamar alguém da plateia para brincar é sempre um risco. A pessoa saiu de casa para rir, e enquanto alguns adoram virar parte do show, para outros isso pode ser traumático, especialmente se forem tímidos. Acredito que não dá para expor alguém apenas em benefício da risada dos demais, é necessário ser responsável. Mas, naquele momento, a conexão que eu já havia estabelecido com o público e com a pessoa que selecionei para fechar a “ola” garantiu que o desfecho fosse leve e divertido.

Foi uma daquelas situações em que o improviso, por mais inusitado que pareça, encontra seu momento perfeito. A plateia riu, e o participante entrou na brincadeira sem hesitar. Isso me fez refletir sobre como o humor, especialmente o improvisado, exige um equilíbrio cuidadoso entre risco e confiança. No final das contas, eu estava testando os limites do que poderia ser dito ou feito no palco, mas o público estava ao meu lado, e a piada, apesar de arriscada, funcionou sem ultrapassar fronteiras delicadas.

A partir do momento em que conduzi a “ola”, senti que conquistei o público e, com isso, a dinâmica do show melhorou significativamente.

Após essa apresentação, a "ola" se tornou um elemento fixo no meu espetáculo, transformando-se em um dos pontos altos do show. Hoje, utilizo um fechamento ligeiramente diferente: substituí a frase “aqui no meu” por “tranquei o meu”, que acredito se encaixar melhor. Essa mudança manteve o impacto, e esse momento continua sendo um dos mais fortes da apresentação.

No dia 5 de janeiro de 2024, apresentei, pela nona vez, meu espetáculo "Dando Certo". Dessa vez foi novamente em Belo Horizonte e retornar à minha cidade natal sempre traz uma carga emocional. É a minha casa. Sinto que tenho um compromisso diferente com aquele público, um desejo profundo de entregar o melhor show possível.

Escolhi novamente o Copo Sujo *Comedy Club*, o mesmo que antes havia apenas 14 espectadores. Desta vez, o espaço estava lotado, com ingressos esgotados.

Figura 14 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo *Comedy Club* no dia 05 de janeiro de 2024



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Na comédia, costumamos dizer que quando o comediante é conhecido, ele começa com uma vantagem. Em uma noite em que o público comparece para rir, mas não necessariamente para assistir a você especificamente, é necessário conquistar a plateia, e isso nem sempre é tarefa fácil. No entanto, naquela ocasião, as pessoas saíram de suas casas com a intenção de me assistir. Isso fez com que, ao iniciar meu show, elas já estivessem predispostas a rir comigo. Assim, a conexão com a plateia foi imediata.

Voltar a Belo Horizonte, ser recebido de forma tão calorosa e sentir o público rindo de tudo e acompanhando cada momento do show foi uma experiência extremamente gratificante. É como se cada risada fosse um reconhecimento do esforço e dedicação que começaram naquela cidade aos meus 16 anos. A noite foi marcada não apenas pelas risadas, mas também pela sensação de pertencimento e validação.

Após a experiência gratificante de retornar a Belo Horizonte, com um público caloroso e casa lotada, minha 11ª apresentação na cidade trouxe novos desafios. O show, realizado em 12 de julho de 2024 no Copo Sujo *Comedy Club*, teve um cenário bem diferente. Enquanto na

apresentação anterior o público estava lá para me ver, desta vez, as estratégias de publicidade e divulgação não conseguiram atrair um público engajado. O foco da promoção estava voltado para outra peça em cartaz, e o *comedy club* não cumpriu o combinado. O resultado foi uma plateia reduzida a apenas 22 pessoas, das quais apenas quatro conheciam meu trabalho.

Figura 15 – Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Belo Horizonte/MG no Copo Sujo *Comedy Club* no dia 12 de julho de 2024



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Essa situação trouxe um desafio profundo, pois eu precisava me conectar com um público que, na sua maioria, não estava familiarizado com o meu estilo de comédia. Foi a primeira vez que precisei adaptar quase todas as piadas no palco, ajustando meu material para um público que não compartilhava a mesma familiaridade com temas, assuntos e situações voltadas para o público gay.

Acredito que um comediante deve ser capaz de se adaptar a diferentes plateias, mas atualmente, dependemos do Instagram e de outras redes sociais para promover nosso trabalho. Nessas plataformas, a estratégia predominante é focar em nichos para alcançar crescimento e engajamento. Como resultado, estou cada vez mais direcionando meu trabalho e alinhando meu conteúdo para o público LGBTQIA+.

O show, que começou com a frustração pela baixa venda de ingressos, logo trouxe uma sensação inquietante durante a apresentação. A dificuldade inicial em me conectar com a plateia foi clara, pois a maioria das pessoas não estavam alinhados com o tema central do meu show. Isso me forçou a improvisar e recorrer a piadas antigas que não fazem parte do meu repertório

atual, mas que poderiam ressoar com aquele público. Acabei revisitando piadas mais genéricas, que não usava há muito tempo. Essa experiência me fez perceber o valor de visitar esse material. Existem piadas valiosas que escrevi no passado e que ainda merecem atenção. Sobre isso, Lins destaca:

Não deixe suas piadas mais antigas abandonadas nos confins da sua mente ou amassadas no fundo de um saco, cuide delas, para que continuem em forma. Devo confessar que é muito gratificante ver que uma piada que você escreveu anos atrás, arranca a mesma reação quando você volta a contá-la (LINS, 2012).

Essa experiência me fez refletir que, embora eu esteja focado em criar conteúdo voltados para o público LGBTQIA+ para crescer nas redes sociais, é igualmente importante não só criar piadas, mas também aprimorar as antigas. Com os anos de experiência no palco, percebo que posso revisar e melhorar muitas piadas do passado, seja adicionando novas camadas de humor, ajustando o setup ou aprimorando a entrega. Claro, nem todas as piadas antigas permanecem adequadas; algumas podem estar datadas ou ter perdido relevância. No entanto, algumas ainda têm grande potencial e podem ser revitalizadas com os ajustes certos.

O início do show foi complicado e gerou frustração, então precisei recorrer ao artifício de admitir quando uma piada não funcionava. Quando uma piada não agrada, isso é geralmente perceptível para todos. Muitas vezes, reconhecer a falha pode provocar risadas, pois o público vê a honestidade como parte do espetáculo. Segundo Lins, “assuma que a piada foi uma porcaria, isso faz as pessoas rirem. A sinceridade desta frase (essa piada foi uma merda), frente a situação, é um punch certo. Não fique com vergonha de admitir que a piada foi ruim” (LINS, 2012).

Nesse show, em uma ocasião específica, usei a frase “tinha que ser gay para entender essa”, o que gerou uma reação muito positiva. No entanto, é importante usar essa abordagem com moderação. “Você pode recorrer a ele 1 ou 2 vezes. Falar pela 8ª vez: “essa piada também não deu certo” não vai te salvar” (LINS, 2012). O objetivo principal não é depender de estratégias para justificar falhas, mas sim apresentar um texto que naturalmente divirta o público e mantenha a conexão com ele ao longo do show.

Apesar das dificuldades, consegui ajustar o final com um material que se encaixava melhor para aquele público, o que resultou em um término bem-sucedido. O show acabou de forma positiva, e essa adaptação de última hora me permitiu encerrar a apresentação de maneira satisfatória.

O décimo show ocorreu na cidade de Fortaleza, em 18 de maio de 2024, exatamente no mês em que eu completava um ano da primeira apresentação. Desta vez, a performance aconteceu no *Aí Dentu Comedy*, um *clube* de comédia com capacidade para 180 lugares.

Mais uma vez, a produção foi um desafio à parte. Vender ingressos sempre é uma tarefa difícil e, neste caso, afetou fortemente a minha autoestima como artista. Meu desejo é dar passos maiores, esgotar sessões em teatros de mil lugares pelo Brasil afora, mas estava ali, lutando para colocar 180 pessoas em um local na cidade em que moro. Foi um verdadeiro balde de água fria.

Isto me fez sentir desanimado. Refleti porque ainda persisto na comédia após todos esses anos. Embora tenha conquistado várias coisas, feitos shows memoráveis e trabalhos que me orgulho muito, ainda estou longe de alcançar meus objetivos.

Figura 16 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo em Fortaleza/CE no dia 18 de maio de 2024



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Foi então que recebi o apoio de outros comediantes, alguns muito maiores do que eu, em termos de fama e projeção. Esses comediantes grandes do Ceará me ajudaram divulgando meu show e compartilhando suas experiências parecidas. Isso chegou para mim como um lembrete da montanha-russa que, muitas vezes, é a vida do artista: em um momento, apresentando em casas lotadas com ingressos esgotados, em outro, lutando para atrair gente

suficiente, para que não seja “vergonhoso” em relação à público. Uma rede de parcerias se formou espontaneamente e esse apoio renovou minha motivação. Não me senti só.

Embora o *stand-up* seja uma forma de arte solitária, com o comediante sozinho no palco, focado em fortalecer sua própria imagem como artista, existe uma rede de outros comediantes que enfrentam os mesmos desafios. Estamos sozinhos no palco, mas não precisamos estar sozinhos em nossa trajetória profissional. Esse espírito de colaboração e troca de experiências torna o caminho mais leve e, muitas vezes, mais produtivo.

Apesar de não ter conseguido encher a casa, consegui reunir um bom número de pessoas, cerca de 90. Combinei com os funcionários do *comedy club* para colocarem as cadeiras de maneira espaçada, criando a impressão de casa cheia. Pior do que apresentar para poucas pessoas, é apresentar em espaços grandes, porém vazios. Essa estratégia funcionou, proporcionando uma atmosfera mais acolhedora e intimista.

3.6. O Caminho do Comediante: Futuro do Espetáculo e da Carreira

Após a experiência desafiadora da minha apresentação no Aí Dentu *Comedy*, em Fortaleza, as 12ª e 13ª apresentações me proporcionaram novas reflexões sobre meu papel, tanto como comediante quanto como produtor. Essas apresentações me fizeram pensar sobre o futuro, os próximos passos com o espetáculo Dando Certo e minha carreira na comédia *stand-up*. Elas marcaram momentos importantes de aprendizado e me impulsionaram a reavaliar meu caminho e as decisões que precisarei tomar daqui para frente.

Minha 12ª apresentação aconteceu na Casa da Comédia Carioca, um teatro intimista com capacidade para cerca de 120 pessoas, mas naquela noite estavam aproximadamente 80. Foi minha estreia no Rio de Janeiro, o que trouxe uma mistura de nervosismo e entusiasmo. Esta apresentação está disponível no *Youtube*²⁶.

²⁶ Link para vídeo do show Dando Certo: <https://youtu.be/RNyR51T8qFY>

Figura 17 - Foto da apresentação do espetáculo Dando Certo na Casa da Comédia Carioca no Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 2024



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Minha 13ª apresentação ocorreu em São Paulo, no Acústico *Comedy*, um pequeno *comedy club* com capacidade para apenas 45 pessoas. O show estava esgotado, e a energia da plateia foi incrível desde o início. Assim como no Rio, era minha primeira vez apresentando meu solo naquela cidade. A proximidade proporcionada pelo ambiente compacto fez o show fluir de maneira especial, criando uma conexão ainda mais forte com o público. Foi uma noite memorável. No entanto, apesar da satisfação por uma apresentação bem-sucedida, a frustração persistiu por não ter conseguido realizar duas sessões, como eu havia planejado.

Figura 18 - Foto da apresentação do espetáculo *Dando Certo no Acústico Comedy* em São Paulo no dia 26 de julho de 2024



Fonte: Acervo Pessoal do Pesquisador

Ambos os shows foram bem recebidos. Muitos da plateia já conheciam meu trabalho pelos vídeos na internet. Saí de ambas as apresentações com a sensação de ter conquistado o público e estabelecido uma relação muito positiva com eles. Mas, por outro lado, veio a frustração: a sensação de, mais uma vez, estar implorando para que as pessoas comprem meus ingressos e assistam meu show.

Ao final da apresentação no Rio, enquanto conversava com algumas pessoas que esperaram para tirar fotos, uma delas comentou: "Achei que teria mais gente aqui, você é tão bom.". Essa observação gerou a dúvida: Onde estou errando como artista e produtor? Meu material é realmente bom? Minha performance é boa? Estou falhando na produção e divulgação? Quais caminhos seguir para crescer e manter uma carreira na comédia no Brasil?

Essas perguntas ecoam e fazem parte do desafio de se equilibrar entre a criação artística e a necessidade de ser seu próprio produtor. A frustração é inevitável, porque, como artista, meu foco é criar, entreter e me conectar com as pessoas, no entanto, a realidade do cenário da comédia — e da arte no Brasil como um todo — exige que, na maioria dos casos, sejamos também nossos próprios produtores, gestores, e até mesmo publicitários. E aí vem a grande pergunta: será que eu não estou errando justamente nisso? Será que estou falhando na forma como apresento meu material ao mundo?

Essas dúvidas não são novas para mim, mas se intensificam a cada apresentação em que a quantidade de público não corresponde às minhas expectativas. É uma sensação estranha, essa dualidade entre ser artista e produtor de si mesmo. Eu sempre fui apaixonado pelo palco, pela arte de contar piadas e provocar reflexões por meio do humor. Mas a necessidade de me promover, criar campanhas, pedir para que as pessoas comprem ingressos, muitas vezes parece que desvia minha energia do que realmente me alegra: o palco e a comédia.

Será que existe realmente uma fórmula? Uma maneira certa de se destacar em meio a tantos artistas e comediantes, especialmente em um país que historicamente não valoriza tanto a cultura e as artes? Vejo colegas na mesma batalha: alguns alcançando sucesso, enquanto outros enfrentam as mesmas dificuldades. Isso me leva a pensar que talvez não haja uma fórmula universal, mas sim diferentes caminhos a serem explorados, dependendo do estilo, do público e do momento.

A arte, especialmente a comédia, exige vulnerabilidade, e quando o reconhecimento não vem da forma esperada, a insegurança bate forte. A pergunta “será que sou bom o suficiente?” é quase inevitável, e aí está o erro de procurar essa resposta apenas nos números de ingressos vendidos ou nas campanhas que não funcionaram. Talvez, o verdadeiro questionamento seja sobre até que ponto estamos dispostos a nos reinventar, tanto no palco quanto fora dele, para encontrar novas formas de fazer a nossa arte chegar aonde precisa chegar.

Um lado positivo em mim pensa assim, mas outro pensa: em tantos anos de jornada você já não sei reinventou várias vezes? Ainda vale a pena?

Essa ida à São Paulo para apresentar meu solo, me mostrou que a cidade tem uma cena de *stand-up* forte. A cada esquina parece haver um espaço para apresentações. Esse pensamento me fez refletir sobre o destino de muitos comediantes que migram para São Paulo em busca de sucesso. Será que é lá o lugar do artista? Será que preciso estar em São Paulo para me destacar? É lá que devo estar para dar o próximo passo na carreira?

A decisão de se mudar para São Paulo é, muitas vezes, carregada de incertezas. Devo ser mais um desses artistas que arriscam tudo e tentam conquistar seu espaço em meio a tantos talentos? Ou será que é possível crescer, ganhar visibilidade e manter uma carreira sólida em outras partes do Brasil?

Lembro de uma conversa que tive com o Moisés Loureiro, comediante do Ceará, que me marcou profundamente. Ele disse algo que ficou na minha cabeça: “O comediante tem que

estar onde ele produz.” Essa frase carrega uma verdade importante. Não adianta estar em um lugar com inúmeras oportunidades se você não está, de fato, produzindo. É o trabalho constante, seja aonde for, que faz o comediante crescer.

Essa fala de Loureiro me faz pensar que talvez a busca não seja necessariamente por estar em um determinado espaço, mas sim por estar em um lugar em que o artista consiga gerar conteúdo, evoluir e criar conexões reais com o público. Se é em São Paulo, no Ceará, em Belo Horizonte ou em qualquer outro lugar, o que importa é a consistência na produção e na entrega.

No final das contas, essa busca constante entre ser um bom comediante e um bom produtor nunca tem uma resposta definitiva. O importante é continuar me questionando e me adaptando, sem deixar que as frustrações apaguem a paixão pelo que eu faço. Se existe uma fórmula, talvez ela resida justamente nisso: em não parar de tentar, de aprender e de crescer, mesmo quando o caminho parece incerto.

As treze primeiras apresentações do espetáculo Dando Certo foram cruciais para a evolução do show e para meu crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Cada apresentação trouxe lições valiosas e momentos de aprendizado, desde a superação de desafios de produção até a criação de uma conexão genuína com diferentes públicos. Essas experiências me permitiram refinar o material, ajustar o timing das piadas, explorar novas interações com a plateia e incorporar elementos espontâneos que, com o tempo, se tornaram partes essenciais do espetáculo.

Cada cidade e cada palco trouxeram insights únicos, contribuindo para um show que se transforma a cada apresentação, refletindo meu constante aprendizado e aprimoramento no *stand-up comedy*. Essas experiências fortaleceram minha resiliência e minha capacidade de adaptação, reforçando a importância de me reinventar constantemente como comediante.

Comecei em 2008 e ainda estou longe de onde desejo chegar como artista, mas sigo me divertindo com as alegrias que encontro pelo caminho e aprendendo com as oportunidades que aparecem na minha trajetória como comediante. E, no fim, é esse processo contínuo de crescimento que mantém viva a paixão pelo que faço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre me perguntaram qual é o limite do humor e nesta jornada de pesquisa, busquei compreender essa questão, explorando o universo da comédia *stand-up* e a responsabilidade ética do comediante. Utilizei minha própria experiência no palco para questionar, refletir e entender a relação entre a liberdade de expressão e o compromisso ético do comediante. Durante o processo de investigação, não apenas apresentei as inquietações que me movem como artista, mas também consegui compreendê-las melhor, aprofundando-me nas minhas aflições, questionamentos e nos desdobramentos dessas questões.

Usando do humor também para levar informação e conhecimento, fiz a escolha de utilizar a comédia *stand-up* para falar, em formato de piada, de assuntos que eu considerava que precisavam ser ditos. O que me faz pensar que, diferente dos que dizem que “com isso não se faz piada”, acredito que se pode utilizar a comédia para tratar de qualquer assunto. O que determina se algo será considerado ofensivo não é a comédia em si, mas sim o conteúdo e a forma que ela é construída. Escolher a maneira que a piada vai ser apresentada é uma escolha estética.

Contar uma piada entre amigos em um ambiente informal tem uma aceitação diferente em comparação com a mesma piada sendo transmitida na TV no horário da tarde, por exemplo. A questão da censura envolve considerações sobre o público-alvo e o momento em que a piada é feita. Por exemplo, piadas de teor sexual são inadequadas para um público mais jovem ou em um contexto familiar, como em um show que inclua crianças na plateia. É importante reconhecer que certas piadas podem ser consideradas deslocadas ou até mesmo ofensivas quando não são adaptadas ao contexto adequado.

Percebo mais claramente que não há uma resposta definitiva nem uma linha clara que separe o que é aceitável do que é inaceitável no humor – e nem deveria haver. Se houvesse uma linha demarcada sobre até onde o humor pode ir, quem teria autoridade para traçá-la? Isso seria problemático, pois implicaria uma normatização do que pode ou não ser dito, comprometendo a liberdade criativa do comediante e colocando em risco a própria função do humor, que é também questionar e desafiar convenções.

Ainda não tenho respostas definitivas para meus questionamentos. Acredito que a comédia não tem poder de criar preconceitos e discriminações; ela joga com o que já está posto na sociedade e, através da identificação, gera o riso. Entretanto, a grande questão é que, muitas

vezes, o que está posto na sociedade ataca minorias sociais. Uma piada homofóbica gerará identificação em pessoas homofóbicas. Uma piada racista gerará identificação em pessoas racistas. Por esse ponto de vista, consigo perceber a comédia como um campo fomentador de discriminações e preconceitos e, com isso, um agente naturalizador de comportamentos ofensivos.

Tenho firme a ideia de que a comédia é um campo rico para abordar temas, levantar discursos e questões relevantes, denunciar comportamentos e com isso levar as pessoas, de maneira divertida e engraçada, a refletir.

Reconheço que pode ser desafiador para o comediante adotar um pensamento empático durante a criação de seus textos, mas acredito que esse é um passo essencial para construir um humor que respeite as complexidades do mundo em que vivemos.

Essa é a reflexão que continuará guiando meu trabalho daqui em diante. O humor é uma arte viva e em constante transformação, e eu sigo determinado a aprofundar minha compreensão sobre as escolhas éticas e estéticas que faço como comediante. Acredito que este é o caminho necessário para contribuir com uma comédia mais consciente, responsável e alinhada com os valores que busco transmitir, tanto no palco quanto fora dele.

As reflexões geradas ao longo do processo de pesquisa me trouxeram algumas respostas, mas, sobretudo, abriram caminhos para novas perguntas. E são as perguntas o que me movem enquanto comediante e pesquisador. Diante dessa trama de pensamentos e das minhas vivências na comédia *stand-up*, acredito que esta investigação está apenas no começo. A questão permanece aberta, e minha busca por respostas inevitavelmente fechará algumas portas e abrirá muitas outras. Sigo minha jornada com mais bagagem, repertório e maturidade, consciente de que não se trata de encontrar uma resposta final. O humor é uma arte em constante construção, e o meu objetivo é continuar questionando, ajustando minha prática e explorando novas possibilidades no palco, sem jamais perder de vista o compromisso com a autenticidade e a responsabilidade.

Foi por causa desta pesquisa que finalmente criei o "Dando Certo". O solo já poderia e deveria ter surgido antes, mas foi o compromisso com a necessidade de apresentar um produto artístico para a minha pesquisa de mestrado que me fez mergulhar no meu material, revisando meus textos antigos, selecionando aqueles que ainda dialogavam comigo e criando piadas para compor o show. Com as apresentações, o "Dando Certo" se tornou um verdadeiro laboratório

vivo, onde pude testar minhas ideias, desejos, vontades de inovação e aplicá-las na prática. Meu objetivo foi ir além de apenas procurar gerar risos na plateia, mas também apresentar uma comédia que evitasse reforçar preconceitos, especialmente em relação a minorias sociais, sem deixar de lado a espontaneidade e a liberdade que o *stand-up* permite.

Cada uma das 13 apresentações foi uma oportunidade de me confrontar com as questões que surgiram ao longo da pesquisa, e as experiências em diferentes cidades mostraram que a receptividade do público é sempre imprevisível. Enfrentei a tentação de recorrer a estereótipos para garantir risadas e aprendi que o riso, por si só, não é um sinal definitivo de sucesso para uma piada. Mais do que isso, precisei ler os sinais da plateia e adaptar minhas escolhas no palco, o que exigiu um constante equilíbrio entre agradar e manter a integridade do meu humor.

Essas experiências me levaram a refletir sobre a responsabilidade compartilhada entre o comediante e o público na validação de certos tipos de humor e como ela afeta o que acaba sendo dito no palco. Por exemplo, percebi que parte do público ainda espera que, por ser um comediante gay, eu recorra a clichês sobre a minha vivência. No entanto, compreendi que, mesmo quando uma piada gera risadas, ela pode reforçar preconceitos com os quais não quero compactuar.

Aprendi muito com todas as pessoas que assistiram aos meus shows do "Dando Certo" – seja em Belo Horizonte, Fortaleza, Natal, Recife, Rio de Janeiro ou São Paulo. Foram as reações delas – tanto as risadas quanto os silêncios – que me fizeram refletir, repensar e modificar meu material. Com essas trocas, pude compreender melhor que a percepção do humor varia de acordo com o contexto e a sensibilidade de cada pessoa. A comédia *stand-up*, portanto, vai além do riso, ela exige uma postura de autocrítica e responsabilidade constante por parte do comediante.

Para mim, a comédia é uma arte em construção contínua, onde não há garantias de acerto, apenas a necessidade de tentar, ajustar e recomeçar. Especialmente no *stand-up*, um gênero tão autoral e pessoal, e esse processo de adaptação é essencial para o crescimento como artista e para a evolução do próprio material.

Se me perguntassem hoje quais são os limites do humor, responderia sem ter uma verdade absoluta, mas talvez com mais embasamento e um pensamento mais elaborado. Diria que não existe um tema proibido para o humor – esse é o meu pensamento atual. Todos os temas podem ser abordados com humor, mas o que não há mais espaço é para a ofensa gratuita, mesmo

disfarçada de piada. Não há mais lugar para atacar minorias já tão marginalizadas ou agredir indivíduos de forma pessoal. E, se um comediante decidir seguir por esse caminho, precisa estar ciente das consequências que podem surgir. Mais do que definir limites, é importante refletir sobre as consequências do humor e reconhecer que elas podem variar.

Essas variações ocorrem porque o humor é uma forma de expressão que lida com o inesperado e com a subversão de expectativas. O impacto de uma piada não é determinado apenas pelo que o que nós comediantes dizemos, embora eu acredite que devemos manter a responsabilidade ética sempre em mente, mas também da forma como o público interpreta e reage. Além disso, as reações podem mudar com o tempo, à medida que os discursos sociais evoluem, transformando o que antes era aceitável em algo potencialmente ofensivo ou inadequado.

Concluir esta dissertação é reconhecer que, para mim, a responsabilidade ética do comediante é um processo contínuo de aprendizado. Não pretendo ter todas as respostas e acredito ser impossível tê-las, mas é a disposição de continuar me questionando e ajustando meu trabalho que me coloca em um caminho mais consciente e responsável. Nunca chegarei a uma "fórmula" para um humor ético, mas, mesmo assim, acredito que o importante é continuar me reinventando. O segredo pode não estar em encontrar respostas definitivas, mas em aceitar que o humor, assim como a vida, é feito de incertezas e imperfeições. E é nesse terreno instável que ele vai "dando certo", à medida que ajusto minhas piadas e aprendo com cada riso e cada silêncio da plateia.

Em dezesseis anos de trajetória na comédia *stand-up*, estou longe de alcançar todos os meus objetivos como artista, mas cada passo dessa jornada, seja marcado por aplausos ou pela frustração de uma casa vazia, me lembra por que escolhi a comédia como forma de vida. O palco é onde encontro sentido para as minhas inquietações e onde exploro minhas limitações e potencialidades, tanto como comediante quanto como ser humano.

Esta investigação está apenas começando e, com a certeza de que essa busca é interminável, sigo em frente, questionando e refletindo sobre o que significa, para mim, fazer comédia nos dias de hoje.

Esse processo de pesquisa reafirmou meu compromisso com a comédia e me desafiou a continuar sempre me questionando. Afinal, o que seria do humor sem espaço para a dúvida, a reflexão e, claro, a liberdade de rir dos nossos próprios erros?

5. REFERÊNCIAS

BAHK TIN, M. **A Cultura Popular Na Idade Media E No Renascimento: O Contexto De Francois Rabel.** [s.l.] Hucitec Editora, 2021.

BARROS, L. **Memes, música no TikTok, trends e fantoches: campanhas de Fortaleza apostam no humor** Leia mais em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/eleicoes/2024/09/13/memes-musica-no-tiktok-trends-e-fantoches-campanhas-de-fortaleza-apostam-no-humor.html> ©2022 Todos os direitos são reservados ao Portal O POVO, conforme a Lei nº 9.610/98. A publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia são proibidas. O Povo, 13 set. 2024. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/eleicoes/2024/09/13/memes-musica-no-tiktok-trends-e-fantoches-campanhas-de-fortaleza-apostam-no-humor.html>>. Acesso em: 25 set. 2024

BASTOS, R. **Rafinha Bastos de Frente com Gabi.** , 26 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZHcHpKHdqY&t=317s>>

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BERND, Z. **Introducao a Literatura Negra.** [s.l.] Editora Brasiliense, 1970.

BINEMBOJM, G. **STF mantém decisão que autorizou exibição de especial de Natal do Porta dos Fundos.** , 3 nov. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/11/03/stf-mantem-decisao-que-autorizou-netflix-a-exibir-especial-de-natal-do-porta-dos-fundos.ghtml>>

CARDOSO, P. **Pedro Cardoso no Brasil de Fato Entrevista.** , 18 set. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dUbeAZVVzvl&t=531s>>. Acesso em: 25 out. 2024

CARDOSO, P. **Sem Censura Recebe Pedro Cardoso, Jackie Silva, Hugo Henrique e Ana Braga.** , 16 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrwQXU5Ey04&t=2406s>>. Acesso em: 25 out. 2024

CARTER, J. **Stand-up comedy: the book.** New York, N.Y: Dell Pub, 1989.

CASTRO, T. **Na ditadura, Chico Anysio contava piadas entre o Jornal Nacional e a novela das oito.** **Noticias da TV**, 22 abr. 2018. Disponível em: <Na ditadura, Chico Anysio contava piadas entre o Jornal Nacional e a novela das oito... - Leia mais em <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/na-ditadura-chico-anysio-contava-piadas-entre-o-jornal-nacional-e-novela-das-oito--20121?cpid=txt>>. Acesso em: 3 abr. 2024

CORDI. **Para Filosofar.** 3. ed. [s.l.] Editora Scipione, 2021.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas (Aluno).** [s.l.] Editora Saraiva, 2021.

DIAS, L. **Leo Lins, o cancelamento, politicamente correto e a liberdade no humor.** **Metropolis**, 4 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/leo->

lins-o-cancelamento-politicamente-correto-e-a-liberdade-no-humor>. Acesso em: 25 out. 2024

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. [s.l.] Editora Universidade de Brasília, 2007.

FO, D. **Manual Mínimo do Autor**. [s.l.] Editora SENAC São Paulo, 2009.

FREUD, S. **Edição Especial De Sigmund Freud**. [s.l.] Imago, 2008.

GALLETO, L. **Entrevista Concedida A Edgar Vicente Quintanilha da Rocha**. , 7 out. 2024.

GEIER, M. **Do que riem as pessoas inteligentes?** [s.l.] Editora Record, 2021.

GRUDA, M. P. P. **O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo**. Assis: Universidade Estadual Paulista, 18 dez. 2015.

GUELFE, K. **Reflexões sobre a comédia stand up#1**. **Medium**, 27 fev. 2022. Disponível em: <<https://medium.com/@kelvinguelfepenteado/reflex%C3%B5es-sobre-a-com%C3%A9dia-1-43919f3f1038>>. Acesso em: 25 out. 2024

HELLER, A. **O Cotidiano E a História**. [s.l.] Editora Paz e Terra, 2021.

HERÓDOTO. **Historia. Libros I-II**. 1st ed ed. Barcelona: Gredos, Editorial, S.A, 2020.

HOBBS, T. **Human Nature of the Fundamental Elements of Policy Bound With De Corpore Político**. [s.l: s.n.].

LEITE, G. **Limites do Humor**. **JornalJurid**, 29 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/limites-do-humor>>. Acesso em: 25 out. 2024

LINS, L. **Notas de um comediante stand up**. [s.l.] Nossa Cultura, 2012.

LINS, L. **Segredos da comédia stand-up**. [s.l.] Panda Books, 2021.

MARSIGLIA, A. **O Humor sendo arte, piada e ficção**. , 9 jul. 2022.

MARTINO, L. M. S. **Teoria Da Comunicação: Ideias, Conceitos E Métodos**. [s.l.] Editora Vozes, 2021.

MINOIS, G. **Historia Do Riso E Do Escarnio**. [s.l.] Editora Unesp, 2003.

O Riso dos Outros. TV Câmara, , 2012.

OLIVEIRA, L. **(Não) É só uma piada: Análise de práticas discriminatórias disfarçadas em discursos de humor**. Trabalho de Conclusão de Curso—Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

PORCHAT, F. **Qual é o limite do humor?** , 11 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Rv-5NPU064&t=115s>>. Acesso em: 3 abr. 2024

RIBEIRO, D. **O verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime.** **Geledés**, 7 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-verdadeiro-humor-e-aquele-que-da-um-soco-figado-de-quem-oprime-por-djamila-ribeiro/>>. Acesso em: 24 out. 2024

SABINO, M. **Deixem Léo Lins fazer piadas ruins.** **Metropoles**, 27 maio 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/mario-sabino/deixem-leo-lins-fazer-piadas-ruins>>. Acesso em: 24 out. 2024

SAMPAIO, T. **Os limites do humor: reflexões sobre legislação e lugar de fala no Brasil.** **Journal 48**, 11 ago. 2023. Disponível em: <<https://journal48.com/pessoas-com-deficiencia/limites-do-humor-reflexoes-sobre-legislacao-e-lugar-de-fala-no-brasil/#:~:text=%E2%80%99CN%C3%A3o%20existem%20atividades%20humanas%20ou,o%20pluralismo%E2%80%99D%2C%20diz%20ela>>. Acesso em: 24 out. 2024

SANTOS, B. C. L.; FRANÇA JUNIOR, F. DE A. É comédia ou ofensa? Ponderações jurídico-criminais sobre os limites da liberdade de expressão artística. **Boletim Publicação do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais**, n. 368, 2023.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214–241, 30 ago. 2017.

SECHINATO, J. S. **No espetáculo do riso : uma abordagem etnográfica da comédia stand-up.** Dissertação—São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SILVA, F. M. AS VÁRIAS FACES DO RISO. **Travessia**, v. 4, n. 1, 2010.

SMITH, E. S. **Writing television sitcoms.** Rev. and expanded ed ed. New York: Penguin Group, 2009.

SOUZA, H. B. Pelo Direito de Rir: Uma Análise do Local da Comédia nas Teorias Teatrais. **Repertório: Teatro & Dança**, n. 16, 2013.

ANEXO A — TEXTO DO ESPETÁCULO “DANDO CERTO”

DANDO CERTO

Stand-up de Edgar Quintanilha

Boa noite, senhoras e senhores. Delícia estar aqui. Olha só, só gente bonita. Tem exceções (apontado para alguém da plateia). Estou brincando, viu? Qual é o seu nome? (fulano). Você não é feio não, viu fulano? Você é horroroso.

Vamos começar esse espetáculo. Eu vou me virar de costas, até porque chama “Dando Certo”. Eu vou me virar de costas e quando eu estiver de costas vocês gritam: “Edgar, Edgar”. Um ou dois aqui gritam: gostoso. Combinado, pode ser? Então, me virei de costas. (volto jogando papel colorido para cima). Depois dessa, quem não tinha percebido agora já percebeu. Sim... eu sou mineiro! Percebeu pelo sotaque? Adoro um pau de queijo. Alguém aqui não sabia que eu sou gay? (enfiar o microfone na boca). Viu só. Sou gay. Desde criança. Eu acordava cedo só para ouvir a Xuxa falar:

- Quem quer pau, quem quer pau, quem quer pau...

E eu de frente pra televisão:

-Eu, eu, eu.

-Xuxa que, por sinal, tem músicas com duplo sentido, viu? Tem mensagem subliminar. Tem uma música da Xuxa que ela diz o seguinte:

“Vamos brincar de índio, mas sem mocinho para me pegar”.

Quer dizer, sapatão. Tem uma que com certeza ela canta pensando numa frase que o Pelé devia falar para ela na cama quando eram casados:

“Vou te mostrar que é de chocolate...”

Vai lá, Xuxa, para você ver o tamanho. O tamanho do Toblerone. Eu amo chocolate. Temos chocólatras hoje aqui presentes? Quem aqui é chocólatra, por favor, levante a mão. Qual é seu nome? [fulana]

Você é casada, solteira? (usar essa informação para brincar com o companheiro) Mas chocolate é muito bom, né? Chocolate libera endorfina, que é o hormônio do prazer. É o mesmo hormônio

liberado durante o ato sexual. O que me leva a pensar que a pessoa que come muito chocolate e quer comer mais, não é de chocolate que tá precisando. É de outra barra.

[interagir com o casal. Se for casada ou namorando: o marido pode tá oferecendo só um Bis]

Vocês se conheceram onde? (usar como link para iniciar outro texto) Foi Tinder? Eu já tive namoro de Tinder, já deu certo. Já tive namoro de Grindr. Alguém aqui sabe o que é Grindr? Olha, o Grindr é praticamente um Tinder, só que é voltado para os viados. (Virar para alguém do público e falar: claro, você já sabia). Por mais incrível que possa parecer, o Tinder tem muito mais decência do que o Grindr, porque no Grindr você manda um “oi” e recebe uma foto de piroca. Teve uma vez que eu falei pro cara: manda foto. Quando ele mandou, eu falei: isso é uma nebulosa? Eu fui ver e era o cu do viado. Fiquei chocado. Isso é o Grindr! E aí teve uma vez que eu fui sair com o cara do Grindr. Foi legal e tudo, mas a gente demorou para ter o segundo encontro. Aí no segundo encontro eu fui fazer uma piada, brincadeirinha. Ele falou assim:

- Nossa, você sumiu.

Eu falei:

- Ah é porque eu estava preso.

Piada, piada. Aí ele falou:

- Ah, você também já foi?

Nessa hora eu gelei, segurei o cu na mão. Mas logo, já soltei também. E foi uma noite incrível, inesquecível. Roubou meu celular e minha carteira. Estou brincando, foi inesquecível, porque o filho da puta me deixou um chupão na nuca. Chupão já é sacanagem. Agora, na nuca? Chupão na nuca é um grande outdoor piscando: “Dei o cu”. O que é isso, gente? Belo Horizonte, um calor da porra e eu de gola rolê. E o pessoal perguntando na rua:

- O que foi?

-Garganta inflamada.

-Chupa uma pastilha.

-O problema foi que eu chupei coisa maior.

Mas Tinder também não é muito bom não, viu? Porque eu já vi o Tinder das minhas amigas mulheres. Não é bom! Você vai ver, a primeira foto do cara, é o cara encostado no carro. A segunda foto do cara, é o cara encostado na moto. Aí você vê a terceira foto do cara e é o cara encostado num cachorro. Quer dizer, macho é puro encosto. Não sei por que a gente gosta. Sei, sim [fazendo gesto do tamanho com as mãos].

Eu, na verdade, estou querendo uma coisa mais assim, amorzinho. Não sei se eu vou encontrar no Tinder não, porque eu estou querendo agora namorar. Eu estou nessa vibe de querer namorar. Ficar em casa, juntinhos vendo um filme gay, da Netflix... Olha só, filme gay da Netflix, eu quero fazer um protesto também, hein? É sempre filme sobre dor, amor proibido, desejo reprimido, sofrimento, sofrimento, sofrimento...

O próprio O Segredo de Brokeback Mountain, é um filme que eu sempre assisti chorando e de pau duro. Eu quero filmes gay com temáticas interessantes, sabe? Viado trambiqueiro, roubando banco, gay astronauta, dando o cu na lua. Vai ser difícil pra quicar, né? Imagina [fazer o acting agachando na lua]. E se a chuca falhar? “Houston, we have a problem!”. Ou melhor: “Boston, we have a problem”.

Viado com Alzheimer. Olha que trama maravilhosa, gente! Bota dois atores bons pra fazer. Bota os dois juntos, bem bonitinhos de mãos dadas, sentados na praça, bem casalzinho. Lá no fundo, o sol se põe. Aí um vira pro outro e fala:

- Oh amor, eu te amo tanto!

Aí outro responde:

-Porra, viado... tá me estranhando? Vai te foder, caralho!

Esqueceu o que é viado! Olha que trama maravilhosa, gente! É isso que eu quero! Filmes gay tão bons, igual os filmes héteros! Imagina se Titanic fosse um filme gay? Botava aquele tanto de viado num cruzeiro, olha... Isso seria o verdadeiro cruzeiro das loucas! O capitão louco de MD, pilotando o navio! Quando batesse alguém perguntaria:

- Bateu, viado?

-Bateu, agora bateu! [fazendo acting de que a droga bateu]

E mesmo se o navio afundasse ninguém ia morrer, porque viado é meio piranha e piranha sabe nadar! É isso que eu quero, gente! Filmes bons com gay no meio, novelas boas com gay no meio... Eu adoro novela! Principalmente novela mexicana!

Sempre tem aqueles diálogos pesados! Vamos fazer uma simulação.

Finge que essa aqui é a atriz, viu, gente! Trabalho imaginário, aí tá aqui é atriz! [pegar o pedestal e brincar]. E finge que eu sou o galã. Mais fácil de ver, né? E novela mexicana tem uns diálogos pesados do tipo:

- EU que tanto te amei! Juliana Angelica, você não tinha o direito de ter feito isso comigo. [acting]

O cara começa falando com a atriz e termina falando com Deus! Eu, se fosse dublador de novelas mexicanas, eu ia fazer sacanagem!

Eu que tanto te amei! Juliana Angelica... queima ela, meu senhor

Outra coisa que eu não entendo nas novelas mexicanas: o choro. Porque quando a gente está triste a gente chora. Normal! Foi traído, chora! Bateu o carro, chora. Perdeu o emprego, chora! Mas chora em pé e com a dignidade! Já o pessoal nas novelas mexicanas também chora! Mas chora escorrendo pela parede (acting). Se você vir alguém na sua vida chorando, assim, “acode” que é infarto.

Vocês viram que a interpretação. Que atuação, você viu? Eu sou formado em teatro pela UFMG! Bacharelado pra dar o cu. Mas também fiz licenciatura. Posso te ensinar. Eu sou ator mesmo! Já fiz muitas peças infantis! E, por sinal, foi numa peça infantil que me tiraram do armário pela primeira vez! Eu fazia uma peça infantil sobre ecologia! Aí a última fala da peça toda, quem dava era eu, olha que surpresa. Era o seguinte. Eu entrava todo serelepe e falava:

- Vamos combinar uma coisa? A próxima vez que vocês virem uma árvore, dá uma piscadinha pra ela. Eu tenho certeza que ela vai balançar uma folhinha pra você.

Aí uma criança gritou:

- Boiola

Meu Deus, me traumatizou. Uma criança matou meu sonho. Eu queria era fazer musicais infantis, fazer A Bela e a Fera. Eu acho que eu nasci pra fazer A Bela e a Fera (interagir com alguém da plateia e pedir para escolher uma mão e fazer gesto)

- Viu como eu sou agressivo!

Eu nasci pra fazer musicais, porém não faço e tudo por culpa de uma criança que me traumatizou. Meu sonho era fazer o Saltimbancos. Eu queria ser a galinha e cantar no palco,

toda a penosa cantando: Au, au, au. Hi-ho hi-ho. Miau, miau, miau. Cocorocó. E boto aquele ovo enorme... cloaca pra isso eu tenho. Mas hoje eu não topo mais, pois uma criança matou meu sonho. Acabou meu sonho de estar em musicais da Disney. Disney que por sinal tem uma mensagem subliminar. O cão é muito bem articulado. A Damares estava certa. Olha só, repara bem a história da Cinderela. O príncipe não queria se casar, o pai preocupado resolver fazer uma festa pra ver se ele encontrava uma mulher. Faz a festa e por quem que o príncipe se apaixona? Pela mulher que usa o sapato mais bonito.

- Amapô, que sapato de cristal bafo, é swarovski? Apaixonou.

Olha só, outra história que não é boa pra criança: Chapeuzinho Vermelho, porque é uma comilança danada. O lobo come a Chapeuzinho, come a veia, e se o lobo for o Jacob do Crepúsculo, pode me comer também que não tem nenhum problema.

Outra história é o Gato de Botas. Não é pra criança. São dois viados conversando:

-Ah menina, ontem eu fui na vaquejada, sabe? Fui na vaquejada e encontrei um bofe, chapelão, camisa xadrez, fivela... enfim, um gato... de botas. Olha só, gente. Agora tem nenhuma história que essa sim, os conservadores podem contar para os seus filhos, porque não tem nenhum problema, que é a história da Rapunzel. Com aquela trança cumprida e com aquele vestido enorme, eu tenho certeza que ela é da Assembleia de Deus.

Mudando de assunto, tem sapatônicas aqui hoje presente? Se manifeste no nome do senhor. Eu adoro sapatão, porque sapatão deu uma briga, viado corre, já a sapatão enfrenta. Brota uma garrafa de Heineken e ela já sai pra luta:

- O que que é? O que que foi?

Agora fico pensando, como deve ser triste a vida de uma sapatão, que tem a língua presa não? Porque sapatão gosta do negócio. Homem hétero não gosta. Faz com nojinho (acting).

- O sapinho faz humm ahhh hummm.

Olha só que sofrimento gente. Já a sapatônica vira a Jade do Clone na xereca (acting).

Aí não tem sofrimento. Falando em sofrência, Marília Mendonça. Eu não sei se vocês viram, mas ela conseguiu ultrapassar Lady Gaga e Michael Jackson em visualizações no YouTube, olha só gente, coisa maravilhosa. Aí essa matéria saiu e uns amigos meus falaram assim:

- Ah agora que a Marília Mendonça ultrapassou a Lady Gaga, isso significa que tem mais corno do que viado no mundo. Oh gente, eu sou a prova viva de que você pode ser os dois. Tanto é que xingamento nem cola mais comigo. A pessoa grita:

- Oh, viado.

Eu respondo:

- Oi, tudo bem, querido?

- Oh, corno.

Eu falo

- Oi, querido

- Vai tomar no...

- Uai... quero!

Por sinal, eu acho que tinha que trabalhar a inclusão e a diversidade na hora da ofensa. Porque a pessoa que está me ofendendo e fala: vai tomar no cu, eu:

- Uai... Eu achei que você ia me agredir. Você fez foi me agradar.

Agora eu estou morando em Fortaleza e eu tenho mais amigos héteros do que gays. Aí, às vezes, o meu programa de domingo é assistir o brasileirão de futebol na televisão. Olha a derrota, meu Deus!

E hétero se envolve com futebol, né? Às vezes aparece uns “chupa”, para o juiz, “chupa!”. E eu só pensando:

- Eu chupo, pelo amor de Deus! Faça uma fila...

E tem uns: “Ei, juiz! Vai tomar no cu” e eu só no celular pesquisando concurso para arbitro. Aí eu tava lá vendo futebol com meus amigos e deixei, sem querer, cerveja cair no chão. Sem querer.

Ai, meu amigo: Pow, Edgar. Vai dar meia hora de cu com o relógio parado!

Fiquei ofendido? Fiquei ofendido! Não por ter que dar o cu, mas pelos 30 minutos... Só isso, gente! Não, vamos render à tarde toda! Era só isso que precisava? Derramar cerveja para eu dar o cu a tarde inteira com o relógio parado? Delícia

Agora eu já chego derramando Heineken... Ou melhor, cara... cu (acting)

Já soltaram pra mim:

-Ah Edgar, vai chupar um canavial de rola.

E eu só pensado onde que eu vou achar um canavial, mas chupo uai... chupo e assovio ao mesmo tempo.

E aí esses meus amigos héteros resolveram me levar para um puteiro. Nunca tinha ido. Não era um puteiro, era um Scot Bar. Aí chegamos lá e uma menina fazendo um show. Aí meus amigos comunicaram pra menina lá que era a minha primeira vez aí ela veio e fez um show privê para mim. E a menina toda bonitona fazendo o show. Olha minha cara de tristeza que eu já estou aqui. [acting com o pedestal]

Eu estava com essa cara aqui. [acting] E ela toda bonita. O show era lindo. Até que meus amigos perguntaram: - E aí, tá gostando?

E eu: - Ah, ela tá arrasando, né?

Até que essa menina, do nada, passou a mão da cerveja de alguém, não era a minha. Jogou a cerveja nos peitos, me pegou pelo pescoço e falou: TOMA! [empurrando o pedestal no peito]. Nessa hora, o tempo parou pra mim. Eu só escutava um “PAHHHHHHHHHHHHHHH”. Durou a eternidade. Eu vi uma luz branca. Eu achei que era luz no fundo todo e “PAHHHHHHHHHHHHHHH”. Fui ver uma espinha que ela tinha no meio do peito.

Quando ela me voltou, meus amigos: - E aí? Gostou?

Eu: - Um gosto de Monange da porra! Misturada com Itaipava.

Aí eu fui chorar num canto. Chorando e refletindo:

-Edgar, você saiu de BH, pra beber Itaipava do peito da puta.

Aí a menina ficou lá se divertindo com os meus amigos héteros e aquela brincadeira de joga cerveja pra cá e cai cerveja aqui... derramando cerveja no chão todo. E eu chorando num canto só falei:

- Olha, podem até derramar cerveja nela, hein, mas a meia hora de cu que vai dar sou eu.

Meu Deus, gente. É muita humilhação que o viado passa nessa vida, gente, não é verdade?

Uma humilhação que eu não passo mais: tentar arrumar namorado. Cansei. Não quero mais namorar! Essa vida de procurar um boy é difícil demais. Aí depois você sai de casa pra encontrar um cara e fica duas horas pra ele explicar qual é a função do... (pegar profissão de alguém que eu já tenha interagido antes... call-back).

Eu não estou mais marcando date, não! Agora eu marco encontros produtivos. Vamo de date? Vamos. Onde? No cartório! Eu estou precisando reconhecer firma! Aí eu vou aqui autenticar um documento, você segura uma fila pra mim. Quero apenas dates produtivos. Vamos sair? Vamos sair! Onde? Você vai ser o meu acompanhante responsável no meu exame de endoscopia. Ali a gente se conhece mais. Vamos sair? vamos sair! Pra onde? Pra biqueira... fazer um corre. É isso que eu tô querendo. E tá caro, tá caro sair pra date. A cerveja tá cara. Vocês já viram o preço que a Heineken está?! Vocês já viram o preço que o ky está? Eu não uso mais lubrificante. Agora eu substituo pelo que tá na frente. E depois da pandemia, o que está na frente é sempre álcool em gel. Olha só, gente!

Cada bombada, pá, é um shot. Vou falar pra vocês de coração, meu sonho de princesa, de coração. Era ter a capacidade, a habilidade de chupar meu próprio pau. Isso é que é liberdade, autossuficiência. Depois falam que o ser humano é o animal mais evoluído que tem. Porra nenhuma! Pois eu trocaria minha capacidade de elaboração cognitiva pelo dom que o cachorro tem de lambar o próprio saco. Em casa ele se resolve. Não precisa sair de casa. Dependendo, pegar dois ônibus pra transar no... (falar o bairro de alguém que eu já tenha brincado antes... call-back).

Desisti de namorar, o jeito é seguir na vida de solteiro. E eu moro na terra das micaretas. Adoro micareta. Na micareta você pode ser a pessoa mais feia do mundo, você pode ser a pessoa mais feia do universo, na micareta você pode ser o (falar o nome de alguém que eu já tenha interagido) que você vai pegar alguém. Adoro Micareta. Aquele axé rolando e a cerveja quente. E a música de axé não precisa ter sentido. Basta que ela tenha rimas. Tanto é que tem uma música da banda Jamil e Uma Noites que tem uma estrofe que fala o seguinte: “Eu queria levar você no meu porta-luva. Te dar um beijo de sol e um beijo de chuva”.

Levas no porta-luva? Esse cara namora quem? O pequeno Polegar? O documento do carro? E pra essa banda Jamil rimar é um negócio tão necessário que numa música toda em português, pra rimar eles falam uma frase em inglês: “Tchau! I have to go now!”. Se a intenção, é fazer uma rima fácil, faz em português mesmo: Tchau! Pega no meu...

Bom que ia cair na segunda característica do axé. A música pra ser de axé tem que ter uma besteirinha. Se não tiver, não é axé. Tanto é que tem uma música da banda Asa de Águia que mesmo falando de um ar-condicionado quebrado, eles colocam putaria:

“Olha que aqui tá quente, tá frio. Muito quente, tá frio... pega no peitinho dela.”

Meu Deus, de onde saiu essa teta? Tá errado isso. Paga um jantar primeiro. Agora vocês já repararam que o axé ficou é muito mais rico, filosófico, depois da chegada do funk. O que que é?

“Bebeu água? Tá com sede? Olha olha olha a água mineral.”

Perto de: “Vou pro baile sem cueca pro malandro balançar. Balança, balança, balança”. Pelo menos o axé usa uns eufemismos:

“Agora pare, pegue no bumbum. Agora mexe, pegue no compasso.”

Já o funk manda a mensagem direto, sem medo de ser feliz:

“Mulher cabeluda é coisa do passado. A moda agora é a mulher do cu raspado. Figaro fi, figaro fa... se tá cabeludo vai ter que raspar.”

O que é isso? É jingle da Gillete?

Eu escutei um funk esses dias que eu fiquei horrorizado: “É festa do três por um, é três bucinha pra cada piru”.

E tem gente que fala que o funk é um estilo musical de conteúdo erótico. Eu discordo, pra mim o funk não tem conteúdo. E eu vou mostrar isso pra vocês na música do grande poeta e filósofo Mr Catra:

“Vem, Mariana, Juliana, Marieta, Julieta,

Vem, Aline, Yasmin, Jaqueline,

Vem, Stephany, Francine

Vem a Carla, vem a Maura, vem a Ana,

A Fernanda, a Adriana, a Vanessa, a Andressa

A Michele, Mariele, a Gracinda

Vem todo mundo!”

Ele já tinha chamado todo mundo, não? Faltou alguém?

Mudando de assunto, esses dias eu tava lendo sobre as leis mais estranhas do mundo. Tem uma lei afegã que permite ao homem negar a comida caso a sua mulher lhe negue sexo. Lá é assim: se eu não como, ninguém come.

Lugar mais estranho é Singapura, onde eles proíbem o boquete. A não ser que seja feito para fins de entretenimento. É qual o fim do boquete a não ser o entretenimento? Tortura? Imagina (acting). Eu falava tudo.

E Singapura é um lugar tão estranho, que além do boquete, eles proíbem a pornografia. Sem o boquete eu até fico com você, mas sem a pornografia? Chegar em casa e não poder acessar o trepechupe.com.br. Pra mim o X-Vídeos é muito mais importante que o Google. Foi lá que eu vi o melhor filme pornô da minha vida. Era um filme pornô, mas ele tinha um tema. Ele tinha como tema o empreendedorismo. Chama-se Abrindo O Próprio Negócio. Começava o filme com uma mulher muito bonita. Era secretária. Ela tava à toa na sua sala digitando e decide:

- Ah, vou me masturbar.

E começa com um DJ frenético. Sem medo de ser demitida.

Aí chega o patrão. Ao invés dela ficar preocupada pensando: vou ser despedida, eu tenho 3 filhos pra criar. Vou cair no seguro-desemprego. Não. Ela cai de boca na piroca do patrão. Eis que a atriz do nada, passou a mão na mesa, pegou um cigarro e puglou na perseguida. Meu Deus, o que que é isso? E vou te falar, fumava. E como fumava. Foi o cigarro quase todo na primeira tragada. Nessa hora, eu senti falta daquela tela azul: “o mistério da saúde...”, de verdade...

Aí eu pensei: como assim tem xerecas fumantes e ninguém falando nada. Fulano (interagir com alguém que já mexi), já viu uma xereca fumante? Nunca viu nem uma xereca, né? Quem dirá uma que fuma. Eu fui pesquisar sobre o tema e descobri que é o tal do pompoarismo. Dá pra fazer coisas maravilhosas com a xereca.

Coisas maravilhosas. Eu vi um vídeo que a menina enfiava uma pedrinha de gelo e pá, cuspiam no copo de uísque. Que mira, filha da puta, que é essa? Eu mijo e resvalo pra fora, ela foi assim, pá, no copo. Nem precisa de garçom, bota essa mulher sentada aqui, olha. Ela rega todo mundo, olha só. Eu vi um vídeo que a menina enfiava uma bolinha de ping-pong, aí tinha uma mesinha, uma redinha e ela jogava tênis de mesa com a outra: Pá, pá, pá, pá, pá, pum, pá.

E sacava, fazia tudo... esporte olímpico. Eu vi uma outra que tinha que ser contratada, pois ela vale por dois funcionários. Ela enchia um balão com o poder da xereca, enchendo pela boca e outro pela xereca, olha só. Contrata pra fazer festa infantil, olha só, gente. Ela enche dois de uma vez, olha só. Eu vi uma outra menina que tirava todas as bandeirinhas do mundo da xereca dela. Ia saindo tudo, Colômbia, Bolívia. Ela tirou a bandeira do Vaticano da xereca, gente. Olha que situação.

Vi uma que a menina enfiava uma banana inteira e cuspiam fatiada. Você vê a falta que não faz uma faca, né? Isso não é uma xereca, isso é uma Tramontina.

Fatiada. Transar com essa mulher é transar com uma guilhotina (acting). Você quer ser o pau de novo? Vai buscar.

Mas dá pra fazer pompoarismo com o cu também, viu, querido? Vamos falar sobre o cu aqui agora? Eu acho que a gente precisa falar sobre o cu. Porque o cu tá sendo deixado de lado. Tudo bem, às vezes ele faz umas cagadas mesmo, tudo bem. Mas tem muita gente metendo o pau no cu. A gente precisa falar bem do cu.

Porque o cu, gente, que é uma coisa com mais significado e significante do que o cu? Eu vou até fazer o seguinte, eu vou evitar falar essa palavra, que a partir de agora vai ser tanto cu, cu, cu, cu, cu, cu, que eu vou deixar essa obrigação pra vocês. Então, quando eu fizer esse gesto (fazer o gesto de OK), aí vocês digam em alto bom som aquela palavra maravilhosa. (o público fala)

Que coisa linda. Por exemplo, gente. Olha só como é que ele é cheio de significado e significante. Quando a pessoa, ela tá cheia de tesão, a gente fala que ela tá com fogo no... (público responde)

Quando a pessoa quer, mas não quer. Fala que não quer mas na verdade quer, ela tá fazendo... (público responde). Às vezes, vem até temperado, gente.

Quando a pessoa tá morrendo de medo. Viu dois caras na moto de noite, ela tá com o... (público responde). O meu eu já soltei tem tempo.

E vai... Por exemplo, encher o (público responde) de cachaça. Comer até o (público responde) fazer bico. Nasceu com o (público responde) virado pra lua. É de cair o (público responde) da bunda. Quer coisa com mais significado do que o cu? O cu significa tudo. Ele tá na boca do brasileiro. De tanto falar, às vezes tá na minha boca também.

Cheio de significados, e tem muita gente que por preconceito tá deixando de olhar pra essa zona tão maravilhosa. Porque o ânus é uma das zonas com mais terminações nervosas que tem. No meu caso é verdade. O meu é extremamente nervoso. Pronto, ataque! Mas o logo é uma das zonas mais erógenas. E tem muito homem que por viadagem tá deixando de lado esse potencial:

-Ah não, no meu cu não pode.

Viadagem. Eu vou fazer uma pesquisa aqui só para os homens héteros. Quem aqui é homem hétero e faz fio terra pode levantar a mão. Eu vou perguntar de novo, hein? Quem aqui é homem hétero praticante do “fio terra”? Tem gente que mente. Olha só, gente. Viadagem. Está desperdiçando uma área potente de tesão... Ah não, no meu cu não pode. Olha que viadagem.

O verdadeiro “macho-alfa” é aquele que fala: mulher, te prepara porque hoje tu vai me dedar. Olha só, gente. Esse que é o “macho-alfa”, pois é uma das zonas mais erógenas do corpo humano. E às vezes salva relacionamentos. Eu tenho uma amiga que essa coisinha pequena salvou o relacionamento dela.

Ela já tava no relacionamento com o namorado já tinha uns 3 anos. Estava meio ruim e ela foi tentar fazer uma brincadeirinha num dia lá pra apimentar. Estava ele, ela e um picolé. Ela foi descendo, beijando a boca dele, com o picolé. E desceu pro abdômen, com o picolé... e vai no abdômen... e no picolé. Foi pra zona do agrião, sabe? O neno... neno cu, neno ovo. Até que ela chegou no olho de Thundera. O olho de Sauron. O “precioso” tava lá olhando pra ela. Ela não pensou duas vezes, olhou pro olho de Sauron. Olhou pro picolé e pá. Touchê. Escorreu uma lágrima do olho do menino, e só deu tempo dele falar: “KIBON”. Tão juntos até hoje.

[momento de interação – fazer a “ola” do cu]

(interação com um homem – preferencialmente acompanhado por mulher)

Você é hétero mesmo? Mentira. Mas você já ficou com um homem? Então como é que você sabe que você é hétero?

Essa pergunta é extremamente indelicada e indiscreta, mas nós gays ouvimos a todo tempo. Você é gay? Sou. Já ficou com mulher? Não. Então como é que você sabe que você é gay? Meu pinto me dá spoiler.

Tem outras coisas que a gente que é gay não aguenta mais ouvir. Uma é quando falam assim: “Ah, você é gay?” Que desperdício. Desperdício, meu amor, é o que sobra. Tem gente que tá comendo.

Às vezes tem gente que quer até agradar e fala assim: “Ah, você é gay? Vou te apresentar prum outro amigo meu que também é gay”. Como se fosse a coisa mais difícil do mundo achar outro por aí. É viado, não é mico-leão-dourado. Não tá extinção. A gente se acha sozinho, sabe?

Teve uma amiga minha, que uma vez me falou: “Ah, amigo, estou tão insegura no meu relacionamento. Descobre se meu namorado, é gay?”. Meu amor, se você que namora não sabe, como que eu vou saber? Ah não, é porque ele usa essas roupas estranhas, sabe? Sapatênis, camisa pólo cor de rosa. Amiga, seu namorado não é gay, ele é eleitor do Partido NOVO.

Agora, o que mais estressa é quando falam assim: e quando foi que você virou gay? Foi num sábado de manhã. Eu não tava fazendo nada, nada. Olhei pra mim mesmo no espelho e falei: viado. Era sábado de manhã, minha mãe fazendo almoço, eu: “Hum, hoje eu vou comer algo diferente”. Era um cu.

Ninguém “vira” viado. A pessoa vira médico, vegetariano, vira crente, vira pedreiro, “vira vira lobisomem”, se vira nos trinta, vira a mão na cara de alguém, vira no Jiraya, mas viado ninguém vira. E o contrário também acontece. Se o cara nasceu hétero, você pode chegar e esfregar uma foto de dois caras se beijando na cara dele, que ele continua sendo hétero. Você pode esfregar o CD da Pabllo Vittar na cara dele, que ele continua sendo hétero. Você pode esfregar a rola do Cauã Reymond (acting), que aí eu já não sei. Tô brincando. Se fosse a rola fosse pelo menos do Neymar. Brincadeira, continua sendo hétero. A gente já nasce com a nossa sexualidade. A pessoa pode até demorar pra aceitar. Por exemplo, eu demorei. Eu tive uma crush na adolescência e fui muito apaixonado por ela. Muito. E ela chamava Britney Spears. Depois você descobre que o nome não é crush, é “diva”. Agora, a vida pra gente não é fácil. Por exemplo, se comparar a minha vida com a (escolher alguém que eu já interagi antes), eu tenho certeza que eu já tomei muito mais no cu... se bem que... não sei.

Na realidade, a única coisa que a gente quer é respeito. Até porque a minha vida é tão merda quanto a vida de qualquer um presente aqui. Seja hétero ou gay. Eu vou pro trabalho e só tomo no cu. Vou pra faculdade e só tomo no cu. De noite eu vou encontrar com o boy... aí varia. E esse papo de que agora só tem viado no mundo. A grande maioria é hétero. Um ou outro é que dá certo. E no caso eu dou mesmo... Ou melhor, estou dando... “DANDO CERTO”!

Muito obrigado